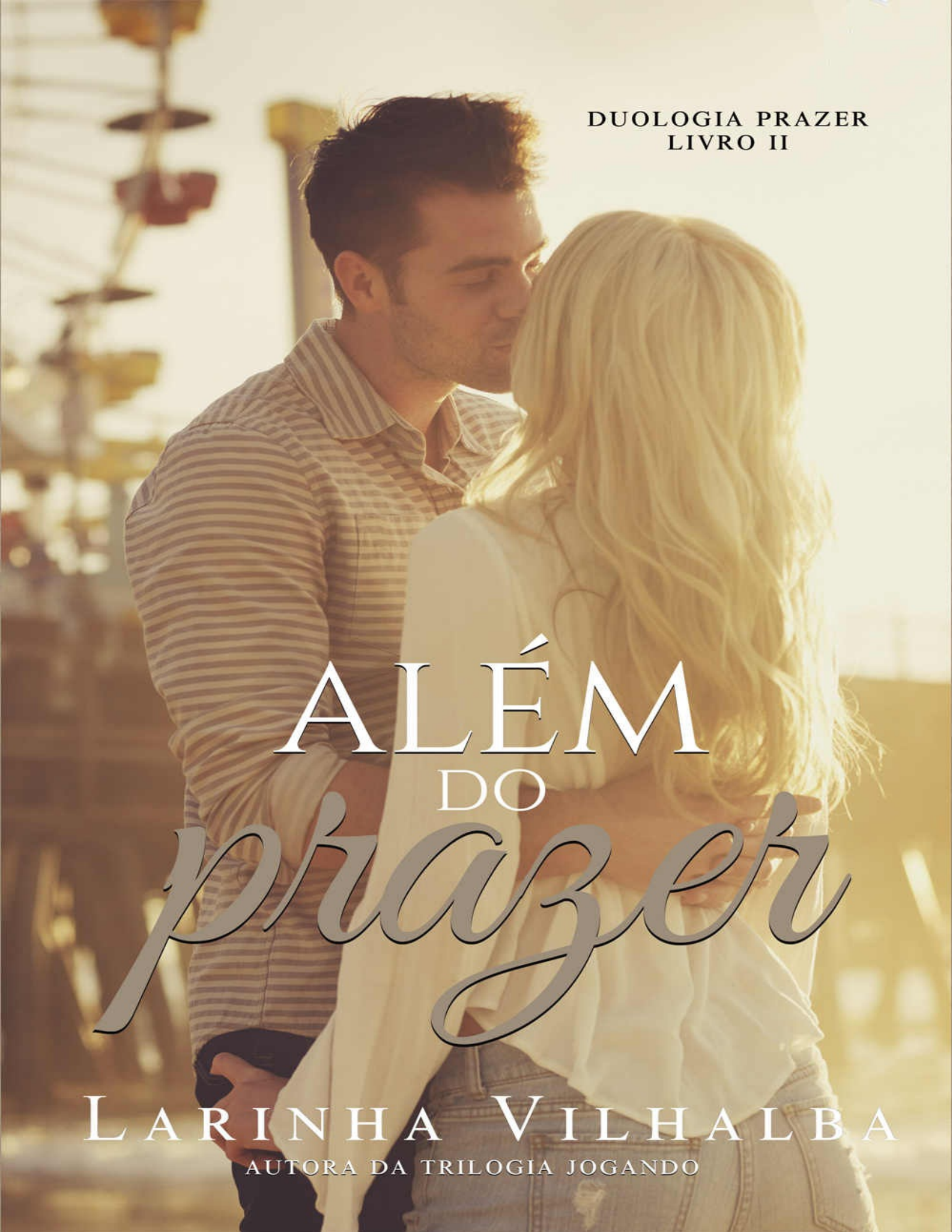


A romantic couple embracing at sunset. The man, with dark hair and a striped shirt, is kissing the woman on the cheek. The woman has long, wavy blonde hair and is wearing a white top and jeans. The background is a warm, golden sunset with a blurred Ferris wheel and other structures.

DUOLOGIA PRAZER
LIVRO II

ALÉM
DO
prazer

LARINHA VILHALBA
AUTORA DA TRILOGIA JOGANDO



DUOLOGIA PRAZER

LIVRO II

ALÉM
DO *prazer*

LARINHA VILHALBA
AUTORA DA TRILOGIA JOGANDO

Sinopse

A misteriosa e implacável Escarlate arrebatava olhares e despertava desejo e luxúria de homens e mulheres a sua volta.

Ninguém sabe de onde ela veio...

Ninguém sabe sobre o seu passado...

Apenas conseguem enxergar uma mulher linda, sexy e destemida em busca do seu próprio prazer.

Até que surge um certo Bartender que consegue ver além do que ela se dispõe a revelar sobre si mesma.

Enrico está disposto a apresentar a Escarlate uma vida “Além do prazer”. Mas será que ela está disposta a aceitar?

Capa: Carol Cappia

Revisão: Carol Cappia

Diagramação digital: Carol Cappia

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento/e ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios— tangível ou intangível —sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.



Prólogo

O lugar mais seguro para uma criança deveria ser a sua casa, o seu lar. Um lugar cheio de carinho, amor e principalmente proteção.

Na minha infância e início da adolescência o que era para ser a minha casa, o meu lar, era, na verdade, o meu inferno.

Nunca estive segura.

As pessoas que tinham que me proteger, foram as que mais me fizeram sofrer. Deixaram-me com cicatrizes profundas na alma.

Pedi ajuda várias vezes, mas ninguém me ouviu, ninguém me ajudou. Minha mãe não acreditava em minhas palavras, me proibiu de tocar no assunto. Calei-me, não porque ela pediu, mas porque naquele mesmo dia ele apertou o meu pescoço.

Senti o ar faltar...

Ele me ameaçou...

Calei-me...

O tempo passou até que o inevitável aconteceu.

Se você ver que vai morrer, mate ou pelo menos tente. Foi o que eu fiz.



CAPÍTULO 1 — ESCARLATE

Escarlate não é o meu nome, mas poderia ser. Se eu fosse uma garota de programa algumas pessoas iriam dizer que esse era o meu nome de “guerra”. Mas não sou, poderia ter até me tornado uma ou poderia estar presa, ser viciada em drogas ou até mesmo estar morta. Poderia ter tido um destino completamente diferente do que tenho hoje. Mas, podemos dizer que sobrevivi.

Não foi fácil, mas consegui seguir minha vida, mesmo o destino deixando tudo mais difícil, deixando tudo muito doloroso.

Completamente sozinha, sem pai, sem mãe, sem amigos ou parentes. Peguei todas as pedras que encontrei em meu caminho e as usei para me dar força e garra para lutar por um futuro diferente. De certa forma hoje estou bem.

Aqui no “ENIGMA CLUB”, uma famosa e seletiva casa de swing, eu sou Escarlate. Gosto desse nome, ele representa força, sensualidade, poder. Esse nome representa a mulher que sou hoje. Pelo menos por fora.

Fora do Clube, sou Maria, uma pessoa normal como qualquer outra, que acorda cedo para trabalhar e tem uma vida sem grandes emoções. Não sou órfã, mas preferia que fosse. Quando era criança lembro que minha mãe dizia que eu tinha o nome lindo. Maria Aparecida Francisco é o meu nome verdadeiro. Acho que é o nome mais comum que existe no Brasil. Segundo minha mãe, esse nome, Maria, representava pureza e amor e que eu era igual o meu nome. Era inocente e pura, com olhos claros, pele branca e cabelo loiro. Um anjo.

Nunca entendia muito o que significava, mas conforme o tempo foi passando...

— Um drink para a mulher mais bela da noite.

Saio dos meus pensamentos e volto a minha realidade no momento.

— Não pedi — digo olhando para Enrico.

— Uma cortesia da casa. — Deposita o drink na mesa. — Uma mulher tão linda como você merece.

Enrico é Bartender do Enigma Club, ele é sempre simpático, tem um sorriso no rosto, mas hoje não estou a fim de seus galanteios.

— Enrico, a casa sabe que você sai distribuindo bebida como cortesia? — pergunto o olhando.

— Não estou distribuindo bebidas. Estou pagando por ela. Portanto, sem rodeios, pode aceitar

— Não desperdice seu dinheiro comigo — digo ríspida, mesmo sabendo que ele não merece essa atitude.

Enrico fisicamente é lindo, alto, músculos bem distribuídos, boca carnuda, barba bem feita, além de simpático e prestativo, anos frequentando a casa sempre se manteve da mesma forma. Ele é uma pessoa bonita por dentro e por fora, lógico que nunca vou dizer isso. Prefiro manter tudo como está.

— Custa você dizer obrigada? Obrigada Enrico, é só falar isso, mas não! Tem que ficar complicando tudo.

— Por que do drink?

— Que mulher mais difícil. É só dizer obrigada, só isso.

— Responde a minha pergunta agora — digo ríspida.

— Não precisa ficar bravinha.

— Sem enrolação.

— Você está aí distante, quis te fazer um agrado. Hoje percebi que não foi para o labirinto, mesmo sendo convidada várias vezes. Nunca a vi tão distante e pensativa. Satisfeita?

Enrico consegue me desarmar e meus ombros caem com o peso de tudo que vem acontecendo.

— Não estava a fim de ir para o labirinto — confidencia. — Hoje quero apenas beber e ver a hora passar.

— Então aceite a minha bebida. Não precisa dizer obrigada. Aceite apenas.

Talvez meu desânimo seja porque hoje o meu passado se fez presente. A pessoa que me virou as costas, que não me defendeu quando precisei, ressurge me pedindo ajuda. O mundo dá muitas voltas, por mais que você corra o destino vai fazer você reencontrar aquilo que mais tem medo, ele vai te confrontar. Agora o que me resta é enfrentar tudo ou continuar fingindo que nada aconteceu.

— Sente-se, Enrico — convido. — Me faça companhia.

Ele olha para os lados, por causa do horário e por ser meio de semana o clube está quase vazio. Os frequentadores foram embora ou estão no labirinto em busca do seu próprio prazer.

Eu apenas quero beber e pensar na decisão que preciso tomar.

— Não bebo em serviço. Mas será um prazer te fazer companhia. — Puxa a cadeira e se senta.

— O prazer será todo meu — digo encarando seus olhos.

— Está flertando comigo? — pergunta com um sorriso enorme no rosto, acabo sorrindo com a sua pergunta.

— Não sei flertar, Enrico. Você mais que qualquer pessoa sabe disso.

— Direta, sexy e implacável.

— Essa sou eu.

— E sua amiga? Vi que chegou com ela.

— Se você viu, cheguei com ela e Diogo. Sabe que os dois estão juntos e casados, logo foram embora juntos e eu fiquei.

— Eu sei, perguntei só para puxar assunto e não ficar aquele silêncio constrangedor sem ninguém saber o que falar. Só estava tentando facilitar o

nosso diálogo.

Começo a rir de sua resposta.

— Você é engraçado.

— Se esse engraçado for um elogio. Obrigado.

— É um elogio.

— Obrigado pelo elogio. Viu como funciona? Quando recebemos um elogio precisamos agradecer.

Continuo a rir, Enrico é leve e descontraído.

— Acho que sabe de tudo o que acontece nesse clube. Estou certa?

— Está. Eu sei de tudo o que acontece aqui dentro, quem é cada pessoa atrás da máscara, seu nome, emprego, família.

— Uau! Tenho até medo das coisas que você sabe. — Faço ar de mistério, mas com um sorriso no rosto. Ele está conseguindo me distrair.

— Não se preocupe, da minha boca nunca saberá sobre o que acontece aqui dentro. O meu silêncio e discrição me fazem manter o meu emprego.

— Você poderia trabalhar em outro lugar. — Ele é novo, atraente. — Quantos anos têm?

— Eu trabalho em outro lugar, sou advogado, mas o salário que ganho aqui é bom. Com os dois empregos dá para viver bem.

— Um advogado que trabalha de Bartender em uma casa de swing? — Surreal, mas legal. Quem diria que Enrico é um advogado.

— Soa sexy, não acha? — diz arqueando as sobrancelhas.

— Muito sexy. — Mais uma onda de risos. — Quantos anos você tem, Enrico? Você não disse.

— Nem vou falar. Se quiser saber mais sobre esse Bartender advogado gostoso e sexy vai ter que aceitar sair comigo — diz passando a mão pelo seu peitoral de forma teatral.

— Já disse hoje não estou em clima de labirinto. Quem sabe outro dia, hoje quero apenas beber.

— Mas quem te disse que eu quero ir ao labirinto com você?

— Enrico, você acaba de dizer que só iria me contar a idade se eu aceitasse sair com você. E o único lugar que poderíamos ir hoje é o labirinto, mas já disse que não estou em clima.

— Exatamente, sair comigo, dar uma volta, conversar e não ir ao labirinto. Não quero ir ao labirinto com você, quero levá-la para sair.

— Eu não saio com ninguém. Não dessa forma.

— Nunca é tarde para começar.

— Se você quiser, amanhã venho aqui, entramos naquele labirinto e saciamos os nossos desejos. Como disse, não saio com ninguém, meu único envolvimento é aqui dentro.

— Se eu quisesse a Escarlata eu aceitaria a sua proposta. Entraria naquele labirinto e te foderia de todas as formas possíveis. Oportunidade para fazer isso nunca me faltou. Mas não é a Escarlata que desejo. Eu quero sair com a Maria, como eu disse, nunca é tarde para a primeira vez.

— Você sabe meu nome? — indago intrigada.

— Sei muitas coisas sobre você, mas você não sabe nada sobre mim — diz irônico.

— Estou em desvantagem, então.

— Você pode reverter essa desvantagem. Basta aceitar o meu convite e sair comigo.

— Sair com você? — repito, ainda em dúvida.

— Sou um cara boa pinta, bonito, gostoso, tenho uma conversa legal. Você não irá se arrepender.

— Meu Deus! Além de ser bonito, gostoso, boa pinta tem mais alguma qualidade que preciso saber.

— Esqueceu o sexy.

— Ah tá, desculpa me esqueci. Então além de ser bonito, gostoso, boa pinta e sexy. Tem mais alguma qualidade que preciso saber?

— Sou irresistível.

Começo a rir, como nunca reparei que Enrico tem um humor ótimo?

— Muito modesto também — zombo.

— Concorde, a modéstia faz parte de mim, mesmo possuindo todas essas qualidades, não fico me gabando por aí — diz de forma irônica, me olhando com um sorriso lindo no rosto, capaz de conquistar qualquer pessoa.

— Compreendo, Enrico, é muito difícil possuir todas essas qualidades, realmente você é um bom partido — digo rindo.

— Mesmo assim você não aceita ter um encontro comigo.

— Enrico, já expliquei, eu não tenho encontros. Nem sei como me comportar em um.

— Eu entendo, Maria, você não quer sair comigo, tem medo de se apaixonar por mim. Sou um bom partido.

— Apaixonar?

— Isso mesmo, se apaixonar. Medrosa! — Se levanta. — Preciso voltar ao trabalho.

— Sem chances de me apaixonar por você.

— Já que não corre esse risco, aceite sair comigo.

— Enrico...

— Para de ser medrosa. Amanhã estou de folga. Aceita?

Fico o observando por alguns segundos. Fazer algo diferente? Sair e conversar? Por que não aceitar?

— Você venceu, eu aceito.

— Viu, não doeu nada.

Reviro os meus olhos, fazendo-o rir.

— Onde te encontro? — indago.

— Fique pronta às 19h00. Passo para te pegar.

— Você não sabe onde moro. Eu te encontro, é só passar o endereço. Não irei te dar o cano, não é do meu feitio.

— Como já te disse, sei muitas coisas sobre você. O seu endereço nesse momento é o de menos. Fique pronta, às 19h00 toco a sua campainha. Quero você bem linda — diz e volta para o bar sem esperar a minha resposta.

Que loucura! Tantos anos frequentando o clube e nunca olhei Enrico de outra forma, agora acabo de marcar um encontro com ele.

Depois dessa, melhor ir embora, amanhã tenho assuntos importantes para decidir: o que vou fazer com o meu passado e ainda me arrumar para um encontro.

Nunca tive um encontro em toda a minha vida. Algumas perguntas surgem em minha cabeça. Que roupa se usa em um encontro?

Quem diria, eu tenho um encontro.



CAPÍTULO 2 — MARIA

Mais um dia como todos: levanto-me, me arrumo e se sigo para o meu trabalho. Essa é a minha rotina de todos os dias. A única coisa que se difere é a minha ida ao Clube no mínimo três vezes por semana. Eu tinha uma cachorrinha que me fazia companhia, até o dia que ficou doente e acabou morrendo. Não sei lidar com perdas, sofri um bocado, então decidi não ter mais nenhum bichinho.

Trabalho no setor financeiro da rede de hotéis “Cascata”, faço muito mais do que minha função exige. Sou o braço direito de Cecília dentro e fora do hotel, faço de tudo para honrar a confiança em mim empregada.

Cecília sempre me agradece por tê-la ajudado naquele dia que a encontrei naquele banheiro chorando desesperadamente por ter descoberto a verdadeira índole de homem safado do marido. Mas naquele dia ela me ajudou muito mais do que eu a ajudei. Cecília foi a minha salvação, foi quem me fez pôr os pés no chão, me recompor e seguir em frente.

Eu tinha entrado no banheiro para me recompor, estava trêmula, assustada, destroçada internamente. Depois de anos encontrei aquela pessoa que tanto mal me fez. Àquele que foi o monstro que me machucou, me marcou. Naquele dia ele me abordou, me pedindo ajuda. Foi até cômico o cara que tanto mal me fez, exigindo ajuda. Neguei sem pensar duas vezes, não ia ajudar aquele que me destruiu internamente. Virei às costas e fui ao banheiro, onde reencontrei Cecília, estava linda mesmo com tantas lágrimas e com a maquiagem borrada. Assim como eu, ela estava quebrada. A dor que eu sentia e não demonstrava se refletia nos olhos de Cecília. As minhas lágrimas escorriam pelos olhos dela, eu estava sofrendo tanto quanto ela, só não sabia demonstrar. Desaprendi a demonstrar os sentimentos.

Depois de tanto sofrimento a gente acaba camuflando a nossa dor,

fingindo que não sentimos nada.

Cecília era eu e ela precisava de ajuda assim como eu. Não tinha ninguém para me ajudar. Mas eu estava ali e poderia ajudá-la e foi o que eu fiz. Levei Cecília ao Club, sabia que lá ela iria se reencontrar, iria ter confiança para se levantar e seguir a sua vida da forma que melhor lhe cabia. Muitas gastam dinheiro com antidepressivos, psicólogos ou clínicas de psiquiatrias para tratar seus traumas. Eu gasto o meu dinheiro no Clube, lá são as minhas análises clínicas. Lá é onde posso ser quem eu quiser. A minha fala tem o poder, ninguém vai passar por cima daquilo que eu desejo.

O que mais me encanta no Clube é o poder do não.

O “Não” tem força e é respeitado. Todas as vezes que disse “Não” ninguém me criticou ou me forçou alguma coisa. No Clube tenho esse poder.

No passado o meu “Não” nunca foi ouvido, os meus choros nunca foram escutados. Apenas davam força para ele continuar. Até o dia que ele foi além do que jamais tinha ido, eu sabia que isso ia acontecer. Era inevitável. Foi quando eu agi e tudo aconteceu, tento anular isso da minha mente, não tinha culpa, era apenas uma adolescente de dezesseis anos, quase uma criança. Ele roubou a minha inocência, roubou minha adolescência, roubou bons momentos que poderia ter vivido e não vivi.

Por causa da minha atitude desesperada, mas que me salvou, fui encaminhada para uma casa de jovens infratores, lá de forma precária estudei e trabalhei. O dinheiro que ganhava com o meu trabalho, pegava para comprar produtos de higiene e o restante era guardado centavo por centavo. Tinha planos de quando saísse dali, queria uma vida melhor, sem ameaças ou medo.

A minha mãe nunca me visitou, nenhum parente me visitou, nunca ninguém me visitou. Como se eu tivesse culpa por estar ali, presa. Também não senti falta de qualquer forma, sempre estive sozinha, a diferença é que

estava longe daquele que se tornou o meu monstro. Todos esqueceram que eu existia, nunca recebi um telefonema, uma carta, nada. Fiz questão também de esquecer todos.

Quando cumpri a minha pena, na saída da casa de infratores não tinha ninguém para me receber. Todos haviam me abandonado. Não fiquei triste, já tinha dezenove anos e um pouco de dinheiro para começar a minha nova vida. Fiquei em uma pequena e humilde pensão, sem nenhum luxo, mas segura. Essa foi a minha primeira vitória.

Os dias começaram a passar, o dinheiro que tinha começou a acabar, mas não conseguia emprego. Recebi várias propostas indecentes e recusei todas, não ia desistir sem lutar. Até que consegui trabalho como vendedora de uma loja de sapatos. Outra vitória: agora eu tinha um emprego.

Comecei a trabalhar, me empenhava ao máximo, o que ganhava era suficiente para pagar a pensão e me alimentar com decência, isso que me deixava feliz, e com mais garra para continuar lutando. Prestei vestibular e passei. Trabalhava durante o dia e fazia faculdade de administração a noite. Não era fácil, noites e noites acordada fazendo trabalhos, lendo textos, acordando cedo indo para o meu trabalho.

Todo o meu esforço e noites acordadas valeu a pena, com pouco mais de seis meses na faculdade consegui uma vaga de estágio remunerado em uma rede de hotéis para trabalhar na área do financeiro.

Foi quando conheci Humberto Avelar, ex--marido de Cecília, dono de um verdadeiro império. Um homem que não tinha caráter nenhum, mulhereengo; um escroto que só pensava com a cabeça de baixo. Trabalhei para ele até quase me formar, o salário era bom. Tão bom que aluguei uma casa.

Minha casa era simples, mas eu a amava. Comprei uma cachorrinha que passou a ser a minha companheira, antes de ir para o trabalho, todos os

dias, caminhava de manhã com minha Belinha, foi quando conheci Cecília, ela tinha a mesma idade que eu, casada há pouco tempo. Estava muito feliz com a vida que estava levando, mesmo que algumas vezes ainda acordasse assustada lembrando-me do meu fantasma, já estava acostumada a acordar assim e empurrá-lo para o canto da minha mente.

Certo dia, o meu padrão me chamou em sua sala, fato que raramente acontecia. Quando cheguei ele exigiu que eu não tivesse contato com a sua esposa, ameaçou me demitir e ainda disse que dificultaria para que eu arrumasse outro emprego. Humberto tinha medo que eu contasse a sua bela esposa todos os seus podres.

Mesmo com um salário bom, pedi demissão e mudei de cidade novamente. Com a experiência adquirida consegui outro emprego que me pagava muito melhor. Meu trabalho agora era em um escritório renomado de advocacia da cidade de Prudente. Depois de formada, continuei trabalhando no mesmo escritório e subindo de cargo. Tinha bons patrões que valorizavam um bom funcionário.

Talvez esteja se perguntando como conheci o clube. A minha resposta é: através do meu trabalho. Meus patrões eram frequentadores da casa. Felipe e Maicon no escritório e no Club: casal Fox.

Por causa do que sofri na adolescência sempre tive dificuldade de me relacionar com outras pessoas, principalmente na faculdade. Não saía para festas, não tinha amizades, sempre fui desconfiada. Felipe e Maicon foram bons para mim. Com eles me sentia à vontade e segura, eles me ajudaram muito. Não apenas me dando emprego, mas fazendo-me abrir aos poucos.

Envolvei-me com alguns caras na faculdade, mas nada passou de sexo casual, na hora do ato me sentia bem, todas as minhas angustias ficavam de lado, o meu prazer falava mais alto e quando gozava ficava eufórica e feliz. Comecei a me envolver somente para ter sexo, mas especificamente para ter a

sensação que o sexo me proporcionava. Esse era o meu único interesse. Não era tão simples conseguir um sexo casual. Comecei a pagar para garotos de programa. Eu não queria me envolver com ninguém, apenas queria o prazer e nada mais.

Um dia conversando com Felipe e Maicon acabei confidenciando isso para eles, logo disseram que tinha um lugar que eu poderia conseguir esse prazer sem me envolver afetivamente com uma pessoa. Foi quando eles me apresentaram o “ENIGMA CLUB”, hoje meu mundo. São quase dez anos frequentado a casa.

Diferente de Cecília, que ficou assustada com a casa, eu não me assustei. O meu nome Escarlata foi escolhido por estar com um vestido vermelho e essa cor ser um dos significados do nome. Esse nome também representa força, determinação, sensualidade, poder. No “ENIGMA CLUB” sou Escarlata.

Minha sociedade com a casa foi presente dos dois, mesmo ganhando bem eu não tinha condições financeiras de frequentar um lugar como aquele. Assim como a sociedade de Cecília foi presente meu.

Quando Cecília assinou o divórcio, ajudei a administrar a rede de hotéis que ela assumiu após a separação. Humberto apenas a usava e no fim acabou perdendo quase tudo com o divórcio.

Eu já tinha trabalhado como estagiária no hotel e vida de estagiário é estilo faz tudo, mesmo sendo contratado para uma função específica. Então logo eu aprendi tudo sobre o hotel e sua administração e acabou que ensinei tudo o que ela precisava saber. Hoje sou sua funcionária.

Maicon e Felipe entenderam a minha troca de emprego, ambos têm um coração enorme e conheciam Humberto e seu caráter. Eles não aceitavam a forma como usou Cecília como esposa troféu e nome de fachada para sonegação de impostos.

Hoje tenho um carinho enorme por Maicon e Felipe, por terem me apresentado o clube e me ouvido quando estava disposta a falar. Eles não sabem sobre o meu passado, isso não tive coragem de contar.

Cecília é como se fosse a minha irmã, já Marta é como se fosse minha mãe. Ela me oferece aquele carinho e aconchego que nunca tive. Hoje não me sinto tão sozinha como anos atrás. Hoje tenho pessoas com quem posso contar.

É tão irônico saber que depois de tanto tempo o meu passado volta ao meu presente pedindo ajuda. Eu pedi tanta ajuda, supliquei, chorei, mas ninguém me ajudou. Por que agora eu tenho que ajudar a pessoa que me deixou à própria sorte?

Encosto-me em minha poltrona, estou cansada. Fecho meus olhos... Volto a ter dezesseis anos... Foi quando ...



CAPÍTULO 3 — MARIA

— *Por favor, não. — Tento fugir.*

Corro, mas minhas pernas são pequenas e ele consegue me pegar com facilidade.

— *Não atinada correr, sempre vou te pegar.*

As lágrimas começam a escorrer pelo meu rosto, sempre tento fugir, mas ele é mais forte que eu e sempre me pega.

— *Não! — suplico.*

— *Você gosta — diz passando suas mãos imundas em meu corpo frágil.*

— *Socorro! — grito em desespero.*

— *Fica quietinha. — Aperta o meu pescoço. — Não precisa gritar, ninguém vai te ouvir. Eu sei que você gosta, putinha. Passou o dia me provocando.*

Sinto o ar me faltar. Ele tira a mão do meu pescoço, tenho medo, pavor, pânico.

— *Não! Não! — choro, sinto a ânsia de vômito vindo, nojo...*

— *Maria! Posso entrar?*

Abro os meus olhos, assustada, e volto à minha realidade. Cecília está
PERIGOSAS TRADUÇÕES

na porta da minha sala.

Mesmo tantos anos depois, sou capaz de sentir nojo e medo, me sinto uma criança indefesa em busca de socorro. Tento me recompor e disfarçar o meu pânico, jogo essa lembrança no canto obscuro da minha mente, lugar este que ela nunca deveria que ter saído.

— Que pergunta — digo. — Entre! — falo tirando os meus óculos e colocando em cima da mesa.

— Não foi em minha sala hoje, para almoçarmos — diz fechando a porta e entrando na sala.

— Muito trabalho, comi um lanche aqui mesmo. Quase não sai da minha sala hoje.

Cecília se senta e solta o ar dos pulmões. Ela me conhece, sabe que tem alguma coisa acontecendo.

— Sumiu o dia todo.

— Já disse, muito trabalho.

— A sua patroa é uma vaca desalmada, está te explorando.

— Ela paga bem. Faço apenas o meu trabalho — brinco.

— Você é tão modesta. Todos sabem que você faz muito mais que a sua função.

— Sou uma funcionária exemplar. — Abro um sorriso. — Preciso dar exemplo para os outros funcionários.

— Já que é uma funcionária exemplar, por que não pede uns dias de folga? Tenho certeza que sua patroa te dará e nem vai descontar nada da sua folha de pagamento.

— Não preciso de uns dias de folga.

— Posso saber o por que da recusa? Você está cansada.

— Porque gosto de trabalhar, me faz bem. A minha patroa precisa de mim aqui, não posso sair pegando dias de folga sem nenhum motivo.

— Pode sim e deve. Maria, você tem uma vida e ela não pode se resumir apenas em trabalho. Se continuar assim vou contar tudo para Marta.

— Você está me ameaçando? Vai usar a Marta?

— Faz alguns dias que estou percebendo você distante, tem alguma coisa acontecendo. Eu me preocupo com você.

— Estou bem — afirmo, sem olhar em seus olhos.

Não estou preparada para falar, mesmo sabendo que preciso pôr para fora toda a angustia que estou sentindo, todo o medo, toda a frustração. Não sei o que fazer, estou entre a cruz e a espada.

— Maria! Ontem você estava triste, não tente negar, o pouco tempo que te conheço aprendi a te olhar de outra forma. Sei que você é durona, mas ontem estava triste. Não tente negar, eu percebi.

— Eu não estava triste. Estava pensativa, é completamente diferente.

— Que seja pensativa, se esse é o nome que quer utilizar. Só quero que saiba que eu estou aqui, não sou apenas a sua amiga, você é a minha irmã de alma, se precisar de mim sempre vou vir correndo te ajudar. Nunca se esqueça disso.

— Obrigada Cecília, você, Marta e agora Davi e até mesmo Eros são a minha família.

— Você é a nossa. Por isso nos preocupamos com você. Quer me contar o motivo para te deixar tão pensativa?

— Ainda não estou preparada — digo agora a olhando. — É bem doloroso ter que falar sobre esse assunto.

— Entendo, não vou forçar você a dizer nada. No seu tempo. Quando precisar se abrir serei todo ouvidos.

Preciso me abrir, preciso falar o que sinto. Cecília é a pessoa certa para isso, sei que ela não vai me criticar ou me condenar.

— Amanhã, Cecília — digo a olhando. — Amanhã de manhã quero

conversar e desabafar com você. Preciso pôr para fora o que está remoendo dentro de mim. Vou precisar dos seus conselhos.

— Estarei aqui. — Segura a minha mão. — Para te ouvir, aconselhar e juntas tomarmos a melhor decisão.

— Obrigada.

— Como nossa conversa é só amanhã, tenho um convite para fazer hoje. Foi o segundo motivo de vir até a sua sala.

— Um convite?

— Sim! — afirma sorrindo.

— Coisa boa?

— Claro.

— Então diz logo.

— Vim te convidar para jantar hoje lá em casa. Marta vai fazer aquela lasanha que você ama.

— O que seria da minha vida sem a Marta.

— Então você vai?

— Infelizmente não posso.

— Maria, Davi está com saudades.

— Sério que você vai usar um inocente para me chantagear? Marta trouxe ele aqui de manhã, já beijei e abracei ele muito.

— Não custa tentar — diz dando de ombro.

— Não será possível, hoje à noite estarei ocupada.

— Posso saber o que tem de tão importe para recusar uma deliciosa lasanha feita por Marta?

— Tenho um encontro — digo revirando os olhos.

— Encontro? Você em um encontro? É verdade isso? — indaga incrédula.

— Pois é. Verdade, verdadeira.

— Inacreditável! — Cecília fala abismada.

— Nem eu acredito que aceitei essa loucura. Ele conseguiu me convencer, então aceitei o convite.

— Posso saber quem é o cara fodão que conseguiu fazer você aceitar ir a um encontro?

— Ele é um Bartender, advogado, lindo, gostoso e um bom partido. Palavras dele — digo rindo. — Já ia me esquecendo, ele também é sexy.

— Quem é esse ser? Conheço?

— Claro que sim.

— Certeza? Diz logo o nome dele — fala curiosa.

— Enrico.

— O Enrico? — Balanço a cabeça afirmando. — O Enrico do Club?

— O próprio.

— Ele te convenceu?

— Digamos que sim.

— Muito esperto, já gosto dele. Marta vai adorar saber disso, não vai nem acreditar. Vai até perdoar sua recusa de ir jantar em casa hoje.

— Traidora.

— Ele está conseguindo fazer você ter um encontro. Sabe o que significa isso?

— Sei bem, nem eu acredito. Nunca tive um encontro, esse é o primeiro, nem sei que roupa usar.

— Escolha uma roupa leve, aquela que faça você se sentir bem.

— Uma roupa leve. Acho que posso conseguir. — Olho a hora. — Bom, chefinha, o papo está bom, mas preciso ir.

— Também preciso.

— Tenho um encontro.

— Boa sorte em seu encontro. Ficarei torcendo por você — fala se

levantando e fazendo sinal de positivo.

Depois que Cecília sai da minha sala, arrumo minhas coisas e vou para o meu apartamento. Preciso me arrumar. Afinal essa noite eu tenho um encontro.



CAPÍTULO 4 — MARIA

De banho tomado vejo várias roupas em cima da cama e as olho com uma única dúvida rodando em minha mente. “O QUE USAR EM UM ENCONTRO?”.

Pensei que era mais simples me arrumar para um, não sei por que tanta preocupação para escolher uma roupa. Isso nem me importa, só estou indo porque Enrico me convenceu. Quero deixar claro que isso só foi possível porque eu não estava em meu melhor dia. Jamais, em outras circunstâncias iria marcar um encontro. Isso é ridículo, não acredito que estou me prestando a esse papel.

Essa preocupação com a roupa que devo ou não usar é porque quero estar bem apresentável, não é para agradá-lo. Gosto de me vestir bem e sempre acertar na escolha da roupa.

Escolho uma calça jeans, uma blusinha branca e saltos. Olho no espelho e não me sinto bem, melhor tirar, muito simplesinha. Pego um vestido longo vermelho sangue com fendas laterais. Olho no espelho e será esse! Ele abraça perfeitamente minhas curvas.

Começo a fazer uma maquiagem bem marcada nos olhos e uso um batom claro. Estou pronta. Olho novamente no espelho. Acho que esse vestido não está legal, melhor tirar, não estou indo ao Club, lá seria perfeito, mas não é. Melhor trocar de roupa.

Olho as roupas espalhadas e não consigo achar nenhuma, nenhuma me agrada, estou perdida no meio das minhas roupas sem saber o que vestir.

Sento-me na cama e vejo que está quase no horário. Pego o telefone e ligo, me deitando e olhando para o teto.

— *Oi.*

— Preciso da sua ajuda — digo sem graça.

— *O que aconteceu?*

— Não aconteceu. Cecília, estou perdida. — *Na verdade indignada por minha indecisão para escolher a merda de uma roupa, mas não vou dizer isso a ela.*

— *Liga o GPS do carro que você se localiza, quer que eu vá ao seu encontro?*

— Não é isso, Cecília, estou em casa ainda.

— *Maria, seja clara, por favor. O que está acontecendo? Se não dizer não vou poder ajudá-la.*

— Que roupa se usa em um encontro? Nunca fiz isso antes na minha vida. É ridículo. — Cecília começa a gargalhar. — Não acredito, você está rindo da minha cara, é isso mesmo?

— *Não acredito que você me ligou para me perguntar isso!*

— Você disse que se eu precisasse era para ligar! — digo acusando-a. Ingrata me oferece ajuda e depois ri da minha cara.

— *Claro, eu disse, desculpa.* — Ela tenta segurar o riso, mas não consegue.

— Você não está me ajudando.

— *Enrico é bem descontraído, provavelmente ele irá te levar para jantar em algum lugar.*

— E aí?

— *Você precisa escolher uma roupa leve, nada de calça jeans e*

blusinha básica branca ou preta. — Reviso os meus olhos, porque ela não me disse isso no hotel hoje quando me viu, me fez colocar a roupa e tirar.

— Sem calça jeans.

— *Nem os vestidos que usa para ir ao Club. Eles são lindos, mas não cabe em um jantar, nem as roupas que usa nos jantares de negócios.*

Não estou acreditando, eu Maria, que sempre fui sozinha, confiante, agi sempre por conta própria estou ao telefone escutando um conselho sobre que roupa usar em um primeiro encontro.

— *Maria?*

— Estou ouvindo — digo.

— *Você entendeu?*

— O quê?

— *A roupa?*

— Diz de novo. — Não ouvi o que ela disse. — Não entendi.

— *Escolha um vestido que não marque muito seu corpo, mas que deixe as suas curvas em evidência. Use sandálias baixas para que tenha o conforto de andar caso ele te convide para uma caminhada, deixe seus cabelos soltos para que na hora da caminhada ele fique ao vento, use um perfume marcante, poucas joias e uma pequena bolsa. Entendeu?*

— Vestido, sandálias, cabelo solto, bolsa pequena. — Abstraio a parte da caminhada e cabelos ao vento. — Entendi.

— *Mais uma coisa.*

— O quê?

— *Abra a sua mente, sinta o seu corpo, escute o que ele tem a falar para você e deixe-se levar.*

— Eu já ouvi isso? — digo desconfiada.

— *Pouco mais de dois anos atrás, reencontrei uma amiga, ela me apresentou um novo mundo, antes de tudo ela disse essas palavras “Abra a*

sua mente, sinta o seu corpo, escute o que ele tem a falar para você e deixe-se levar.”. A partir daquele momento a minha vida mudou drasticamente de forma positiva. Hoje essa mesma amiga acaba de me pedir ajuda, coisa que ela nunca fez, nunca foi insegura, sempre foi confiante e tomou atitudes por si mesma. Se ela está ligando e me pedindo ajuda significa que esse encontro significa muito mais do que ela pensa. Mesmo que sua cabeça diga que é apenas um encontro. Apenas estou te dando o mesmo conselho. Abra a sua mente, talvez a partir de hoje a sua vida também possa mudar de forma drasticamente positiva.

— Cecília?

— *Sim.*

— Desculpa te desapontar. Mas é só um encontro, apenas não sabia que roupa usar. Na verdade, sabia, tinha escolhido um vestido, aquele azul de lese, sabe? Só queria confirmar se estaria legal, amigas são para essas coisas, papo de amiga, entendeu? Troca de informações.

— *Ah sim, tudo bem, é só um encontro, como sou boba. Logo você ter dúvidas de que roupa usar, né, Maria?! Uma mulher linda, confiante de trinta e quatro anos* — diz irônica.

— Está sendo irônica com a minha cara?! — acuso. Safada!

— *Não, claro que não.*

Reviro os meus olhos, vou fingir que acredito. Já estou atrasada para esse maldito encontro, vou matar o Enrico.

— O vestido que eu disse é legal, então?

— *Perfeito, use com a sandália nude, aquela que eu gosto.*

— Ah sim, era essa mesma que eu ia usar. — Reviro meus olhos com a minha mentira. — Pode deixar. Obrigada Cecília.

— *Maria?*

— Preciso acabar de me arrumar.

— *Bom*
encontro “1.

— Obrigada.

Encerro a chamada, dou uma pequena corrida até o closet e pego o vestido azul de lese, e a sandália nude. Visto-me, dou uma volta no espelho, fiquei perfeita. Ela poderia ter falado isso para mim no hotel. Teria me poupado muito tempo e o constrangimento de ligar pedindo ajuda feito uma adolescente perdida em seu primeiro encontro. Não fazia a mínima ideia do que vestir em um encontro. Nunca tive um antes. Todas as vezes que sai era apenas para sexo.

Minha vida sexual começou cedo, me recusava aceitar que eu acabaria perdendo a minha virgindade...

A campainha toca me trazendo para minha realidade.

Estranhamente o meu coração acelera. Que coisa! Essa deve ser a sensação de um encontro.

Pego a minha pequena bolsa vou até a porta e a abro. Enrico está vestindo uma camisa preta remangada e calça jeans. Nunca tinha o olhado de forma diferente, realmente é bonito com seus 1,90 de altura, barba rala e cabelos pretos. Como ele mesmo diz: ele é gostoso.

— Eu sei. Sou lindo e pontual — diz olhando para o relógio. — E você sem aqueles vestidos chiques colados no corpo, parecendo que foi feito a vácuo, fica ainda mais linda.

O olho confusa. Ele disse isso mesmo?

— Primeiro: confesso que essa roupa te caiu bem. Segundo: está dizendo que sou feia com aqueles vestidos que uso no Club?

— Longe de mim. Você é a loira mais linda que já vi em toda a minha vida. Mas a simplicidade me atrai. Com esse vestido que está hoje, está linda. Perfeita! Parece que até se arrumou toda assim só para me deixar com cara de

bobo te admirando a noite toda.

— Sem exageros, Enrico. Mas obrigada pelo elogio.

— Linda!

— Já disse, obrigada — digo revirando os olhos.

— Eu sei, era só para fazer você revirar os olhos e ficar bravinha. Fica tão linda.

— Enrico?! — o repreendo, um pouco nervosa.

— Vamos! Não quero ficar plantado nessa porta. Você sabe, temos um encontro e as pessoas conversam nos encontros e não na porta do apartamento. No encontro as pessoas saem de casa.

— Já disse não sei nada sobre encontros — digo saindo e fechando a porta do meu apartamento.

— Você é surda? — pergunta me olhando sério.

— Não! Que ideia.

— Parece, porque já disse para não se preocupar, sei tudo sobre encontros. — Coloca as mãos em minha cintura. — Posso? — Confirmo com um balançar de cabeça. — Hoje você terá o melhor primeiro encontro da sua vida. Você nunca vai se esquecer.

— Realmente, espero não me arrepender. Faça valer a pena, Enrico.

— Eu farei, esperei muito tempo para isso.



CAPÍTULO 5 — MARIA

Enrico me conduz todo sorridente até seu carro. Abre a porta para que eu possa entrar. Pelo visto ele tem “bons” modos.

— Sou um cavalheiro. Por favor, Paixão, entre — diz em pé ao lado da porta e apontando para que eu possa entrar em seu carro.

— Obrigada, lorde — digo rindo enquanto entro e me acomodo.

— De nada, Paixão — diz fechando a porta.

— Paixão? — pergunto.

Enrico dá a volta no carro, entra e coloca o carro em movimento, todo descontraído e sorridente. Parecendo aquelas crianças que estão indo em um passeio emocionante.

— Um apelido carinhoso. Está no manual — explica alegremente.

— Poderia saber que manual? Nunca ouvi falar.

— Aquele manual do primeiro encontro, você não sabe. Não se preocupe, eu vou ensinar tudo sobre encontros para você.

— Ah *tá*, obrigada, mas não vou arrumar apelido para você. Não conheço o manual. Você entende, *né?!* — digo irônica.

— Tudo bem, Paixão, eu entendo. No nosso segundo encontro você arruma um apelido bem carinhoso. Tudo ao seu tempo, não precisa ficar ansiosa, rapidinho vai achar um apelido fofo.

Reviro os meus olhos, acho que ele acredita nas coisas que fala. Não

PERIGOSAS TRADUÇÕES

era para existir nem o primeiro encontro, logo um segundo encontro está fora dos meus planos.

— Um BMW? — indago tentando mudar de assunto.

— Gostou?

— É bonito seu carro — digo não dando importância.

— Paixão, não precisar ficar com ciúmes, a Preta não tem ciúmes de você, já expliquei tudo para ela. Eu sou todo seu, essa noite e todas as outras se assim desejar.

Começo a gargalhar. Não acredito no que estou ouvindo.

— Enrico, você é a pessoa mais contraditória que eu conheço. Poucos minutos atrás disse que gosta das coisas simples, mas me aparece com um BMW?

— O que é que tem? A Preta é linda.

— A sua Preta é linda, mas não é nada simples. Cadê a parte que gosta das coisas simples?

— Em minha defesa, era um sonho de infância — diz dando os ombros. — Trabalhei muito, economizei centavo por centavo até realizar o meu sonho de comprar meu primeiro carro. Um BMW, na época era usada, foi a minha primeira Preta. Já faz um bom tempo que realizei esse sonho, agora sempre vou trocando. Esse carro era meu sonho que se tornou realidade. Posso trocar o carro, mas o nome sempre será Preta. Minha Preta.

— Está perdoado.

— Vai ficar com ciúmes da Preta? Ela é uma boa mocinha.

— Não Enrico, eu não tenho ciúme dela. Ciúme é um sentimento que eu nem conheço.

Como posso sentir ciúme sendo que nunca tive nada que fosse meu? Para sentir ciúme, preciso primeiro gostar de alguém ou de algo. Gosto do meu apartamento, mas não tenho ciúme dele.

Poderia sentir ciúme da Marta, mas ela é um amor, assim como Cecília, gosto de ambas, mas não sinto ciúme delas. Sinto gratidão por estarem sempre do meu lado.

Realmente não sei o que é ter ciúme, Enrico está me fazendo pensar em atitudes e coisas longe da minha realidade. Primeiro o encontro, agora esse tal de ciúme.

Quem sentiria ciúme de um carro? Ele fica todo bobo falando do carro, é só um carro ridículo, nem entendo o porquê de tanto carinho por um automóvel. É só um carro como outro qualquer, sem necessidade para todo esse chamego.

Cada coisa que tem que se ouvir. Onde fui me enfiar? Um encontro com um cara convencido fissurado por um carro ridículo.

— Paixão? — Sinto ele pegar a minha mão. — Não fica assim.

— Assim como? — pergunto sem olhar para ele.

— Assim, com ciúme.

— Para de ser ridículo, Enrico. — Reviro meus olhos. — Você está é louco por dizer que estou com ciúme do seu carro.

— Tudo bem. — Leva a minha mão até a boca e beija. — Não está com ciúme e eu sou ridículo. Vamos mudar de assunto. Já ouviu em falar de TeKPix? — indaga sorrindo.

— A câmera mais vendida do Brasil?

— Essa mesma. — Abre o sorriso e acabo sorrindo para ele. — Você deveria fazer isso mais vezes, Paixão.

— O quê?

— Sorrir, você fica ainda mais linda.

Olho pela janela para não ter que encará-lo. Enrico é diferente, vê em mim muito mais do que estou disposta a mostrar. Me deixa sentir como se fosse eu mesma, sem barreiras.

— Vai me dizer quantos anos você tem? — indago.

— Curiosa?

— Um pouco.

— Tenho trinta e seis anos, com 1,87 de pura gostosura.

— Muito modesto.

— A humildade é o meu forte.

— Muito humilde também, além de sexy — digo rindo. — Para onde estamos indo?

— Como você disse que nunca foi em um encontro. Pode ter certeza que vai ser um que jamais vai se esquecer.

— Não se preocupe, é o meu primeiro encontro em toda a minha vida, portanto não vou esquecer.

— Já estamos chegando a nossa primeira parada.

Enrico é leve, divertido. Tem trinta e seis anos, é um homem vivido. Sua personalidade e alegria é cativante. É o jeito dele, não força as coisas, simplesmente as palavras saltam da sua boca de forma natural. Mesmo que esse natural tenha alguns absurdos, coisas engraçadas, mas é o jeito Enrico de ser.

Por que nunca prestei atenção em Enrico antes?

— Chegamos — diz estacionando o carro. — Espere, que vou abrir a porta. Você sabe, sou um cavalheiro. — Abre a porta e me oferece a mão para me ajudar a descer do carro.

— Obrigada.

— De nada, Paixão — diz colocando a mão em minha cintura e caminhando pela calçada.

— Enrico, para de me chamar de paixão.

— Está na cara que você não entende nada sobre encontros. — Para no meio da calçada para me olhar. — Está no manual do primeiro encontro.

Precisa de um apelido carinhoso, já expliquei isso — diz indignado.

— É sério isso?

— Muito sério. Olha — fala apontando com a mão. — No manual também diz que o primeiro encontro tem que ser em um cinema.

Começo a rir. Não acredito que Enrico me trouxe ao cinema. Faz anos que não venho em um. Realmente ele conseguiu me surpreender.

— Cinema?

— Está no manual.

— Ok. Você está certo, não podemos ir contra o manual de instruções do primeiro encontro. Então vamos ao cinema.

— Aprendeu rápido, Paixão. — Beija a minha testa me deixando sem ação.

Enrico compra as nossas entradas para o cinema, duas cocas e duas pipocas. Ofereço para pagar a minha parte, mas ele nega, afinal está no manual. Entramos no cinema e sentamos um do lado do outro, não no fundo como imaginava, mas no meio. Segundo Enrico sentar no meio é o melhor lugar do cinema.

O filme começa. É uma comédia romântica, dou várias risadas, uma vez ou outra me pego o olhando e vejo que ele está se divertindo. Está dando risada. Quando a sua pipoca acaba começar a comer a minha.

— Ei. — Bato em sua mão. — A pipoca é minha.

— Para de ser morta de fome, divide aí.

— Não! *Zoiudo*. Comeu a sua todinha.

— Paixão! Divide, para de negar pipoca, isso é feio.

— Não. Se quiser vai comprar outra.

— Por favor, Paixão, divide — diz com aquele olhar de cachorro caído da mudança. — Está no manual, tem que dividir a pipoca.

— Está no manual? — pergunto sarcasticamente.

— Está! — Junta as mãos. — Eu Juro. — *Muito cara de pau mesmo, não tem nem vergonha de falar isso.*

— Tudo bem, pode pegar. Eu não daria conta de comer tudo mesmo. Não posso ir contra o manual.

— Obrigado Paixão. — Beija o meu rosto, pegando a pipoca e colocando um punhado na boca.

Voltamos a nossa atenção ao filme, algumas vezes o pego me olhando, outras vezes ele me pega o observando. Quando o filme termina estou com um sorriso bobo no rosto. Enrico volta a colocar as mãos nas minhas costas e me conduz para a saída.

— E agora? — pergunto já na calçada. — Qual o próximo passo do seu manual?

— Segundo o manual agora passeamos por alguma pracinha. Que pode ser aquela do outro lado da rua.

A voz da Cecília vem em minha mente falando “*deixe seus cabelos soltos, para que na hora da caminhada ele fique ao vento*”. Um sorriso surge em meu rosto.

— Então vamos — concordo sorrindo.

Caminhamos lado a lado. Enrico é leve e descontraído, conduz muito bem a nossa conversa, o clima também está gostoso. Está tudo diferente do que estou acostumada, mas o que me surpreende é eu estar gostando de tudo.

— Você vem sempre por aqui? — pergunto.

— Venho.

— Verdade?

— Pelo menos uma vez na semana.

— Está mentindo?

— Não tenho motivos para mentir. Uma vez na semana tenho um encontro com uma pessoa muito especial que eu amo muito, hoje não foi

possível me encontrar com ela porquê marquei de sair com você.

Agora tudo começa a fazer sentido, o comportamento, o respeito, ele é comprometido. Por isso não tentou me levar para outro lugar, por esse motivo se recusou ir ao labirinto.

Que idiota eu sou. Agora tudo faz sentido.



CAPÍTULO 6 — MARIA

Não sei o motivo de me preocupar se ele tem ou não compromisso com outra pessoa, é apenas um encontro de amigos, não tem nada demais. Na verdade, nem amigos somos. É apenas um encontro de dois conhecidos, apenas isso. Não existe nada além disso.

— Então, quer dizer que pelo menos uma vez na semana você tem um encontro? E esse encontro sempre acontece em suas folgas?

— Tenho. Preciso confessar que a mulher é uma gata de primeira. É irresistível de tão linda.

Olho para ele intrigada e acabo rindo com sua confissão.

— É sério?

— Muito sério.

— Quer dizer então que estou correndo o sério risco de apanhar hoje?

— Não corre risco nenhum. Se isso te preocupa ela nunca teria coragem de partir para a violência. Pelo que eu conheço só iria te encher de perguntas, beijos e abraços. Ela é maravilhosa.

— Posso saber quem é essa pessoa tão maravilhosa e irresistível?

— Minha mãe — diz sorrindo. — Está no nosso D.N.A a coisa de ser irresistível e lindo.

— Sua mãe? — indago incrédula.

— É, minha rainha irresistível. Quem mais seria?

— Uma namorada, ficante, sei lá. Não passou pela minha cabeça que seria sua mãe.

— Não tenho namorada e nem ficante, se eu tivesse não teria te convidado para um encontro. Posso parecer um palhaço, mas sou homem, não faço esse papel de ficar com várias ao mesmo tempo. Sei bem o que quero para minha vida, sei também as minhas atitudes, se eu a convidei para um encontro é só você e ninguém mais.

— Desculpa, não queria te ofender — peço sem graça.

— Não me ofende. Apenas quero deixar isso claro. Não tenho outra pessoa, eu saio aqui e ali, você sabe. Sexo casual. Nada sério e elas sabem disso, não ficam esperando uma ligação no outro dia. Não estou as usando, longe de mim, mas quando ficamos é em comum acordo.

— Já entendi. Também não saio com ninguém e isso você já sabe. Só curto sexo casual e nada mais.

— Está me convidado para uma rodada de sexo casual? — sugere rindo.

— Não! — digo de imediato. — Eu só estava dizendo que entendo o lance do sexo casual.

— Então não sou gostoso o bastante para você ter um sexo casual comigo? — indaga, agora sério.

— Não é isso, Enrico, é que ... é que... Você me confunde...

— Saiba que sou um homem de família, fico feliz que você não tenha a intenção de ter sexo casual comigo. Sou para casar — diz rindo.

— Que pena, Enrico, saiba que eu não *sou para casar*. Logo entre eu e você não existe nenhuma chance.

— Engraçado você dizer isso. Ontem disse que não tem encontros, hoje está aqui comigo linda e radiante em nosso primeiro encontro. Também não sente ciúme e vi em seus olhos que sentiu.

— Para! — peço parando de andar. — Você é doido — digo irritada.
Quem ele pensa que é? Idiota.

— Tudo bem, Paixão. — Coloca as mãos em meus ombros. — Vamos mudar de assunto. Não quero que você fique chateada. No manual diz que não pode ter briga no primeiro encontro.

— O manual. — Reviro os meus olhos.

— O manual é um cara esperto, é só seguir que vai dar tudo certo. Vamos continuar o nosso passeio?

— Tudo bem. — Segura a minha mão e voltamos a caminhar. — Fale da sua mãe, parece que vocês dois são bem ligados.

— Somos bem ligados um no outro, amo a minha mãe. Pelo menos uma vez na semana saímos juntos para ir ao cinema, jantar ou só sentar em um banco e conversar. Uma vez na semana sou apenas dela e ela é apenas minha.

Ele fala de um jeito melancólico.

— Você não se dá bem com seus pais? Desculpa, pergunta idiota, acaba de dizer que ama a sua mãe.

— Está certa, amo a minha mãe. Para ser específico não me dou bem com meu pai, nunca aceitei certas atitudes dele.

— Sua mãe é tudo de bom e bonito para você — digo um pouco melancólica, aquele fantasma que fica escondido está querendo sair da minha mente. Respiro fundo e o jogo lá no canto novamente.

— Ela é minha rainha — diz com um sorriso no rosto. — O homem que sou hoje devo a ela.

Talvez a mulher que sou hoje também devo a minha mãe, tive que aprender pelo jeito mais difícil e doloroso.

— Você mora com eles?

— Não. Moro sozinho. Por que achou que ainda morava com meus

pais?

— Hum, confesso que achei.

— Desculpe te desapontar, Paixão. Sai de casa quando completei dezoito anos. Como diz o velho ditado: *os incomodados que se mudem*, então sai da casa deles. — Aponta para um trailer. — Aceita um misto quente?

— Prefiro um x-tudo — digo dando os ombros.

— Eu sabia que essa carinha aí era de comilona. Nunca me engano, a briga por comida vai ser intensa, já estou vendo tudo. Vamos lá então, um x-tudo.

Caminhamos até o trailer, Enrico pede dois x-tudo e duas Coca-Colas. Sentamos em um dos bancos da praça para comer.

— Como foi sair de casa aos dezoito anos? — pergunto curiosa enquanto como o meu lanche.

— Normal. Desde os quinze já trabalhava, ajudava no escritório do meu pai. Com dezoito, quando passei no vestibular, consegui um estágio, já vinha juntando dinheiro há um bom tempo.

— Fez tudo sozinho?

— Não. Sou filhinho da mamãe, ela me ajudou, ela fazia compras e me deu o flat de presente, moro lá até hoje. Pensei em me mudar, mas gosto de lá e é pequeno.

— Seu pai deixou sua mãe te ajudar e você sair de casa de boa?

— Ele não aceitou que eu saísse de casa. Acho que ele nem sabe que minha mãe me ajudou. Ela sofreu bastante no início, mas com o tempo se conformou, foi melhor assim cada um no seu canto. Se não tivesse saído naquela época ia acabar saindo anos depois, na certa as coisas seriam bem piores.

— Se perguntar o que seu pai fez, estarei sendo muito invasiva?

— Posso dizer que com ele aprendi a como nunca tratar uma mulher.

— Pelo menos aprendeu alguma coisa com ele.

— É, pelo menos isso, jamais irei fazer uma mulher sofrer. E você, Maria, o que aprendeu com seu pai?

— Eu aprendi a como nunca tratar uma criança — digo limpando a minha boca e jogando o papel no lixo.

Enrico me pega de surpresa ao me abraça e beijar o meu cabelo. Não se dar bem com o pai é algo em comum entre nós dois.

Ficamos conversando assuntos aleatórios, a hora vai passando e só percebemos que está tarde quando um guardinha passa e fica nos olhando. Resolvemos ir embora.

Enrico me leva até a porta do meu apartamento, mesmo eu dizendo que não é necessário. Mas segundo ele, está no manual, então eu aceito.

— Agora eu te convido para entrar? — indago com a chave na mão.

— Eu queria muito. Mas no manual está escrito que só no segundo encontro pode fazer esse convite.

— Puxa, que pena. — Reviro meus olhos.

— Maria — diz se aproximando de mim. — Obrigado por essa noite. — Deposita um beijo em meu rosto.

— Obrigada pelo encontro. Confesso que há tempos não me divertia tanto. Você conseguiu me surpreender de forma positiva.

— E ainda nem de dei o primeiro beijo — diz aproximando sua boca da minha — Está no manual.

— Por que esse encontro, Enrico? — indago confusa.

Seus lábios tocam os meus, primeiro levemente; ele morde o meu lábio, toma a minha boca para si, sua língua pede passagem e permito um encaixe perfeito, profundo, gostoso. Quero mais, mas ele encerra o beijo e olha em meus olhos.

— Não queria ser apenas mais um homem que te leva ao labirinto.

Não queria a Escarlata apesar de ela ser muito sexy. Eu sempre quis a Maria, nesse encontro quis mostrar que não quero ser apenas mais um na sua cama, quero ir além disso. Boa noite Maria, amanhã eu mando mensagem, está no manual. — diz me dando um selinho e indo embora.

Fico sem palavras, sem atitude. Respiro fundo e entro toda eufórica como uma adolescente em seu primeiro encontro.



CAPÍTULO 7 — MARIA

Por incrível que pareça tive uma maravilhosa noite de sono, como há tempos não dormia. Ainda sonhei com Enrico, foi gostoso brincar de primeiro encontro. Não tenho lembranças da minha adolescência. Muitas coisas foram tiradas de mim. O primeiro encontro e o amor de adolescentes foram umas dessas.

Está na hora de deixar de brincar e voltar a minha realidade, foi bom ter esse tempo de distração, me deixou mais leve, com a mente mais clara também.

As palavras de Enrico em relação ao seu pai ficaram martelando na minha cabeça por um bom tempo.

“Posso dizer que com ele aprendi a como nunca tratar uma mulher”

Com a minha família também aprendi muitas coisas, principalmente o que não fazer. Sem Enrico saber, ele me ajudou a tomar uma decisão, vai ser difícil, mas vou fazer. Assim como o pai dele o ensinou como não deve se tratar uma mulher, a minha família, se assim posso chamar, me ensinou como não abandonar uma pessoa a própria sorte.

Sou melhor que eles... sou melhor que ela.

Levanto-me da minha cama, rapidamente me arrumo e vou para o hotel, mesmo tendo em mente o que pretendo fazer. Sei que preciso desabafar com alguém. Essa pessoa é a Cecília.

Chegando ao hotel vou direto para a sala de Cecília, na recepção encontro Marta sentada no chão brincando com Davi, filho de Cecília e Eros. Caminho até eles, me abaixo e pego Davi no colo.

— Oi menino lindo da tia — digo o apertando e beijando. — Muito gostoso esse menino. — Olho para Marta. — Bom dia, Marta.

— Bom dia, Maria. — Ela me olha desconfiada, enquanto mato a saudade de Davi.

— O que foi? — pergunto a entregando Davi.

— E o namorado?

— Que namorado, Marta? Estou vacinada desse mal.

— Cecília disse que não foi ao jantar por causa de um namorado, que você estava nervosa e nem sabia o que usar. Quero falar para você levar ele para jantar lá em casa da próxima vez.

— A sua menina Cecília é uma mentirosa, eu não tenho namorado e nem pretendo ter.

— Maria, eu preciso de netos, você não é mais novinha. O tempo está passando, precisa se apressar.

— Você já tem o Davi.

— Ele precisa de primos, você é como se fosse minha filha, então você vai ter que dar os primos.

— Vou desapontar você, não pretendo namorar, casar e muito menos ter filhos. Esse mundo não é para mim.

— Esse mundo é para você, sim. Maria, você merece construir uma família, vai ser linda, tenho certeza.

— Prefiro viver do jeito que estou. Tenho você, Cecília, e até essa coisa linda — falo passando a mão na cabecinha de Davi.

— Tem eu também, esqueceu-se de mim?

— Eros — digo dando de ombros. — Ainda tem o Eros, Marta, ele eu

ganhei de brinde.

— E o encontro? — pergunta Eros pegando Davi no colo.

— Até você? — indago.

— Lógico, todos queremos saber como foi. Não é todo o dia que alguém consegue levá-la para um encontro. O cara merece o Oscar.

— Já perguntei para ela Eros, ela não quer falar — Marta avisa.

— Maria, Maria, não tem vergonha de ficar escondendo as coisas da Marta? Logo a Marta que cozinha divinamente.

— Chantagem? — pergunto.

— Menino Eros, tinha até feito uma marmitinha com a lasanha de ontem e trouxe para ela. Hoje de manhã fritei aquelas coxinhas de mandioca bem sequinhas, com recheio de peito de frango desfiado, com bastante tempero...

— Chega vocês dois. Marta me dá a marmita que eu digo como foi o encontro. Isso é jogo baixo, logo coxinha?

— Cada um usa as armas que tem. — Dá de ombros. — Sabia que você não ia querer contar. Espere que vou ali na despensa pegar — Marta fala saindo para buscar as minhas deliciosas coxinhas e ainda a lasanha que perdi ontem.

Jogo baixo!

— Pare de rir, Eros — reclamo, pois está rindo da minha cara.

— Hoje Marta madrugou para fazer essas coxinhas. Cecília disse que você não ia falar nada do encontro, mas Marta disse que ia usar as coxinhas e você não ia resistir e acabar contando tudo. Eu até achei que Marta ia perder o tempo dela, mas vendo a sua reação ela acertou em cheio.

— Não tem como negar algo com uma coxinha em jogo, Eros — digo indignada.

— Você é morta de fome, isso sim. Quem diria que a poderosa

Escarlate iria se dobrar por uma coxinha?

— Uma não. Uma marmita — me defendo.

— Aqui está, Maria. — Marta chega me entregando as duas marmitas.

Meus olhos brilham e um sorriso se forma em meu rosto. Abro a marmita de coxinha, pego uma e coloco na boca.

— Hum. Delícia! — Tira a mão. — Dou um tapa na mão de Eros que tenta roubar uma coxinha. — Até agora estava tirando sarro, agora quer pegar a minha coxinha, está enganado. Vou comer tudo sozinha.

— Tomara que te de dor de barriga — Eros fala passando Davi para Marta.

— Eros, toma vergonha, você comeu. Deixa essas coxinhas para a Maria, em casa tem mais — Marta o repreende.

— Bom, vou indo. Até mais tarde, meu filho, se comporte — diz beijando a cabeça de Davi. — E vocês duas, até mais tarde. — Eros se despede e vai embora, deixando Marta, Davi e eu.

Sento-me no tapetinho no chão junto com Marta e Davi, enquanto o pequeno se distrai brincando, eu conto para ela como foi o meu encontro com Enrico. A parte que eu não sabia que roupa usar eu pulei, não era necessário.

— Esse Enrico parece ser um bom rapaz, Maria.

— Segundo ele, é um homem de família, um bom partido — digo com um sorriso no rosto.

— Então você não pode deixar passar, não é todo dia que tem um bom partido assim dando sopa. Convida ele para jantar lá em casa, quero ver se serve para você. Mas eu gostei dele.

Levanto-me do chão, ajeito a minha roupa e pego a minha marmita.

— Sem chance, Marta. Eu não tenho nada com ele, foi apenas um encontro de amigos. Amigos não, conhecidos e nada a mais.

— Não teve nem um beijo? — Olho para ela e acabo sorrindo. — Essas amizades coloridas de hoje em dia. Leve ele para jantar lá em casa — pede novamente.

Não respondo, me viro e caminho para entrar na sala de Cecília.

— Maria! — Marta me chama.

— Oi.

— Converse com ela sobre uma secretária, ela ainda se recusa por outra no lugar, está toda atrapalhada.

— A sua menina, Marta, é uma cabeça dura. Não se preocupe, de hoje não passa — aviso entrando na sala de Cecília sem bater.

Cecília está distraída revisando algum contrato. Caminho até a sua mesa e me sento à sua frente.

— Bom dia — cumprimento chamando a sua atenção. — Poderia anunciar a minha entrada, mas você está sem secretária — digo dando de ombros.

— Bom dia, Maria. Vai começar a reclamar logo cedo porque estou sem secretária?

— Vou! Sei que você gostava dela, todos nos sentimos a falta da Jessica, mas já se passou oito meses. Você precisa de uma pessoa para te ajudar, sozinha você não está dando conta.

— Marta me ajuda.

— Cecília, Marta está cuidando do Davi. Você precisa superar, não foi culpa sua que Jéssica se foi.

— Se eu tivesse a observado, talvez daria tempo de salvá-la.

— Foi uma fatalidade. Você precisa de uma pessoa para te ajudar. Precisa dar oportunidade para outro funcionário mostrar o seu trabalho.

— Está certo, Maria. Estou acumulando serviço, fiz o que pude por Jessica. Marta cuida do Davi aqui no hotel para que eu possa ficar pertinho

do meu filho. Só ando adiando o inevitável.

— Você não estará substituindo a Jéssica em seu coração, apenas no serviço. Sei que você vai querer contar toda a história para Davi, de como ele se tornou seu filho. Para contar a verdade a ele você precisa ser forte, colocar uma pessoa aqui é um bom começo, você precisa superar a perda. Davi é seu filho, de uma forma um pouco dolorida o destino o colocou no seu caminho.

— Ele é meu filho e o amo muito. Sinto-me triste pela Jéssica, mas sou feliz com meu menino.

— Isso não te faz uma pessoa perversa, Jéssica pediu para você amar e cuidar dele e é o que está fazendo.

— Você venceu. Pode escolher a secretária.

— Amanhã te apresento ela. É uma menina bem esforçada, merece uma chance.

— Faça a escolha que achar melhor, tem carta branca. Agora vamos falar de você, dona Maria. Entrou aqui, começou a falar da minha secretária que até minutos atrás não tinha. Quero saber como foi o encontro.

— Ah! O encontro — falo sem dar muita importância.

— É o encontro, diz como foi.

— Normal.

— Normal, como?

— Normal de todos os encontros. A gente saiu, conversamos e ele me levou em casa.

— Aí você convidou para entrar e acabaram dormindo juntos.

— Não. Claro que não. Convidar Enrico para entrar vai contra o que está escrito no manual.

— Que manual?

— O manual do primeiro encontro. Um que Enrico diz seguir. Sem rodeios, foi legal o encontro, Enrico me surpreendeu, conversamos até tarde,

depois me levou em casa, me deu um beijo e foi embora.

— Só um beijo?

— É o que estava no manual. Antes que me pergunte nunca li e nem sabia que existia manual do primeiro encontro.

— Eu também não sabia que existia esse manual. Gostou?

— Foi diferente, me senti bem com ele. Acho que isso que me importa nesse momento. Mas que me traz na sua sala hoje é outro motivo.

— Motivo àquele que te deixou pensativa esses dias?

— O próprio.

— Vamos deixar Enrico de lado e focar no motivo da sua angústia. Estou aqui, pronta para te ouvir.

Respiro fundo, está na hora de me abrir pela primeira com alguém. O fantasma do meu passado sai do lugar de onde o deixei trancafiado durante todo esse tempo.



CAPÍTULO 8 — MARIA

Ao abrir a porta para que meus fantasmas pudessem sair, com eles vieram a dor e a desilusão de uma vida roubada. Fui me abrindo, contando por tudo o que passei e sofri calada, principalmente sozinha. Todas as vezes que pedi socorro e ninguém acreditou. Ninguém quis me ouvir.

Conforme as palavras vão saindo da minha boca, o medo, a vergonha e o nojo de tudo se faz presente. No início me sentia culpada, como se eu que provocasse tudo. Não era culpada, nunca fui culpada, com o tempo percebi que eu era apenas mais uma vítima. As ameaças estavam cada vez mais frequentes. Por causa delas me calei, mas não foi o suficiente. Ele estava cada vez mais cruel.

Nunca esqueço que antes de meu avô morrer ele me disse. “*Se você ver que vai morrer mate. Não deixe de lutar, você é capaz.*”. Foi o que eu fiz, precisava agir e não teria ajuda de ninguém, estava sozinha. Naquele dia, usei toda a força que tinha, peguei a faca que havia escondido e dei três facadas no seu peito. O seu sangue jorrava, ele gritou por socorro e eu apenas fiquei olhando para ele enquanto agonizava pedindo por socorro. Não demorou a ser socorrido, não por mim, pois queria que morresse. Com todo aquele sangue, pensei que ele tinha morrido, mas para o meu azar ele sobreviveu. Eu tentei matá-lo e não me arrependo, faria novamente se fosse possível; sem pensar duas vezes. Dessa vez iria mirar no coração e ele estaria morto. Seria

PERIGOSAS TRADUÇÕES

um golpe certo.

A dor e as marcas que ele deixou em minha alma, não foram apagadas. Mesmo tentando esquecer, nunca esqueci, algumas vezes, principalmente durante a madrugada os fantasmas fogem e se fazem presentes, é quando vou para o Club atrás daquilo que me faz esquecer: sexo.

— A minha mãe ficou contra mim, disse que eu era uma adolescente rebelde, que não existia nenhum motivo para ter tomado aquela atitude. Eu não era uma adolescente rebelde. Era apenas uma criança gritando por socorro — finalizo depois de contar tudo para Cecília.

Pela primeira vez, depois que comecei a relatar, tenho coragem de olhar em seus olhos. Tinha medo de ver o olhar de crítica ou pena, mas não é o que vejo. Cecília continua me olhando da mesma forma.

— Você foi uma vítima, Maria, não teve culpa.

— Hoje eu sei, mas na época não sabia. Queria apenas me livrar daquilo. Mesmo ficando na casa de infratores era melhor do que sentir suas mãos nojentas em mim.

— Você se livrou e foi muito forte. Era uma criança assustada, sua mãe e sua família foram negligentes, eles tinham que averiguar se tudo era verdade ou não. — Ela se levanta, dá a volta na mesa e se apara em sua mesa à minha frente. — Eles não poderiam ter te abandonado, mesmo se fosse uma adolescente rebelde, você estava gritando por socorro e ninguém foi capaz de te ouvir e ajudar. Nunca mais você os viu?

— Eu nunca fui atrás deles.

— E eles? Vieram atrás de você? É obvio que sim, por isso está tão pensativa esses dias — diz se sentando ao meu lado.

— Pouco mais de dois anos atrás, eles me encontraram, ele para ser mais específica.

— Miserável, como teve a capacidade de vir até você?

— Quando o vi na minha frente também não acreditei, foi no coquetel de inauguração do Hotel. Ele veio pedir ajuda. Precisava dinheiro e tinha investigado a minha vida, sabia que eu poderia dar dinheiro a ele se quisesse, me neguei e ele começou a me perseguir. A diferença é que dessa vez eu não era mais uma criança, agi dentro da lei e consegui uma medida cautelar, caso ele se aproxime de mim será preso. A semana passada foi a vez de ela vir atrás de mim.

— Também pediu dinheiro?

— Diferente dele, ela me pediu ajuda. Está doente e precisa de tratamento, está sozinha. Ele foi morto há pouco mais de um ano, tentou fazer o mesmo que fez comigo com outra criança, próximo de onde trabalhava. O pai da menina o matou, está preso, mas defendeu a sua filha de um crápula.

— Teve o fim que merecia.

— Contratei um advogado para defender o pai da menina. Ele defendeu a filha, acreditou nas palavras dela, tentou protegê-la. Matou ele, está preso, mas sua filha está segura. Senti-me vingada por isso e resolvi ajudar o homem. Ele era um trabalhador assalariado, pai de duas filhas. Por causa da medida cautelar fui informada da história.

— Nem sei o que te falar, Maria. Agora compreendo, por estar “pensativa” durante esses dias.

— Você me ouvir já está ajudando. Nunca me abri com ninguém, às pessoas não sabem do meu passado, não sabem o que passei. Apenas me veem por fora; uma casca que criei para me proteger de tudo.

— Obrigada por confiar em mim.

— Eu que tenho que te agradecer, Cecília. Você me ajudou muito mais do que pensa. Você sempre me agradece por ter te ajudado aquele dia no banheiro do hotel. Mas naquele dia foi quando ele veio atrás de mim. Mesmo não aparentando, entrei naquele banheiro em pedaços e você foi a luz

que Deus colocou no meu caminho. Sou grata por sua amizade e confiança.

— Deus fez nossos caminhos se cruzarem. Eu precisava de ajuda, você me ajudou e me ajudando ajudou a si mesma. Sou eternamente grata por tudo que fez por mim, você não tem o meu sangue, mas é da minha família, o elo que nos uniu é muito maior que qualquer laço de sangue. Te amo como minha irmã.

— Você é a minha família, Cecília. Não vejo a minha vida longe de você, de Marta, Davi e até mesmo do meu cunhado Eros.

— O que pretende fazer com ela?

— Até ontem estava perdida, sem saber o que fazer.

— Maria, se você não quiser ajudar é mais que compreensível, ela te deixou jogada a própria sorte. Hoje você está bem financeiramente, mas sua realidade poderia ser bem diferente, teve que aprender e lutar por tudo sozinha.

— Eu sei. O caminho que percorri para estar onde estou hoje não foi fácil, muitas portas se fecharam para mim. Nunca tive ajuda de ninguém.

— Sem ajuda, sem ninguém. Sozinha você venceu, Maria, tudo o que tem hoje é fruto do seu esforço, trabalho e principalmente do seu caráter.

— Esses dias passei pensando em tudo muito mais do que eu desejava, estava tentando achar uma saída. Como ela disse que está enferma, por mais que tenha me feito mal nunca desejei a morte dela.

— Você mostra que é muito melhor que eles. Tem um coração sensível, mesmo passando por tudo o que passou.

— Aí que você se engana. Em relação a eles não tenho coração, não posso odiar pessoas que não tenho sentimentos nenhum. Estava me recusando a ajudar, quando eu mais precisei todos viraram as costas para mim, fiquei na casa de infratores por anos sem receber uma ligação, uma carta, uma visita, nada. O dia que ganhei a minha liberdade não tinha ninguém me esperando

do lado de fora. Não sabia para onde ir. Estava sozinha.

— Hoje você não está mais sozinha. Você tem a mim, não importa qual a sua decisão irei te apoiar.

— Eu vou ajudá-la. Ontem conversando com Enrico, sem saber ele me fez ver o meu passado de outra forma. Quando eu pedi ajuda todos me viraram as costas, mas eu não sou igual a eles. Da forma mais cruel, aprendi a não deixar uma pessoa a sua própria sorte. Ela está sozinha e doente, vou ajudá-la, pagarei o seu tratamento, vou trazê-la para morar comigo, contratarei uma enfermeira se for necessário. Depois de recuperada a levo de volta para a sua casa e lhe dou uma pensão por mês, para viver o restante da sua vida.

— Tem certeza que é isso o que quer? Você pode ajudá-la sem levá-la para morar com você.

— Quero que ela veja com os seus próprios olhos como tratar uma pessoa que pede ajuda.

— Tudo bem. Cuidado para não se machucar ainda mais.

— Isso não é possível, não existe como ela me machucar mais; já nasci fodida. O que você vê é o que restou de mim e não deixarei ela acabar com o resto — digo me levantando.

— Aonde você vai?

— Estou indo buscá-la. Hoje não volto mais para o trabalho.

— Tire os dias que precisar, não se preocupe e se precisar...

— Se eu precisar é só chamar.

— Isso mesmo — diz sorrindo. — Seja forte, Maria.

— Eu serei — digo saindo da sua sala.

Ao sair da sala não vejo Marta e Davi, provavelmente ela o levou para dar uma volta pelo Hotel. Uma coisa que Davi tem de sobra é amor, carinho e proteção e fico feliz por ele.

Saio do hotel determinada, com mais força. Conversar com Cecília tirou um grande peso das minhas costas. Agora estou indo ao encontro da pessoa que anos atrás me abandonou, indo ajudar àquela que nunca me ajudou.



CAPÍTULO 9 — MARIA

Enquanto dirijo rumo à cidade que eu cresci vou pensando na minha infância, no meu irmão, meus primos, em quando brincávamos na rua de pega-pega ou pique esconde. Essas lembranças são boas.

Quando fiz dez anos foi quando tudo começou a mudar. Ele me olhava de um jeito estranho, pedia para me sentar em seu colo e com o passar do tempo só foi piorando. O seu toque foi ficando mais ousado, os seus dedos, sua boca. Comecei a me isolar das pessoas, tinha vergonha, medo. Sentia-me suja.

Olho a placa de “boas-vindas” na pequena cidade de Esmeralda e vou dirigindo pelas ruas. Parece que a cidade parou no tempo, pouca coisa mudou. Faço o caminho para a casa que um dia morei. Estaciono em frente à casa de madeira, ainda consigo ver o vestígio da tinta azul, a casa está malcuidada, caindo aos pedaços.

Desço do meu carro, caminho até o pequeno portão e bato palmas. Ela surge na porta da sala, me olha assusta, caminha até o portão e abre.

— Minha filha — diz com olhos marejados. — Entre, por favor.

— Não.

— A casa é sua. Por favor, entre — insiste. Talvez pudesse até acreditar que está feliz com a minha presença, mas tenho motivos para acreditar que é tudo aparência.

— Essa casa não é minha. Nunca foi. Vim apenas para te buscar. Entre, pegue suas coisas e vem comigo — aviso tentando não transparecer o que sinto, não quero que me veja frágil.

— Eu não posso sair da minha casa.

— Estou te oferecendo a ajuda que pedi. Não vou insistir para ir morar comigo, se quer ajuda entre e pegue suas coisas. Você decide o que vai querer fazer.

— Eu vou com você! Espere, eu não demoro.

— Estou esperando no carro. — Dou a volta e encosto em meu carro para esperá-la.

Algumas pessoas estão na porta, outras na calçada, todos observando. Uma senhora cheia de rugas com um lenço na cabeça, com alguns fios brancos escapando, se aproxima.

— Bom dia — diz.

— Bom dia.

— Quem é você? — pergunta sem fazer rodeios. — Seu rosto não é estranho. Esse carro seu é caro? Você é bem vestida, roupa de marca. Qual o seu nome? — Acabo sendo bombardeada de perguntas. Senhora curiosa.

— Maria — digo. — Meu nome é Maria.

— Maria, Maria — repete meu nome tentando se lembrar de algo. — Maria filha da Marines e do finado José?

— Isso.

— Pelo visto está bem na vida, com carrão, roupa de marca. Saiu daqui presa, com uma mão na frente e outra atrás. Como consegui crescer assim tão rápido? Não me diz que virou mulher da vida? Seria mais um desgosto para coitada da sua mãe.

— Cresci na vida fazendo o que sei de melhor: dar a boceta para homens ricos que pagam muito bem. A senhora sabe o que é isso?

— Jesus, uma mulher da vida. Olha as coisas que fala. Deus vai castigar você por viver no pecado.

— Pelo visto não sabe nem gozar. Dar a boceta e o cu, é muito bom. Deveria experimentar ao invés de querer cuidar da vida dos outros.

— Meu Deus amado. — Faz sinal da cruz. — Marines fez bem em te deserdar, é uma vergonha para a família.

— Vergonha por quê? Só porque dou a minha boceta para quem está disposto a pagar bem?

— Também, o que se esperar de uma jovem rebelde igual a você? Só o pior, acabou de provar isso. Que vergonha, ainda tem coragem de vir atrás da coitada da mãe que está doente. Seu irmão foi embora há anos, um bêbado drogado que se veste de mulher. Mas com uma irmã como você não poderia esperar boa coisa. Que família perdida nas profundezas do inferno.

— Para a senhora ver, está no nosso sangue. Ninguém prestou e nem presta. Cuidado, a senhora vai ficar falada, aqui parada conversando com uma mulher da vida. É perigoso eu carregar a senhora junto comigo para as profundezas do inferno, garanto que quando chegar lá vai gostar tanto de dar a boceta e o cuzinho que não vai querer sair de lá. Lá é um lugar muito prazeroso.

— Rita, o que faz aqui? — Marines se aproxima puxando uma pequena mala.

— Eu vim ver quem era que estava aqui parado na frente da sua casa.

— É Maria, viu como ficou uma mulher linda?

— Para que essa mala aí? — Rita pergunta apontando a mala. Aproximo-me, pego a sua pequena mala e jogo no banco traseiro.

— Estou indo morar com ela, Maria vai me ajudar. Você sabe, estou sozinha e a doença está avançada, preciso que alguém me ajude a cuidar de mim. Daqui uns dias vou começar a quimioterapia e vou ficar bem franca.

— Não faça isso, Marines. Você vai viver em um âmbito de perversão. Olhe para ela. Essa mulher é mulher da vida, uma destruidora de lares.

— Rita, não fale assim da minha filha.

— Vamos embora ou a senhora prefere ficar? Ainda está em tempo — digo abrindo a porta do carro. Ela me olha e entra sem questionar. Olho para a tal da Rita e digo: — Cuidado para não morder a sua língua, Rita, é perigoso morrer com o seu próprio veneno.

Ela fica falando asneiras, mas não dou ouvidos, não vou perder tempo como uma pessoa amarga e fofoqueira igual a ela. Entro no carro e dou partida. O trajeto é feito quase todo em silêncio. Ela fala alguma coisa, mas não dou importância para suas palavras, logo fica em silêncio.

Quando chegamos ao meu apartamento já está escurecendo, abro a porta para ela entrar e levo a sua pequena mala até o quarto de hospede.

— Você vai dormir aqui — aviso mostrando o quarto. — Nos armários tem roupa de cama e toalhas. Vou ligar para pedir o jantar — digo saindo do quarto sem esperar resposta.

Vou para o meu quarto, ligo para o delivery de costume e peço uma massa. Tiro a minha roupa, visto um roupão e coloco a banheira para encher. Jogo alguns sais na água, vou até o bar, pego uma taça, gelo e vinho. Posso tentar relaxar durante uma hora, é o tempo de o jantar chegar.

Tiro o meu roupão, coloco uma música suave, entro na banheira e fecho meus olhos tentando relaxar.

Hoje o meu dia foi intenso, me abri com Cecília, resolvi ajudar aquela que nunca me ajudou. Ver a casa que ela vivia, que o foi o cenário onde tudo aconteceu, foi torturante. Além da vizinha fofoqueira. Uma coisa que ela disse que fez pensar: onde está Marcos? Ela se referiu a ele como um bêbado drogado vestido de mulher. Marcos é o meu irmão, é cinco anos mais novo

que eu. Quando tudo aconteceu ele tinha acabado de completar onze anos, lembro dos seus olhos assustados enquanto eu dizia para não ter medo, que tudo iria ficar bem.

A água está uma delícia, mas preciso sair, estou faminta. Com a correria do dia não tive tempo de me alimentar. Pego o meu roupão, me visto e assim que entro no quarto escuto a campainha tocar. Caminho pelo apartamento para ir atender a porta. Abro e é o jantar, pego as sacolas, agradeço e pago o entregador. Levo as sacolas para a cozinha e coloco a mesa para duas pessoas.

Ela entra na cozinha e me olha desconfiada.

— Sente-se e jante — peço.

— Eu poderia ter cozinhado alguma coisa. Não precisava comprar nada, não quero incomodar você.

— Eu não cozinho, só tem enlatado, janto fora ou peço alguma coisa. Amanhã vou conversar com a diarista e ver se ela tem alguém para indicar que possa vir diariamente para cozinhar.

— Eu posso fazer isso.

— Não tem necessidade. Amanhã vou levá-la a um especialista para saber quais caminhos seguir com o seu tratamento.

— Eu estou me tratando pelo SUS, só não quero ficar sozinha nas sessões de quimioterapia. Não precisa me levar em outro médico, é caro.

— Amanhã te levo no especialista, quero ouvir o que ele tem a falar. Amanhã também contrato uma enfermeira para te acompanhar nas sessões e consultas — digo me levantando.

— Maria! — chama.

— Diga.

— Obrigada por estar me ajudando.

— Não precisa agradecer, faria isso para qualquer outra pessoa. Não

tenho a capacidade de abandonar aquele que já está sozinho.

— Eu queria dizer, sobre...

— Não quero saber — corto.

— Eu preciso falar...

— Fale para outra pessoa, não para mim. Nada do que falar vai mudar o que aconteceu. Acorde cedo, amanhã a levarei ao médico e contratarei a enfermeira para te acompanhar. Boa noite — digo saindo e a deixando na cozinha.

Vou para o meu quarto, visto uma camisola, pego meu celular, coloco no criado-mudo e deito na minha cama. Antes que os meus olhos se fechem o meu celular toca. O pego e vejo que não conheço o número, mas resolvo atender assim mesmo.

— Alô!

— Paixão.

— Enrico? — pergunto confusa.

— Quem mais seria? Lógico que sou eu.

— Posso saber como conseguiu o meu telefone? E por que está me ligando a essa hora?

— Também senti saudades, Paixão.

— Não me respondeu.

— Paixão, está no manual que eu tinha que te ligar hoje.

— Manual?

— Aquele do primeiro encontro. Deixei para ligar agora para te desejar uma boa noite de sono.

— Ah claro! O manual, já tinha me esquecido. — Reviro os meus olhos.

— A sua sorte é que eu não me esqueço de nada, Paixão, principalmente em relação a você.

— Muito agradecida, Enrico. O que seria de mim sem você e seu manual do primeiro encontro?! — digo irônica.

Fico um pouco triste, ontem à noite foi tão prazerosa e hoje um dia tão desgastante.

— Você está bem, Paixão? Sua voz está cansada.

— Hoje foi um dia cheio — digo soltando o ar dos pulmões. — Acho que estou um pouco cansada.

— Então vai descansar. Deixei para ligar agora, apenas para que o som da minha voz seja a última coisa que escute antes de dormir.

— Obrigada Enrico — digo com um sorriso no rosto. — Boa noite.

— Boa noite, Paixão.

Encerro a chamada e deixo para pensar nos meus problemas amanhã. Abraço o meu travesseiro e acabo pegando no sono.



CAPÍTULO 10 — ENRICO

— Uau! Como está linda. — Seguro sua mão e a faço girar. — Assim meu pobre coração não aguenta com tanta beleza — digo colocando a mão em meu coração.

— Enrico, pare com isso o povo da rua está olhando — diz sem graça. — Não gosto de ser o centro das atenções, você sabe disso.

— Quero que todos vejam que vou sair com o amor da minha vida — grito.

— Fale baixo. As pessoas estão olhando, já disse.

— Não se preocupe, é inveja. Vou sair para jantar com a mais bela das mulheres. Vamos? — digo abrindo a porta da Preta. Ela entra e se acomoda. Dou a volta e coloco a Preta em movimento.

— Não adianta tentar agradar. Ontem fui abandonada por você, Enrico, eu não esqueci.

— Eu tinha um encontro, já expliquei.

— Fui jogada de lado. Você me abandonou, me deixou sozinha em casa assistindo um filme sem graça na tv.

— Mãe! Chantagem não vale.

— Isso é peso de consciência pelo seu abandono.

— Hoje estou aqui, ainda vim buscar a senhora no local de trabalho do território inimigo.

— Não existe território inimigo, esse escritório também é seu. Hoje vim ver o seu pai, ele precisava de mim para assinar uns papéis. Mas a questão não é essa. Foca no meu abandono.

— Mãe, eu tinha que ir. Eu te expliquei que o encontro era com aquela que tem o meu coração em suas mãos e nunca me deu a oportunidade para eu conquistar o dela. Surgiu a oportunidade ontem.

— Por que não disse que era ela?

— Eu disse, a senhora que não ouviu. — Estaciono a preta. — Vamos andando, o restaurante é daqui dois quarteirões.

— Enrico, estou cansada. Estaciona na frente do restaurante.

— Negativo, dona Amália, para de ser preguiçosa. — Desço do carro e abro a porta para que ela possa descer.

— Isso o que está fazendo não é justo — reclama descendo do carro.

— Sem reclamar. É uma pequena caminhada. Faz bem para a sua saúde, ficar naquele jardim sem fazer nenhuma atividade física não ajuda muito.

Caminhamos até o restaurante, nos sentamos e pedimos o nosso jantar. Durante o jantar vou contando como foi o meu encontro com Maria, minha mãe ouve atenciosa, ela sabe o quanto esperei para ter a oportunidade de me aproximar dela. Agora que consegui, vou tentar conquistá-la.

— Hoje não vai trabalhar naquele Clube, Enrico?

— Tinha horas a serem compensadas, então peguei folga. Não iria deixar o nosso encontro semanal, só troquei o dia, mas estou aqui. Lindo e irresistível como sempre.

— Você é um menino de ouro. Ela vai olhar para você, vai abrir seu coração e se apaixonar. Isso é tão certo como o sol vai aparecer amanhã. Ela será sua, meu filho, desde que faça por onde merecer o amor dela.

— Ela já é minha, só ainda não sabe, mas esse é só um pequeno

detalhe. Sou um bom partido e para completar irresistível — falo tentando fazê-la sorrir. Seus sorrisos essa noite estão escassos.

— Você é o melhor partido.

— Eu sei, sou todo perfeito para ela.

— É irresistível — diz sorrindo, mas seu sorriso não chega em seus olhos.

— Dona Amália, minha rainha, vai me dizer o por que está regulando os sorrisos? Eles são pagos? Por isso essa economia toda.

— Estou bem, meu filho — diz abaixando a cabeça.

— Diz o que ele aprontou — falo sério.

— Não aconteceu nada. Não se preocupe, estou bem.

— Mãe! — digo como uma advertência.

— Ele não sabia que eu iria ficar em casa ontem. Não teve culpa, se eu tivesse avisado a ele — diz sem graça.

— Outra? Levou outra mulher para casa de vocês de novo?

— Não! Prometeu não levar nenhuma outra mulher para nossa casa novamente e nem se envolver com as empregadas. Ele chegou em casa depois do horário, cheirando perfume barato e com marcas de batom. Ele sabe que todas as quartas-feiras saio com você, então ele saiu para se divertir. Ele sempre chega sempre antes de mim, tira a roupa suja e toma um banho para tirar o cheiro. Ontem eu não avisei, então eu vi. Foi minha culpa não ter avisado que eu tinha mudado de planos para a noite de ontem.

— Mãe, a culpa não é sua, é dele. Vocês são casados, ele tinha que te respeitar.

— Ele me respeita, filho. Do jeito dele, mas respeita.

— Isso não é respeito, é a falta dele, mãe.

— Filho, entenda — pede.

— Eu tento, mas não consigo entender como a senhora vive uma vida

dessas. É linda, merece ser amada, idolatrada. A senhora tem que ser a única mulher na vida dele, mãe, e não a matriz. A senhora não é empresa para ele ter várias filiais.

— Seu pai me ama.

— Será que realmente ele a ama? Ou está com a senhora apenas por aparência e status? E a senhora realmente ama ele ou se acostumou em ter ele ao seu lado?

— Sempre o amei e vou amar até o dia da sua morte, o seu pai também me ama eu sei.

— Eu não entendo.

— Meu filho, apenas aceite a minha decisão, mesmo com a idade que tenho, tento entender esse seu trabalho noturno naquele lugar. Não sou moderna, mas aceito sua decisão de trabalhar lá, mesmo não precisando e como se apaixonou por uma mulher que frequente esse lugar. Não estou falando mal da moça. Seu coração é bom Enrico, espero que ela o ame na mesma intensidade que você a ama.

— Ela vai me amar. Vou amá-la e respeitá-la sempre, ela será a minha única mulher.

— Espero que sim, meu filho. Sou de um tempo que o homem sempre teve amantes, cresci e convivi com as lágrimas da minha mãe, das minhas tias, essa era a sina de toda mulher. Casei com quatorze anos e estou presa ao meu passado, amo seu pai com todas as minhas forças, ele é um bom marido, me trata bem, me deu três filhos maravilhosos. Sei que tem outras e isso me machuca, não nego, mas ele sempre volta. É comigo que ele construiu uma família, é em meus braços que dorme todas as noites, as outras são apenas diversão, ele precisa da diversão e eu preciso dele. É para nossa casa, nossa cama que ele sempre volta e eu sempre vou recebê-lo.

— Mãe, já pensou que pode chegar um dia que em uma dessas

aventuras ele realmente se apaixone e não volte mais para a senhora?

— Já! Por isso aproveito cada segundo ao lado dele como se fosse o último. O dia que ele não voltar, em meu coração vai ter boas lembranças. Por isso não quero manchar minhas lembranças com brigas.

— A senhora também pode se apaixonar por outro homem.

— Não tenho mais idade para isso, seu pai foi e será o único homem da minha vida.

— Engraçado, a senhora não é a única mulher da vida dele.

— Filho. — Abaixa a cabeça.

— Mãe, a senhora é nova, casou ainda era uma menina. Com seus cinquenta e cinco anos é muito mais linda e inteira que muita mulher de vinte. Ainda está em tempo de seguir sua vida. Recomeçar, conhecer um amor, não precisa ficar presa nesse casamento.

— Não quero recomeçar, não quero conhecer um novo amor, eu já tenho um amor. Você não precisa entender, mas por favor, só aceite. Sou feliz assim, mesmo seu pai possuindo várias mulheres. Sempre foi assim.

— Tudo bem — concordo contrariado. — Se a senhora é feliz assim, não posso fazer nada além de aceitar.

— Muito feliz. Obrigada por aceitar, meu filho, mesmo não entendendo. — Oferece um sorriso fraco. — Hoje não estamos aqui para falar de mim, mas de você. Como ela reagiu. Já ligou para ela hoje?

— No início estava nervoso, depois as coisas foram fluindo, as horas passando; foi melhor do que imaginei. Não liguei para ela ainda.

— Se foi tão maravilhoso por que não ligou?

— Quero deixar para ligar antes de dormir. Quero dar boa noite e perguntar como foi o seu dia.

— Boa estratégia. Agora vamos? Está ficando tarde, avisei o seu pai que iria chegar mais cedo.

— Vamos, te levo até o território inimigo.

Caminhamos de volta para a preta, o trajeto até a sua casa é feito de conversas corriqueiras sem citar o nome do meu digníssimo pai. Deixo minha mãe em casa e vou para o meu flat.

Anos atrás sai de casa por não aceitar as atitudes do meu pai, briguei muito com ele. Quando um homem assume um compromisso com uma mulher tem que ser apenas ela. Não pode existir espaço para uma terceira pessoa. No caso do casamento dos meus pais existe a terceira, quarta, quinta, sexta... A fila é enorme. Cresci vendo minha mãe chorar e sofrer com as traições do meu pai. Também vi minha mãe perdoar todas as traições e tratar meu pai como um rei. Não entendo e nunca vou entender essa relação deles, mas por minha mãe tento aceitar. Não tenho convívio com meu pai, somos distantes, falamos somente o necessário e nos encontramos raramente. Isso é melhor para os dois.

Chego ao meu lar doce lar, vou direto para o banheiro, tomo banho, me enrolo na toalha e me jogo na cama com o celular em mãos. Ligo para a pessoa que anseio ouvir a voz.

— Alô! — diz atendendo o celular.

— Paixão — digo com um sorriso no rosto, tentando não aparecer um lunático desesperado.

— Enrico? — Pelo visto ela reconheceu a minha voz.

— Quem mais seria? Lógico que sou eu — falo de forma descontraída.

— Posso saber como conseguiu o meu telefone? E por que está me ligando a essa hora? — Ela não está bem, sua voz está tensa, está na defensiva.

— Também senti saudades, Paixão — digo tentando fazê-la relaxar.

— Não me respondeu — diz de forma seca.

— Paixão, está no manual que eu tinha que te ligar hoje — aviso.

— Manual?

— Aquele do primeiro encontro. Deixei para ligar agora para te desejar uma boa noite de sono. — Realmente isso é verdade, queria que eu fosse a última pessoa a falar com ela essa noite, com o único intuito de fazê-la pensar em mim antes de dormir.

— Ah claro! O manual, já tinha me esquecido. — Posso vê-la revirando os olhos.

— A sua sorte é que eu não me esqueço nada, Paixão, principalmente em relação a você — digo em tom de brincadeira, mas eu sei que tudo é verdade.

— Muito agradecida, Enrico. O que seria de mim sem você e seu manual do primeiro encontro?! — diz com a voz cansada, para ser mais preciso, triste.

— Você está bem, Paixão? Sua voz está cansada — indago tentando não ser rude e nem invasivo.

Maria é sozinha, pode se fazer de durona, mas é frágil como um cristal, que pode se quebrar com um simples vento. A diferença é que jamais vai mostrar que está sofrendo. Anos a observando aprendi a ler os seus gestos, a sua fisionomia e até mesmo o timbre de voz.

— Hoje foi um dia cheio — confessa soltando o ar dos pulmões. — Acho que estou um pouco cansada.

— Então vai descansar — digo com a voz suave. — Deixei para ligar agora, apenas para que o som da minha voz seja a última coisa que escute antes de dormir.

— Obrigada Enrico. — Posso ver um pequeno sorriso em seu rosto. — Boa noite.

— Boa noite, Paixão. — Finalizo a ligação.

Maria está triste e isso significa que amanhã, Escarlata, vai estar no Club, para eu ter Maria vai ser preciso conquistar Escarlata primeiro.

Amanhã ambas as mulheres: Maria e Escarlata serão minhas.



CAPÍTULO 11 — ENRICO

Hoje passei o dia focado, analisando e estudando processos. É cansativo, mas é a minha profissão e eu gosto. Ser advogado era um dos meus sonhos, não porque queria ser igual ao meu pai, mas sim porque queria defender as pessoas, ajudá-las e auxiliar da melhor forma possível.

— Enrico, tem um senhor querendo falar com você. Sei que está tarde e ele não tem hora marcada, mas insistiu muito.

Levanto meus olhos do processo que estava estudando e olho para Telma, minha secretária no escritório de advocacia que trabalho três vezes na semana. Olho no relógio e vejo que está quase na hora de finalizar o meu expediente.

Não posso atender o senhor que deseja me ver. Ainda tenho que passar em casa tomar banho e correr para o Clube, meu segundo trabalho.

— Qual o nome dele? — pergunto com o desejo que seja jogo rápido para não me atrasar.

Mesmo sabendo que não posso atender, nunca tenho coragem de falar não, talvez seja apenas uma dúvida.

— Doutor Henry Castellani.

Ao ouvir esse nome uma onda de fúria e ódio invade meu corpo. Fecho meus olhos tentando me manter aparentemente calmo. Não será jogo rápido, vou ter dor de cabeça. Justo hoje que tenho que estar inteiro para

confortar Maria, acabo recebendo essa “ilustre e adorada visita”. Dizer que não vou recebê-lo irá apenas pôr mais lenha na fogueira, ele não saber ouvir “Não”, é melhor recebê-lo, passar raiva e pronto, não existe outra saída.

— Deixe-o entrar, Telma e pode ir para casa.

— Sim senhor — diz saindo da minha sala.

— Boa tarde! — cumprimenta entrando na minha sala com a cara lavada.

— Sente-se — ofereço apontando a cadeira à minha frente.

— Como você está?

— Nesse momento curioso para saber o que devo a honra da visita do meu ilustre pai.

— Vim saber como meu filho está. Sou um pai preocupado, gosto de estar por dentro de tudo o que acontece.

— Vamos deixar os jogos de boa convivência de lado. Direto ao assunto, por favor, não tenho tempo a perder com você.

— Ontem a sua mãe chegou em casa depois do encontro de vocês cheia de perguntas e colocações. Não quero que fique colocando caraminholas na cabeça dela — vai direto ao ponto.

— Não faço ideia do que está falando — digo despreocupado.

— Sem rodeios, você sabe do que estou falando. Fica falando baboseira de fidelidade entre casal. Isso não existe. Não coloque caraminholas naquela cabeça perturbada da sua mãe. Um costume da vida inteira não vai se desfazer com uma conversa amigável ou com brigas.

— Eu não coloquei. Mas bem que eu queria pôr bastante caraminholas, ao ponto de ela largar esse casamento ridículo de vocês dois. Mas infelizmente isso ainda não foi possível.

— Eu sou homem. Tenho as minhas necessidades.

— Isso não justifica as suas atitudes.

— Enrico, sou homem e tenho necessidade de ter outras mulheres. Desde que o mundo é mundo o homem sempre teve várias mulheres. Você mesmo já teve ou tem.

— Já tive várias mulheres, isso não posso negar, mas eu nunca as iludi e quando estava em algum relacionamento sério, eu as respeitei. Não sou contra o senhor ter várias mulheres e satisfazer suas necessidades desde que seja solteiro ou no seu caso divorciado.

— Se isso é uma indireta para pedir o divórcio, desista. Sou um homem que tem necessidades, mas que preciso de uma bela mulher dedicada que possa estar ao meu lado. Sua mãe não tem o que reclamar, sou um marido dedicado, não deixo faltar nada. Ela vive em uma bela casa, rodeada de empregados, tem tudo o que precisa. Não economizo com o seu bem-estar.

— Já que ela não tem o que reclamar o que veio fazer atrás de mim? Ela tem uma vida perfeita não precisa se preocupar.

— Vim avisar para parar de pôr caraminholas na cabeça dela. Toda vez que se encontra com você é a mesma conversa fiada, estou cansado de ficar ouvindo as baboseiras, não vou pedir o divórcio. Se você continuar com isso vou proibi-la de encontrar você.

— Você não faria isso.

— Você me conhece, sabe o que sou capaz. Continue a levanto para sair, é um tempo a mais que tenho para me divertir, só não fique questionando o meu casamento, estamos bem assim — diz se levantando. — Se quiser assumir seu lugar no meu escritório as portas estão abertas.

— Já tenho um emprego.

— Aqui você é apenas um empregado, lá seria o dono — diz abrindo a porta.

— Obrigado pelo convite, estou bem aqui.

— Boa noite, Enrico, o convite continua de pé. Não esqueça o meu

recado, cada um cuida da sua vida e todos ficamos bem — avisa saindo da minha sala.

— Miserável — sussurro socando a minha mesa.

Ele já afastou a minha mãe de mim, alguns anos atrás. Ela é manipulável e frágil, sempre aceita tudo o que esse patife fala. Não vou permitir que ele nos afaste novamente. Uma coisa é certa, se ele veio reclamar isso, significa que ela está abrindo aqueles lindos olhos para a vida. Minha mãe merece ser feliz, isso que ela leva não é vida, tenho esperanças que ela acorde desse transe, largue o estrupício do meu pai e seja feliz e livre.

Tento controlar a ira que sinto, hoje preciso estar focado, Maria estava tensa ontem, ela precisa de mim. Esperei muito para ela dar a oportunidade para que eu pudesse me aproximar, agora que consegui não irei mais me afastar.

Vou para meu flat, tomo banho e visto meu uniforme de serviço. Gosto de ser Bartender, comecei como um hobby nas festas da faculdade, logo recebi o convite para trabalhar no Clube e lá se vão anos trabalhando. O dinheiro que ganho é muito bom, mais os bicos de advogado dão para eu viver bem.

Foi no Club que comecei a observar Maria, atender a sua mesa, estudar seus gestos e quando percebi já estava com as quatro rodas arriadas por ela. Sabia que um dia eu iria conhecer a mulher da minha vida, só não imaginava o Clube seria esse lugar.

Prometi a mim mesmo, que iria amá-la e respeitá-la, ela seria a minha única mulher. Realmente isso aconteceu, me apaixonei. O problema está em como fazer para eu ser o único homem da sua vida? Conheço o seu apetite sexual, sei que usa o sexo como uma válvula de escape, o motivo real não conheço. Um dia vou saber, é só dar tempo ao tempo.

Chego ao Club e entro pela porta dos fundos, coloco a minha máscara

e vou para o bar realizar meu trabalho. Converso com os clientes, sirvo as mesas, preparo bebidas; é um dia como o outro qualquer.

Por mais distraído que esteja, sempre olho para a entrada, esperando por ela. Olho no relógio e já são quase 22h00, está próximo da sua chegada. Maria sempre chega no mesmo horário, a diferença que agora sempre vem sozinha. Cecília, sua companheira está casada com Eros, eles ainda frequentam o Club, mas não com a mesma frequência de antes.

Continuo meu trabalho, quando percebo os clientes olhando para a entrada sei que é ela. Viro-me e ela vem séria com a sua máscara vermelha, cabelos presos em um rabo de cavalo, vestido preto justo a deixando linda. Os seus passos são firmes, o seu rosto tenso. Veio à procura do que sempre vem: sexo.

Fico a observando de longe por breves segundos e num curto espaço de tempo dispensa os dois primeiros caras que chegam a sua mesa. Hoje ela está implacável, não é qualquer um que vai conseguir levá-la para o labirinto.

Preparo a sua bebida e levo.

— Aqui sua bebida, Paixão — digo colocando a bebida à sua frente.

Ela não me olha. Sou ignorado completamente. Maria pega a sua bebida e a levanta para o cara que está no canto, ela escolheu o seu parceiro da noite.

Uma onda de decepção corre pelo meu corpo. Meus ombros até caem com o baque que acabo de levar. Mas não cheguei até aqui para desistir.

— Oi Paixão! — cumprimento colando uma das minhas mãos na mesa, com o rosto próximo ao seu fazendo Maria olhar para mim.

— Não estou afim de brincar, Enrico — avisa com os olhos fixos aos meus.

Agora tenho a sua atenção e não vou permitir que ela entre com qualquer homem naquele labirinto. Hoje é diferente.

— Quem disse que estou brincando?

— Sabe muito bem o que eu vim fazer aqui — diz me fuzilando com os olhos.

— Eu sei. — Coloco minha bandeja em cima da mesa. — Mas não estou a fim de ver você entrando nesse labirinto com outro cara.

— Eu preciso disso. — Seus olhos pedem socorro.

Seguro seu braço, ela está tensa, faço ela se levantar e Maria me olha confusa sem saber ao certo o que está acontecendo e o que passa por minha cabeça.

— O que acha que está fazendo? Cansei de brincar, já disse.

— E eu já disse que não estou brincando — aviso entrando no labirinto. — Eu te darei aquilo que precisa. Serei eu o homem a entrar com você.

— Pode ser você. Mas quero sexo na sua forma mais bruta.

Caminhamos a passos rápidos até chegar ao Aquário, abro a porta e dou passagem para que ela possa entrar. Fecho a porta e a levo até próximo a cama.

— É isso o que você quer? — digo abrindo o zíper da minha calça, rasgando o preservativo e cobrindo meu membro sem tirar a minha roupa.

— É o que eu preciso — diz fitando os meus olhos.

— Eu te darei — digo a jogando na cama.

É diferente da forma que pensei que seria a nossa primeira vez. Mas se é sexo duro que ela deseja, vou lhe dar. Darei tudo o que ela precisa.

Viro o seu corpo de bruços, levanto sua bunda a posicionando de quatro, rasgo sua calcinha e sem nenhuma preparação entro nela.



CAPÍTULO 12 — MARIA

Sem nenhum aviso, sem nenhuma preliminar ou preparação Enrico entra em mim.

— Ah! — gemo com o seu pau estocando dentro de mim, me rasgando por dentro, me preenchendo. Aquela ardência gostosa se faz presente e Enrico não me dá tempo para me acostumar com o seu tamanho, ele começa a se movimentar, ditando um ritmo perfeito.

Suas estocadas são firmes, assim como as suas mãos que seguram a minha cintura. Ele entra e sai de forma precisa, bruta, dando aquilo que vim buscar essa noite: prazer.

Se não fosse com ele, seria com qualquer outro. Preciso me aliviar, arrancar essa dor que está dentro de mim. Não posso pensar nisso.

Minhas pernas começam a bambearem e os meus olhos arderem. Não vou chorar, não vou amolecer.

— Me fode com mais força — peço com o intuito de jogar os meus fantasmas para o lado obscuro da minha mente. Eles não podem sair de lá.

Coloco o meu peso em meus cotovelos e empino a minha bunda, forçando ainda mais o contato com Enrico. Movimento-me junto com ele. Sinto que ele tira as mãos da minha cintura e para o meu prazer não diminui as investidas.

Enrico se curva sobre o meu corpo, enlaça o meu cabelo e me puxa,

me fazendo ficar de joelhos.

— Delícia! — geme em meu pescoço com o meu cabelo em volta do seu punho.

— É, até que você fode bem — provoco entre gemidos.

— Você não viu nada, Paixão — diz soltando o meu cabelo e retirando o meu vestido que estava embolado na minha cintura.

Ainda de joelhos, Enrico me fode e suas mãos brincam com os meus seios.

— Quero chupá-los. Cabem perfeitamente na minha mão — diz enquanto sua boca explora o meu pescoço e costas.

— Chupe-os — peço.

Arqueio minhas costas para trás, Enrico consegue alcançar os meus seios e abocanhá-los. Chupa o meu seio deixando o bico ainda mais duro.

— Minha boca, cabe perfeitamente — diz massageando meu clitóris e voltando a beijar o meu pescoço.

Por causa das suas investidas precisas, não consigo ficar de joelhos, me curvo novamente ficando de quatro.

Enrico massageia meu clitóris enquanto me fode, sinto uma onda de prazer vindo e acelero meus movimentos, ele me acompanha com estocadas mais firmes e precisas aumentando o ritmo.

— Ah! — grito quando chego a minha libertação. Nunca gozei tão rápido. — Quero mais, não para — peço.

Mesmo gozando, ainda não é o suficiente para mascarar a dor que sinto. Preciso de mais, preciso esquecer de tudo o que passei por hoje e essa é a única forma que sei para lidar com os meus fantasmas.

Enrico continua as estocadas, firmes, precisas, profundas. Ele me vira na cama, levanta minhas pernas, colocando em seu ombro e entra novamente dentro de mim. Agora que percebo que ele está nu. Não vi quando tirou as

suas roupas.

Assim como imaginava ele é másculo e viril. Uma beleza estonteante. Fecho meus olhos e tento focar nas sensações que seu toque e investidas me fazem sentir. Seu toque é preciso, mesmo querendo que ele seja rude, não é, Enrico é intenso, é voraz, é perfeito como nenhum outro foi. Não preciso guiá-lo, ele sabe o que fazer, sabe o ponto certo onde me tocar, mesmo nunca me tocando conhece o meu corpo e os meus desejos. Enrico consegue me ver além do que qualquer outra pessoa já viu.

— Vem, Paixão — diz virando na cama e me fazendo ficar por cima sem sair de dentro de mim.

Suas mãos estão na minha bunda, ajudando a me movimentar. Pela primeira vez hoje, olho em seus olhos enquanto cavalgo sobre ele. Enrico não sorri, respiro fundo e acelero o movimento. Ele não diz nada, coloco minha mão em seu peito, sinto as batidas aceleradas do seu coração, jogo minha cabeça para trás em busca do meu prazer. Mas ele não vem.

Abro meus olhos e novamente encaro Enrico, ele está segurando a minha mão e acariciando. Está sendo doce quando preciso que seja rude. Sinto os meus olhos queimarem.

— Paixão, não precisa ser forte o tempo todo — diz passando a mão pelo meu rosto.

As lágrimas há anos escondidas, começam a cair em meu rosto. Eu me quebro, desbabo.

Enrico me puxa para si e me abraça apertado, me dando conforto e principalmente algo que nunca tive. Proteção.

Choro como há muito tempo não chorava.

Choro pela minha infância...

Choro pela minha inocência perdida...

Choro pela minha adolescência roubada...

Choro pelo meu abandono...

Choro por tudo o que passei durante todos esses anos, pelas marcas que ficaram em minha alma, pela dor do meu coração.

— Estou aqui, Paixão, você não está sozinha — Enrico diz no meu ouvido, passando as mãos pelo meu cabelo.

Por esses minutos não sei explicar ao certo, mas confio nele, confio em seu cuidado. No seu ombro, meus soluços começam a diminuir, ficando apenas o choro silencioso. Fico abraçada a Enrico por vergonha, vim atrás de sexo e acabo chorando em seus braços.

— Vai ficar tudo bem, Paixão — sussurra em meu ouvido. — Eu vou cuidar de você.

Queria dizer que não vai ficar tudo bem, que a minha vida é uma merda, a minha família é uma merda. Mas prefiro ficar em silêncio, apenas tentando retomar o controle das minhas emoções.

Quando tenho coragem e aparentemente consigo mascarar minhas emoções, me levanto do seu peito e olho em seus olhos.

— Mesmo com a carinha triste, continua sendo a mulher mais linda desse mundo — diz com um sorriso no rosto. — Confesso que prefiro você com a carinha alegre, mas nem todos os dias são bons. Hoje foi um dia ruim, Paixão, mas amanhã será melhor que hoje. Vou estar do seu lado para trazer o seu sorriso ao amanhecer.

— Obrigada — digo sem graça.

— Não tem o que agradecer, está no manual.

— Que manual? — pergunto confusa.

— O manual do segundo encontro — diz me fazendo sorrir. — Considere o nosso encontro hoje como o segundo.

— Ah! O manual. Tinha até me esquecido.

— Sua sorte que você tem a mim. Não esqueço de nada, Paixão —

diz sorrindo, deixando o clima mais leve.

Ainda estou nua, montada sobre ele.

— Melhor me vestir — digo sem graça saindo de cima dele.

Pego o meu vestido no chão e caminho para o banheiro. Me limpo, visto o meu vestido, retiro a minha máscara e lavo meu rosto. Olho meu reflexo no espelho. Que vergonha como deixei minhas emoções falarem mais alto. Vim ofuscar a minha dor e não deixá-la transparecer.

Respiro fundo, coloco novamente a minha máscara e saio do banheiro. Enrico está vestido, com as mãos no bolso do lado da porta de saída.

— Pronta?

— Sempre — digo levantando a minha cabeça. — Vou embora — informo antes de abrir a porta.

— Tudo bem — concorda pegando a minha mão e abrindo a porta.

Pela primeira vez, o olhar das pessoas em volta do aquário é de dúvida, afinal dei um show chorando nua, montada no Enrico.

Sinto um aperto na minha mão, olho para o lado e Enrico me dá um sorriso confortante. Caminhamos juntos até a saída do labirinto.

— Antes de ir embora, me espere só um minuto, Paixão.

— Tudo bem — digo me sentado em uma mesa enquanto ele vai até o bar. Em poucos minutos está de volta.

— Pronto. Vamos! — chama, pegando novamente a minha mão.

Saímos do Club e Enrico pede o seu carro para o manobrista.

— Vou te levar para casa, você não está em condições de dirigir. Amanhã levo o seu carro para o seu apartamento, tudo bem? Mesmo que não estiver tudo bem, diz que está “*tudo bem*”. Não tenho a mínima intenção de te deixar dirigir. Então você não tem escolha. Tudo bem?

— Tudo bem — respondo dando os ombros.

O carro chega, ele abre a porta e me acomodo. Enrico coloca o automóvel em movimento.

Retiro minha máscara e fico olhando pela janela, Cecília estava certa, a pior coisa que fiz foi trazer a minha mãe para morar comigo. Quis esfregar na sua cara que estava bem, que tinha vencido na vida sozinha, sem a sua ajuda, sem o seu carinho. Só não podia imaginar que com ela no meu apartamento, tudo que passei anos para superar e deixar escondido viria à tona como uma avalanche, sem aviso, sem preparação. Que tudo iria desmoronar dentro de mim.

— Enrico, por favor, me deixe no hotel hoje. Não quero voltar para o meu apartamento.

Ele não questiona a minha decisão, o trajeto é feito em silêncio. Até que eu percebo um portão eletrônico de um prédio se abrindo.

— Enrico? — indago confusa.

Ele entra na garagem do prédio, sai do carro e abre a minha porta.

— Eu disse que você não está sozinha. Deixe-me cuidar de você, pelo menos por essa noite.

Nunca ninguém cuidou de mim, não penso, apenas desço do carro e sou recebida por Enrico com um abraço confortante, cheio de carinho, cheio de atenção, coisas que para muitas pessoas podem ser simples e corriqueiras, mas que eu nunca tive.



CAPÍTULO 13 — ENRICO

Durante todo o dia me preparei para receber Maria em meus braços, desde ontem à noite quando conversamos por celular, seu timbre de voz estava fraco, melancólico, triste. Eu sabia que ela não estava bem, alguma coisa tinha acontecido. O que eu não sabia era que ela estaria tão ferida, tão magoada e indefesa. Não iria deixá-la entrar no labirinto com outro homem, antes do nosso encontro até poderia suportar isso, mas hoje não posso suportar a imagem de outro homem a tocando. Por isso entrei com ela, eu daria o que ela desejava. Ela tem a mim. Era sexo que ela queria, eu poderia dar. Não estava dando a mínima de ser usado como objeto sexual, a nossa primeira vez foi bem diferente da que eu imaginei, mas foi intensa, foi no momento em que ela precisava. Isso o que importa nesse momento.

Quando Maria cavalgava em mim, via em seus olhos o desespero, a angustia, ela buscava a todo custo mascarar seus sentimentos, estava fugindo de alguma coisa, por isso a necessidade do sexo.

Maria precisava de mim. Estava pedindo socorro.

Quando disse a ela que não precisava ser forte o tempo todo, ela quebrou, deixou sua emoção florir, a abracei e deixei chorar, deixei desfazer de toda a sua angustia, seus medos, suas frustrações.

Não perguntei o motivo das suas lágrimas, apenas a abracei e tentei mostrar a ela que não está mais sozinha. Ela tem a mim para segurar sua mão,

abraçá-la e confortá-la quando for necessário.

Quando parou de chorar, tentei fazê-la rir, arrancar nem que se fosse um sorrisinho daquele rosto lindo. Não existia a possibilidade de deixá-la ir embora sozinha, por isso avisei no bar que estava indo embora. Meu intuito nunca foi levá-la para seu apartamento e quando disse que era para deixá-la no hotel a certeza de levá-la para o meu flat ficou evidente que era a melhor coisa que estava fazendo.

— Eu disse que você não está sozinha. Me deixa cuidar de você, pelo menos por essa noite — digo a abraçando, tentando dar todo o carinho que ela necessita nesse momento.

Quero mostrar para Maria com as minhas atitudes que gosto dela, que sempre gostei, quero cuidar, mimar, proteger e amá-la, quero ser tudo o que ela deseja; basta me dar a oportunidade.

Passo a mão pela sua cintura e entramos no elevador, a subida até o meu flat é feita em silêncio. Quando o elevador para, conduzo Maria até a porta, abro e dou espaço para que ela possa entrar.

— Seja bem-vinda, Paixão — digo fechando a porta.

Ela olha em volta; o flat é pequeno, com sala e cozinha separados apenas por um balcão, uma área de serviço e quarto com banheiro.

— O que achou? — pergunto passando meus braços por seus ombros abraçando-a. Beijo seu rosto.

— Bem confortável e prático. Cara de Enrico — diz.

— Cara de Enrico?

— É, cara de Enrico — afirma.

— Pode me dizer como é cara de Enrico? É tipo lindo, gostoso, sexy e sensual — digo tentando fazê-la sorrir.

— Prático e modesto.

— Gostei disso: “cara de Enrico”.

— Bem prático. Enrico, eu acho melhor...

— Também acho melhor tomarmos um banho — digo a cortando. — Já apresentei meu flat é só isso, sala, cozinha, lavanderia e àquela porta o meu quarto. Lá é o único banheiro, também só tem uma única cama, mas não se preocupe, cabem duas pessoas perfeitamente nela.

— Tudo bem. Banho?

— Banho.

Coloco minhas mãos em seu ombro e vou a empurrando para o meu quarto, abro a porta e a faço entrar. Vou até o guarda-roupa, pego duas toalhas. Seguro sua mão e a levo até o banheiro.

— Posso te pedir uma coisa? — pergunto.

— Enrico, você é legal, fez muito por mim hoje, mas eu não quero falar... — Coloco meu dedo sobre a sua boca a silenciando.

— Quero pedir para você me deixar dar banho em você, não quero transar. Mentira, eu quero fazer amor. Você é gostosa para caralho, fico com o pau duro só de imaginar você nua no meu banheiro, molhadinha, mas isso não vem ao caso. O que quero dizer é que quero apenas cuidar de você, te dar carinho, atenção. Então me deixa te dar banho? — peço.

— Tudo bem, o que tem demais um simples banho. Não tem nada aqui que você nunca tenha visto.

— Isso é verdade. Conheço bem o seu corpo, suas pintas, te conheço mais do que possa imaginar — digo já dentro do banheiro, virando-a de costas e descendo o seu zíper, agora com delicadeza, não com a mesma brutalidade que usei no Club.

— Não se iluda, Enrico, o que você conhece é apenas a casca.

— Estou disposto a conhecer mais do que se propõe a mostrar. Não quero conhecer apenas a casca. — A viro para mim. — Quero conhecer o que tem aqui dentro. — Coloco a mão em seu coração. — Mas para isso

acontecer você precisa me deixar entrar. — Tiro minha roupa e ligo o chuveiro.

— Saiba, Enrico, que você me conhece muito mais do que qualquer outra pessoa, você já conseguiu de mim, coisas e atitudes que ninguém conseguiu.

— Então estou no caminho certo — falo a puxando para debaixo do chuveiro.

A água cai, desfaço seu rabo de cavalo, pego o shampoo e massajeio seus cabelos, os lavando com calma. Depois de limpo passo o condicionador e penteio com os meus dedos. Vai que fica duro e ela vai querer me matar depois, melhor prevenir. Preciso comprar produtos femininos. Cabelos limpos e penteados, deposito sabonete na esponja e começo a passar por seu corpo, ela está de olhos fechados. Ensaboo sua pele com carinho, delicadeza e atenção. Quero mostrar com minhas atitudes o quanto a amo, não quero apenas sexo. Quero Maria todos os dias da minha vida, quero acordar ao seu lado, a chamar de minha, que ela seja mãe dos meus filhos se assim ela desejar.

Acabo de ensaboá-la e a puxo para baixo do chuveiro, a água cai sobre o seu corpo e desejo que a mesma água leve pelo ralo todo o peso do seu dia, a deixando leve e relaxada.

Desligo o chuveiro, pego a toalha e enrolo em seu corpo. Palavras não são ditas, pelos seus olhos percebo que ela está melhor. Pego uma toalha, enrolo na minha cintura e conduzo Maria até a minha cama.

— Sente-se — peço.

Sem questionar ela se senta, vou até o meu guarda-roupa, visto uma calça de pijama, pego uma camiseta, uma cueca e toalha. Vou até Maria, retiro a toalha que está em volta do seu corpo e visto minha camiseta nela. Quando me abaixo para vestir a cueca ela protesta.

— Isso eu visto — diz revirando os olhos.

— Me deixa fazer o serviço completo, Paixão. — Ela me olha feio, melhor deixa-la vestir a cueca sozinha. Pego a toalha e retiro o excesso d'água dos seus cabelos. — Não tenho secador, ele vai ficar úmido.

— Tudo bem — diz com a voz cansada.

Afasto a colcha da cama, ajeito o travesseiro em minhas costas.

— Vem Paixão — chamo, ela me olha com aquela carinha linda de perdida, vem engatilhando e senta no meio das minhas pernas. Eu a abraço e ficamos em silêncio, até que ela o quebra.

— Eu sou sozinha, como você provavelmente sabe, na adolescência fui largada a minha própria sorte, nunca tive ninguém. Eu venci, poderia ter o destino bem diferente do qual me encontro hoje. Encontrei algumas pessoas a quais pude confiar, elas também confiaram em mim e aqui estou eu hoje. Achei muito lindo a sua relação com a sua mãe. Eu não tive uma boa relação com a minha, depois de muito tempo que me abandonou a minha própria sorte ela veio até mim pedir ajuda. Está com câncer e sozinha, estava em dúvida se iria ajudá-la ou não. Mas naquele encontro você me fez ver com outros olhos então resolvi ajudá-la. Ontem a busquei na casa em que morava, levei para a minha casa, hoje contratei enfermeiras e a levei no especialista. Enfim ela terá o melhor tratamento e cuidado.

— Você tem um bom coração, Paixão, mas mesmo fazendo tudo isso por sua mãe, tem algo que está te machucando.

— Ela e toda a minha família me abandonaram e me conformei com isso, não vou dizer que não dói, sim dói muito. Não quero falar o motivo real do abandono...

— Conte apenas aquilo que você se sente à vontade.

— Eu tenho um irmão, Marcos, ele é mais novo que eu quase cinco anos. Quando tudo aconteceu ele tinha pouco mais de onde anos, nunca mais

o vi e nem tive notícias, nem dele ou do restante da minha família. Ontem quando fui buscá-la na sua casa uma vizinha fez algumas acusações. Hoje eu perguntei a ela sobre o meu irmão e ela não sabe, contou que o expulsou de casa quando ele tinha quinze anos.

— Ela disse o motivo?

— Marcos é gay, ela disse que ele se vestia de mulher e o meu pai não o aceitava, então disse que se ele não virasse homem era para pegar suas coisas e sair debaixo do seu teto e foi o que Marcos fez. Ele saiu de casa e nunca mais voltou, minha mãe não o defendeu, o abandonou porque ele era gay. Dois preconceituosos que expulsaram o filho de casa. Fiquei muito nervosa e chateada, tudo o que aconteceu comigo veio à tona e não consegui me controlar. Fui ao Club para aliviar a minha tensão, estava cega de ódio e não me importei se tinha tido um encontro com você, estava prestes a transar com outro homem. Eu avisei a você que eu não sou boa nessa coisa de encontro.

— Eu avisei a você que sou bom nisso. Eu estava lá na hora que você precisou.

— Eu te usei, Enrico, queria o seu corpo, queria me satisfazer e arrancar a dor que eu estava sentindo.

— Conseguiu arrancar a dor do seu peito?

— Parece absurdo o que vou dizer, mas o que aliviou a minha dor foi seu abraço, desmoronei na sua frente e você simplesmente me abraçou, isso significou muito. Você fez muito por mim hoje.

— Meus abraços estão à sua disposição para a hora que quiser, Paixão. Quando disse que você tem a mim, eu não estava brincando.

— Obrigada por hoje, Enrico, por dar o que eu precisava, por me ouvir, por tudo.

— Já disse que não precisa agradecer, está tudo no manual. Esse é o

meu papel, te dar o alicerce que precisa.

— Um dia eu quero ler esse seu manual.

— Oportunidade não vai falar. Vamos dormir? Mas já vou avisando que tem que ser de conchinha, porque está no manual e você não pode ir contra. Também tem o beijo de boa noite.

Ela vira o pescoço e nos beijamos, um beijo calmo, sereno, com gosto de Maria. Adoro beijo com gosto de Maria ele é o melhor beijo que existe.

Apago a luz do quarto, deixando apenas a luz do abajur acesa. Deito, estico meu braço e ela deita, ficamos de conchinha.

— Boa noite, Paixão.

— Boa noite, Enrico.

Alguns minutos se passam.

— Paixão! — falo baixinho.

— Sim.

— Não se preocupe, eu vou achar seu irmão.

— Obrigada. — Se vira e deposita um beijo em meu rosto.

Ficamos em silêncio, seguro sua mão e fico fazendo carinho até que Maria pega no sono. Fico vigiando seu sono, enquanto fico sonhado acordado com ela em meus braços.

A cada dia estou mais perto do seu coração e o meu sonho a cada dia está mais próximo de ser realizado.

— Eu te amo, Maria — digo baixinho, enquanto ela dorme.



CAPÍTULO 14 — MARIA.

Sinto tanta proteção, tanto carinho nos braços de Enrico que adormeço, depois de um dia intenso meu sono é tranquilo, ele me faz bem.

Quando abro meus olhos, viro-me o procurando na cama, fico com uma pequena pontada de decepção por não encontrá-lo. Sento na cama, passo a mão em meus cabelos, que provavelmente estão uma bagunça.

— Bom dia, Paixão! — Enrico entra no quarto com os cabelos ainda molhados, vestido com calça de flanela, uma bandeja nas mãos e um enorme sorriso no rosto. Vem até a cama e me beija.

— Beijo sabor Maria — diz sorrindo. — Estava tão linda dormindo que não tive coragem de te acordar. Trouxe seu café na cama, assim como diz o manual. Com fome?

— Um pouco — digo alegre, é bom ter Enrico ao meu lado. — Sente-se aqui do meu lado e toma café comigo.

— Fazendo essa carinha linda, não tem como negar. Eu não ia negar mesmo, a minha intenção era essa. Por que acha que enchi essa bandeja? Sei que você é esfomeada, mas não é para tanto. Tem comida suficiente para nós dois — diz se sentando do meu lado.

Pego o copo de suco de laranja e o levo a boca, Enrico pega o pão passa geleia, morde e depois coloca na minha boca.

— Enrico — digo rindo quando ele lambuza minha boca com geleia.

— Me deixa limpar. — Seu rosto se aproxima da minha boca, fecho meus olhos para receber o seu beijo, mas ele me lambe.

— Enrico! — digo rindo, tentando fugir. Ele segura meu rosto e lambe minha boca, minha bochecha. — Para!

— Pronto. Agora está limpinha — diz me soltando, pegando o suco e tomando. — Você quase derrubou tudo na cama, se tivesse caído você iria limpar tudinho.

— Eu que quase derrubei?

— Foi, não sei por que esse escândalo todo.

— Você estava lambendo o meu rosto. — Aponto o dedo o acusando.

— Mal-agradecida, estava limpando seu rosto porque igual uma bebezinha se sujou tudo de geleia.

— Você que enfiou o pão na minha boca e me sujou.

— Eu não estou lembrado disso não — diz na maior cara de pau. — Quer pão?

— Me dá aqui seu ... seu... — Tento achar um apelido.

— Seu lindo — diz encostando a sua boca na minha rapidamente de forma natural.

— Lindo?

— Você é a minha paixão e eu sou o seu lindo, não é perfeito? Estamos evoluindo bem em nossa relação — diz animado.

— Nossa relação?

— É, Paixão, isso que tem entre a gente, você sabe — diz dando de ombros.

— Eu não sei.

— Olha a hora. Acho que você precisa de um banho. Entra que horas no hotel? Não pode chegar atrasada.

— Está tentando mudar o rumo da conversa?

— Estou. Agora você finge que deu certo, levanta da cama correndo e diz “*Eu estou atrasada e agora Enrico o que eu faço?*” — O olho de rabo de olho. — Está no manual, Paixão. — Reviro meus olhos.

— Não quero levantar — digo me aninhando em seu corpo. — É bom ficar assim, me sinto bem por estar aqui.

— Posso estar com você a todo tempo, Paixão, basta você querer. — Me abraça dando o conforto que preciso.

— Agora, o que faço? O que diz seu manual?

— Você almoça comigo hoje?

— Hum, não posso, tenho reunião no horário do meu almoço.

— Então você dorme aqui essa noite comigo, abraçadinha de conchinha? Hoje eu trabalho no Club não posso levá-la para jantar. Antes que fale que você vai ao Club, por favor, diz que não vai lá. Antes que diga que a gente não tem nada, eu sei, não precisa dizer, mas, por favor, não vá ao Club. Não tenho o direito de te pedir isso, mas não custa tentar — diz me olhando com aqueles olhinhos de cachorro que caiu da mudança.

— Eu não vou ao Club — digo o fazendo abrir um sorriso. — É o mínimo que posso fazer, visto o que fez por mim nesse pouco tempo.

— Eu saio às 2h00 da manhã, passo no seu apartamento te pego ou posso dar a chave do flat e você me espera aqui, bem linda vestida com a minha camisa e cueca assistindo um filme. Qual você prefere?

Fico pensando o rumo que isso tudo está levando, nunca quis me envolver com ninguém, mas Enrico é diferente, me faz bem. Penso em ficar no meu apartamento vendo a minha mãe doente andando pela casa, fazendo meu o passado presente. A raiva por ela ter abandonado a mim e ao meu irmão. Ficar com o Enrico no momento está sendo a única coisa boa em minha vida.

— Venho para o seu apartamento e te espero vestida com a sua

camisa e cueca.

— Paixão, você sabe conquistar um homem.

— Agora preciso me vestir e ir para minha casa, chama um taxi? —
peço levantando da cama e procurando o meu vestido.

— Se estiver procurando seu vestido, eu lavei e está lá na lavanderia,
vou pegar enquanto toma banho. E quanto ao taxi eu não vou chamar, no
manual diz eu que tenho que te levar para casa. Responsabilidade minha.

— Tudo bem, lindo. Vou tomar banho, mas dessa vez sozinha.

— Diz de novo?

— O quê? — Não entendi. — Vou tomar banho, mas dessa vez
sozinha?

— Não, Paixão. A parte que você disse lindo.

— Eu não disse.

— Disse sim.

— Claro que não. Disse apenas que iria tomar banho.

— Disse assim: *“tudo bem, lindo. Vou tomar banho, mas dessa vez
sozinha.”* — imita a minha voz.

— Você é doido — digo entrando no banheiro.

Eu, chamá-lo de lindo, só na cabeça do Enrico mesmo. Não sei quem
é pior, se é ele ou eu que sempre acabo aceitando todas as suas loucuras.

Pego sua escova de dentes e escovo os meus dentes, depois vou para o
chuveiro e tomo meu banho.

Estou feliz, não sei explicar, era para eu estar triste e nervosa por
saber o que minha mãe fez com Marcos, mas estou bem. Vou procurar o meu
irmão e vou cuidar da minha mãe mesmo ela não merecendo.

Saio do banheiro enrolada na toalha, Enrico não está no quarto e a
porta está fechada. Em cima da cama forrada está o meu vestido e uma cueca.
Isso me faz sorrir. Visto a cueca e o vestido, passo os dedos em meus

cabelos, os deixando soltos para que possam secar de forma natural.

Enrico parece ser bem organizado. Pego a toalha molhada que deixei em cima da cama e levo para o banheiro. Um sorriso travesso surge em meu rosto. Ele é todo engraçadinho, entrou na minha vida e está fazendo uma bagunça com meus sentimentos. Nada mais justo deixar a toalha molhada em cima da cama, é apenas uma “*baguncinha*” comparado com que ele faz comigo.

Abro a porta, saio do quarto e encontro Enrico todo vestido de terno e gravata, arrumando alguma coisa na cozinha.

— Oi — cumprimento chamando a sua atenção.

— Já está pronta, Paixão? — pergunta enxugando as mãos. — Estava lavando a louça do café. A tia só vem limpar duas vezes na semana.

— Você cozinha?

— Me viro bem, comer comida enlatada todo dia não é legal.

— É só usar o telefone que eles entregam.

— Gosto de cozinhar e você cozinha?

— Sei fazer miojo e ovo cozido.

— Já não passa fome — diz se aproximando de mim. — Um dia posso cozinhar para você. O que acha?

— Acho legal. Mas se a comida estiver ruim eu vou dizer.

— Eu me garanto.

Ficamos conversando, falando sobre a sua segunda profissão de advogado, ele disse que hoje tem uma audiência e que cumpre seu horário três vezes na semana no escritório de advocacia que trabalha. Acabo descobrindo que ele trabalha para Eros e os Fox. Decidimos que está na hora dele me levar para o meu apartamento. Enrico disse que depois leva o meu carro.

— Estou bem surpresa com você. Preciso achar uns defeitos — digo

quando estamos perto do meu apartamento.

— Eu disse que sou um bom partido.

— Pelo visto sua mãe fez um bom trabalho.

— A sua também fez, sou grato por ela ter te posto no mundo. Assim tive a oportunidade de te conhecer, Paixão — diz estacionando o carro e pegando a minha mão. — Não estou defendendo ela, a vida vai mostrar a ela o quanto errou. Sou grato por ela ter posto você no mundo, não sei o que aconteceu, só sei que ela te feriu muito. Quero que você entre lá e mostre a pessoa maravilhosa que se tornou sozinha, sem a ajuda dela. Mostre que você é melhor. E quanto ao seu irmão, vamos encontrá-lo. Pode confiar em mim.

— Obrigada.

— Aqui está a chave do flat — diz me entregando a chave. — Se quando eu chegar do serviço você não estiver na minha cama, linda com a minha camisa e cueca venho aqui te buscar. Entendeu, Paixão?

— Entendido. — Pego a chave e a guardo dentro da minha bolsa.

— Agora vem aqui e me dá um beijo com sabor Maria.

Aproximo-me da sua boca e o beijo. Nunca imaginei que beijar era tão gostoso, tão bom. Beijo com gosto de Enrico.

Desço do carro e o vejo partindo. Entro no meu prédio, subo pelo elevador com a alma leve e renovada, pronta para enfrentar a minha realidade. Mas o que me deixa feliz é saber que quando a noite chegar estarei em seus braços.



CAPÍTULO 15 — MARIA

Hoje tenho uma reunião na hora do meu almoço, então meu plano é entrar rapidamente, ir para meu quarto me arrumar, seguir para o hotel, enfiar a cara no trabalho e assim fazer o tempo passar mais rápido.

Não quero retomar a discussão que tive com a minha mãe ontem. Ela não entende e nunca vai entender, está doente e o melhor é ela focar na sua recuperação. Eu vou procurar o meu irmão.

Abro a porta do meu apartamento e a vejo deitada no sofá, ao lado está a enfermeira que contratei para acompanhá-la. Quando me vê rapidamente se levanta do sofá e vem ao meu encontro.

— Isso é hora de você chegar? — pergunta com a voz alterada. — Fiquei a noite toda te esperando, você não pode sair e não dar notícias. Quando dormir fora tem que me avisar.

— Bom dia para a senhora também — digo colocando a minha chave na mesinha de centro.

— Fiquei esperando você voltar para casa — diz e eu a ignoro, não quero discutir e não vou. É perda de tempo.

— Bom dia, Talita, tudo bem? Raquel deixou algum recado? — indago olhando para a enfermeira e deixando minha mãe ao lado com a cara feia.

— Bom dia, senhora.

— Apenas Maria.

— Maria, a Raquel disse que a sua mãe está medicada, passou bem à noite, não queria dormir esperando você chegar. Não ligou no seu celular porque estava tudo bem com a senhora Marines e não queria preocupá-la.

— Agiu de forma correta, apenas me ligue se for algo sério. Hoje ela tem quimioterapia na parte da tarde. O médico que vai cuidar do tratamento dela disse que se correr tudo bem está liberada hoje. Depois da quimioterapia você pode trazê-la para casa e fique fazendo companhia.

— Não precisa se preocupar, ficarei do lado de sua mãe.

— Contratei uma cozinheira, passe para ela a alimentação que ela precisa fazer. Às 18h00 a Raquel chega e você está liberada. Se alguma coisa acontecer me ligue e se precisar de alguma coisa é só falar que eu providencio.

— Entendido, Maria. Não se preocupe, já tive outros pacientes que fizeram o mesmo tratamento que sua mãe. Vai correr tudo bem.

— Obrigada Talita. Vou me arrumar para trabalho — digo tentando sair da sala, mas sou barrada.

— Maria, eu te fiz perguntas e exijo que me responda. Eu sou a sua mãe — diz parada na minha frente.

— Está bem tarde para você tentar fazer o papel de boa mãe — acuso desviando dela e indo para o meu quarto. — Com licença, tenho que ir para o meu trabalho.

A trouxe para morar comigo e financeiramente para que eu possa cuidar dela, mas não irei permitir que interfira na minha vida. Sempre fiz o que tive vontade. Está bem tarde para ela se mostrar interessada e preocupada com a minha vida.

Hoje começa o seu tratamento contra o câncer, serão o total de oito sessões de quimioterapia. A cirurgia para a retirada do caroço não foi

descartada. Ela vem tratando essa doença há alguns anos, segundo os laudos médicos ela nunca chega ao final do tratamento fazendo assim a doença voltar. Mas dessa vez irá fazer o tratamento até o fim. Sei que é uma doença difícil, o paciente precisa do apoio e carinho da família, o médico ontem frisou várias vezes isso. Talvez esse seja o papel de uma filha com a sua mãe, estar do seu lado segurando a sua mão dando apoio e carinho para enfrentar a doença, mas eu não consigo vê-la como mãe. Nosso passado me deixou várias marcas na alma. São marcas profundas que nem o tempo foi capaz de apagar, não sei o que é ter uma mãe, nunca soube, portanto sentimentalmente não tenho a capacidade de dar o apoio que ela necessita para enfrentar a doença. Entre nós não existe o elo de mãe e filha. Esse elo foi quebrado há alguns anos. Mas financeiramente estou fazendo o que posso, vou dar o melhor tratamento e ajudá-la. Não me vejo na quimioterapia segurando a sua mão, mas estou pagando uma enfermeira para fazer isso. No momento, apoio financeiro é tudo que posso oferecer.

Depois de pronta para o trabalho, pego minha bolsa e saio do quarto, ela ainda está na sala.

— Maria, não vai tomar café da manhã? Acordei cedo e fiz aqueles biscoitinhos de nata que você adorava quando era criança — diz com a voz calma.

— Já disse que não tem necessidade de cozinhar, poupe suas energias para o seu tratamento.

— Eu fiz para passar o tempo, gosto de cozinhar. Vem, senta na mesa e toma seu café com calma.

— Já tomei café. Talita sabe meus números, estou indo trabalhar — aviso, saindo sem dar atenção a ela.

Pego o meu carro, o que uso para trabalhar. Tenho dois carros, um que uso apenas para ir ao Club e o outro para o meu dia a dia. As pessoas são

preconceituosas e gostam de apontar o dedo. Se souberem que sou a Escarlata, vão começar a me olhar diferente. Para ser exata vão tentar de todas as formas desestabilizar o meu trabalho e caráter.

Conheço algumas pessoas que frequentam o Clube e eles adotam o mesmo critério que eu. Exemplo disso é a Cecília, Eros, os Fox e até mesmo o Enrico, ontem o seu carro não era a tal da Preta.

Pensar em Enrico faz um sorriso surgir em meu rosto. O que será que ele está fazendo nesse momento?

Provavelmente atrás de uma mesa encarando um juiz e defendendo uma causa, ele disse que tinha audiência hoje. Enrico no modo advogado fica extremamente sexy.

Estaciono em frente ao hotel e entrego a chave para o manobrista. Penso em ir direto para a minha sala, mas no meio do caminho resolvo passar na sala de Cecília.

A nova secretária já está trabalhando. Luzia, uma menina esforçada que começou como camareira, ela é inteligente honesta e merece crescer profissionalmente.

Luzia avisa que quero falar com Cecília, que permite a minha entrada.

— Que frescura, Maria, sabe que não precisa ser anunciada.

— Vai saber o que está aprontando aqui dentro. Não quero ficar constrangida de pegar você e Eros em cima dessa mesa — zombo sentando à sua frente.

— Engraçadinha — Cecília fala.

— Cadê o Davi?

— Passeando com Marta, agora que tenho uma secretária ela o leva todos os dias para dar uma volta na pracinha aqui perto. Daqui a pouco eles chegam.

— Ter uma secretária facilita muita coisa, Cecília, Marta agora pode

se dedicar mais a Davi.

— Eu sei, estava sendo egoísta. Mas mudando de assunto, como foi ontem com o médico da sua mãe?

— Cansativo, resumindo, o médico deu esperanças de um bom tratamento, discuti com ela, fui ao Club.

— No Club? E o Enrico? Vocês dois não estavam juntos?

— Juntos não, apenas tinha saído com ele em um encontro. Precisava libertar a tensão.

— Sei... — diz desconfiada. — Conta mais, pois estou sentindo que tem algo a mais nisso tudo.

Comecei a relatar tudo o que aconteceu entre Enrico e eu, o seu cuidado, atenção e carinho. Sobre o convite de dormir novamente em seu flat e a minha aceitação sem ao menos questionar.

— Acha que fiz o correto? — Nunca fui insegura, mas também não sei como agir. O melhor é perguntar para uma amiga, ela dará um norte em minha vida.

— Se o Enrico te faz bem, está sim agindo certo.

— Ele me faz bem — afirmo.

— Eu sei que ele faz muito bem a você, Maria. Vejo, como nunca vi, seus olhos brilham quando fala dele. Ontem teve uma discussão seríssima com a sua mãe, sei que a relação das duas é tensa. Mas quando entrou na minha sala veio falar do Enrico e a briga com a sua mãe ficou em segundo plano. Está até mais maleável falando dela e já está disposta a não brigar mais com ela. Tudo isso se deve ao Enrico, pelo cuidado e carinho que ele tem por você. Não tenha medo, Maria, sei que isso é novo para você.

— Obrigada. Estava precisando ouvir isso.

— Você é segura de si, Maria, então viva esse momento.

— Eu vou viver — digo me levantando. — Bom, chefinha, preciso ir

para a minha sala trabalhar.

Saio da sala de Cecília e agora sim, vou direto para a minha sala.

— Bom dia — cumprimento a minha secretária.

— Bom dia, Maria, a sua agenda está em cima da sua mesa com todos os compromissos de hoje.

— Obrigada — agradeço abrindo a porta da minha sala.

— Em cima da sua mesa também tem um vaso com flores, a floricultura que entregou essa manhã. Tomei a liberdade de colocá-las em um vaso com água. O cartão está ao lado.

— Obrigada, Ivone.

Entro na minha sala e vou direto ao vaso com os girassóis. Nunca recebi flores em toda a minha vida. Pego o vaso para olhar mais de perto, levo até o meu nariz e cheiro a fragrância.

Deposito o vaso sobre a mesa, pego o cartão e o abro.

Paixão,

Obrigado por dormir em meus braços essa noite. Foi uma noite maravilhosa. É apenas a primeira de muitas.

Você é igual ao girassol!!!

**P.S – Não adianta ficar bravinha e revirar esses lindos olhos, está no manual. Então aceite. Te espero a noite!*

Ass: Seu lindo.

— Enrico, o que você está aprontando? Por que meu coração está tão acelerado a ponto de parecer que corri uma maratona?

Mando uma mensagem de texto agradecendo pelas flores, ele me responde que estou aprendendo rápido, nem foi necessário ele dizer que precisa agradecer, pois estava no manual.

Começo a trabalhar, com a correria do dia até esqueci que essa tarde minha mãe tem uma sessão de quimioterapia. Envio uma mensagem para Talita perguntando como está indo, ela responde que está ocorrendo tudo como o previsto. Olho para o relógio e vejo que são quase 18h00, um sorriso surge em meu rosto. Horário de ir para casa.

Desligo o computador e arrumo os papéis da minha mesa. Saio da minha sala com um único plano: chegar em casa tomar banho e ir para o flat de Enrico. Afinal, se quando ele chegar do trabalho eu não estiver lá, Enrico vai me buscar em casa, é melhor fazer o que ele me pede.

Está tudo no manual é só seguir que no fim dá tudo certo.



CAPÍTULO 16 — MARIA

Assim que estaciono meu carro olho para o lado e vejo que Enrico trouxe o meu segundo carro para casa. Enrico fez parte dos meus pensamentos no dia de hoje, tudo me fez lembrar ele.

Pego o elevador e subo para o meu apartamento, quando abro a porta as luzes estão apagadas e tudo em silêncio.

Há dois dias o silêncio era a minha companhia, sabia que quando chegasse em casa não iria encontrar ninguém. Hoje minha realidade não é diferente, apesar de saber que vai ter alguém aqui é como se não estivesse.

Caminho até o seu quarto para ver se ela está bem. Segundo Talita elas tinham chegado da quimioterapia por volta das 17h00. Dou uma leve batida e abro a porta. Então a vejo deitada com Raquel ao seu lado.

Quando Raquel percebe a minha presença se levanta rapidamente e vem ao meu encontro.

— Boa noite — digo fora do quarto.

— Boa noite, Maria — Raquel diz fechando a porta do quarto.

— Está tudo bem com ela?

— Está descansando.

— Preciso me preocupar com alguma coisa? — pergunto desconfiada.

Não consigo demonstrar meus sentimentos, mas quero que ela fique bem, que possa seguir a sua vida e eu seguir a minha.

— Não precisa se preocupar, ela está bem. Talita me informou que correu tudo bem, sua mãe está apenas cansada. É um tratamento cansativo e intenso, as emoções ficam à flor da pele.

— Pensei que estaria acordada, ainda é cedo.

— Assim que chegaram Talita a fez tomar um banho e se alimentar, depois deu um calmante para que ela possa relaxar e descansar um pouco. Ela não queria dormir, queria esperar você chegar, mas por causa do calmante acabou dormindo.

— Entendi, estão precisando de alguma coisa?

— Não, está tudo bem. Mas reparei que não tem água de coco e seria importante para hidratar, todos que fazem esse tratamento sentem muita sede e a boca fica amarga. A água de coco ajuda.

— Irei providenciar. Amanhã terá a água de coco que ela precisa. Mais alguma coisa?

— Não, apenas isso. Talita disse que eu poderia informar a cozinheira, mas quando cheguei ela já tinha ido embora, por isso estou avisando você — explica sem jeito.

— Sem problemas, qualquer necessidade pode me avisar. Eu vou tomar um banho e sair. Você tem o meu número, qualquer coisa me ligue.

— Não se preocupe, Maria, ela só vai acordar amanhã. Durante três dias ela vai ficar mais deitada e dormindo, o tratamento é desgastante.

— Eu vou indo, qualquer coisa me ligue — aviso novamente. — Provavelmente vou dormir fora, caso ela pergunte se acordar. Não precisam se preocupar comigo.

— Boa festa.

— Não é festa, vou... — ia me justificar, mas acabo desistindo, não tenho que ficar me explicado. — Obrigada — digo saindo para o meu quarto.

Abro meu guarda-roupa, separo a roupa para tomar banho, decido

fazer uma pequena mala com uma troca de roupa e camisola, talvez possa ir para o trabalho direto. Amanhã ligo para saber como estão as coisas por aqui, se estiver tudo bem vou direto para o hotel.

Olho no relógio e acho que é melhor tomar banho no flat do Enrico, assim economizo tempo. Saio do quarto com a minha pequena bolsa, vou para a cozinha e deixo um recado por escrito referente a água de coco. Agora posso ir para o flat de Enrico.

Que loucura estou fazendo, eu, Maria, indo dormir na casa de um homem, e pior esperar ele chegar em casa depois do trabalho. Parece ridículo tudo isso, mas até que está sendo bem legal fazer parte desse ridículo.

Chegando a portaria do flat, parece que o porteiro já sabe quem sou, pois ele abre o portão sem eu precisar avisar. Sigo até a vaga do Enrico e estaciono meu carro do lado da Preta.

Desço do carro, pego minha bolsa e subo pelo elevador. Pego a chave que ele me entregou está manhã e abro a porta. Acendo a luz e caminho até a mesinha ao lado do sofá que tem um girassol solitário e um bilhete.

Bem-vinda, Paixão!!!

Sei que acabou de dar um sorriso. Agora revirou esses lindos olhos. Eu sei como se sente, afinal sou irresistível, sexy, bom partido e outras coisas que você sabe bem.

Sei que o seu dia foi cansativo e provavelmente veio sem jantar. Não quero que fique com fome. Preparei uma coisinha para você se alimentar, está no micro-ondas é só esquentar. Não precisa sentir a minha falta. Daqui a pouco estou de volta.

Ass: Seu lindo.

— Meu lindo — digo pegando o girassol solitário. — Só ele mesmo,

você não é meu, Enrico.

Caminho até a pequena cozinha. Vou até o micro-ondas e tem outro pequeno bilhete.

Paixão

Em dois minutinhos está pronto, enquanto isso pegue o suco na geladeira. Come tudo!!!

Faço o que ele pede, coloco dois minutos, vou até a geladeira e pego a jarra de suco. Olho na bancada e o prato com talheres já está posto.

Preciso achar algum defeito em Enrico, isso já está me irritando. Por que ele tem que ser tão lindo em todos os sentidos?

O micro-ondas apita. Abro e me deparo com uma lasanha que está com a cara ótima. Faço aquilo que ele pediu e como tudo. Depois de bem alimentada, lavo a louça que sujei e vou para o quarto tomar banho e esperar ele chegar. Em cima da cama estão duas toalhas, uma camiseta branca, uma cueca box preta e do lado outro bilhete.

Paixão

Agora que está bem alimentada, pode tomar um banho bem gostoso e me esperar chegar, deixei sua roupa de dormir separada em cima da cama. Nunca vi tão linda e sexy vestindo minha camiseta e cueca.

P.S: Se não quiser tomar banho não tem problema, quando eu chegar tomamos banho juntos.

Estou chegando à conclusão que Enrico adora bilhetes. Retiro as minhas roupas e tomo banho sozinha, estou cansada e suja do trabalho. Não

passa despercebido que ele comprou produtos femininos, que ontem não tinham no banheiro. Até mesmo uma escova de dentes rosa que ele colocou ao lado da escova azul. Deduzi que era a minha. Visto sua camiseta e cueca, deixando de lado a camisola que eu trouxe de casa, me deito na cama e ligo a televisão para esperá-lo chegar.

Sinto meus olhos pesarem, tento não dormir, mas acabo pegando no sono...

Acordo assustada e me sinto presa em braços fortes e quentes, viro minha cabeça para o lado e o vejo sorrindo para mim.

— Desculpa Paixão, você estava tão linda dormindo que eu não queria te acordar, mas não resisti em te abraçar — diz me oferecendo um sorriso.

— Eu dormi.

— Tão linda nanando.

— Bobo.

— Acho que eu mereço um beijo?

— Merece.

Seguro seu rosto entre minhas mãos e o beijo, devagar, saboreando seus lábios, seu beijo, sentindo o seu cheiro, o seu gosto. Enrico corresponde ao nosso beijo e quando abro os olhos vejo o meu desejo refletido em seus olhos. O que começou lento acelerou, sequer sabia nesse momento onde estava.

A camisa que eu vestia foi retirada, assim como a cueca box, em instantes ele estava no meio das minhas pernas, me chupando, me penetrando com a sua língua. Suas mãos percorriam o meu corpo me apertando, me fazendo sentir sua. Quando senti que estava no meu limite ele me penetrou, cobrindo o meu corpo com o seu.

Gemi ao senti-lo todo dentro de mim, nossos corpos começaram a se

movimentar. Seus olhos cravados nos meus, uma dança perfeita nunca antes dançada por mim.

Senti nossos corpos vibrarem e juntos chegamos ao nosso limite. Enrico me beijou, passou a mão em meu rosto e foi diminuindo o ritmo, depois deitou ao meu lado e me puxou para o aconchego do seu abraço, deposei minha cabeça em seu peito e fiquei ouvindo sua respiração ofegante. A batida do seu coração estava acelerada. Nenhuma palavra foi dita, ficamos em silêncio, apenas sentindo um ao outro, não sei quanto tempo passou.

— Enrico! — chamo ainda deitada em seu peito.

— Paixão — diz beijando meus cabelos.

— Posso fazer uma pergunta?

— Todas as perguntas que quiser.

— Por que girassol?

— Você gostou?

— Muito! Achei diferente.

— Minha mãe tem um jardim em casa, desde pequeno a vi cuidando do seu jardim e ela sempre explicou o significado de cada planta, cada rosa, cada flor. Escolhi o girassol por ele ser igual a você, Paixão.

— Fiquei curiosa. O que ele significa?

— O girassol é a flor do sol, é a integridade e a força que temos dentro de nós e que queremos transmitir aos outros.

— Força?

— Você é forte, Paixão, assim como o girassol. O girassol aprendeu a viver com o sol e por isso é forte.

— Está me confundindo — digo levantando a minha cabeça e o olhando. — Não sou tão forte quando pareço.

— O girassol indica luz, calor, sentimento de conforto, felicidade e

sorte. Eu sinto tudo isso por você, Paixão. Você é a minha felicidade, a minha sorte e principalmente a minha luz — diz depositando um leve beijo na minha boca.

— Não Enrico, você que está sendo a minha luz.

Ele fica me olhando por alguns longos segundos, passando a mão por meu rosto. Eu apenas o observo tentando decifrar o que se passa em sua mente.

— Paixão, namora comigo?

— Namorar? — Ele balança a cabeça afirmando. — Eu não sei — digo perdida.

— Eu te ensino.

— Ensina?

— É só seguir o manual, que não tem erro.

— Manual? Igual do primeiro encontro.

— A diferença que esse é de namoro. Não tenha medo, Paixão, eu vou cuidar de você, serei a sua base, seu amigo e seu amante. Deixa eu te amar e cuidar de você? Serei a luz que você precisa.

— Eu aceito — digo beijando a sua boca e voltando a deitar em seu peito.

Mais nenhuma palavra foi dita, ficamos abraçados curtindo um ao outro, fico ouvindo as batidas do seu coração e adormeço em seus braços.



CAPÍTULO 17 — ENRICO

Abro meus olhos e a vejo com os cabelos loiros como um raio de sol espalhados em meu peito; fico a observando. Durante muito tempo esperei por esse momento para tê-la em meus braços. Fui paciente e quando a oportunidade surgiu a agarrei e agora por enquanto ela é minha. Hoje é um novo dia. Maria é uma mulher especial, está quebrada, sei que estou sendo uma válvula de escape que a faz fugir da sua realidade. Tenho que conquistá-la todos os dias, ser forte por mim e por ela. Quero ser sua base, seu companheiro, nunca tive dúvidas que ela fosse a mulher da minha vida. Eu quero ser o homem da sua vida também, seu marido, pai dos seus filhos. Agora sou seu namorado, isso por pouco tempo, pois logo quero ser o seu marido.

Ela se mexe e desperta, abrindo seus lindos olhos, fazendo o meu mundo iluminar ainda mais.

— Bom dia, Paixão — digo a beijando.

— Bom dia! — responde sorrindo e se aconchegando em meus braços.

Levando-me sentando na cama para olhá-la.

— Está errada, Paixão, não é assim que se dá “*bom dia*” para um namorado. Sou seu namorado, está lembrada? Você disse sim, agora não pode mais voltar atrás. Está no manual, aceitou não se volta atrás.

— Eu falei bom dia — diz confusa.

— Deu bom dia, mas está faltando coisas aí, está no manual. Eu vou te ensinar — falo fazendo Maria rir. Cada sorriso, cada risada, faz meu coração inflar por ela.

— Me ensina, Enrico — diz manhosa. — Eu não conheço o manual.

— Eu conheço e vou te ensinar tudinho.

— Serei uma boa aluna. Como se dá “*bom dia*” para o namorado?

— Você diz assim “*Bom dia, meu Lindo*” e me beija. Viu? É simples.

Maria vem até a mim, rastejando igual uma gatinha manhosa e fica de joelhos à minha frente.

— Bom dia. — Beija o meu pescoço. — Meu lindo. — Beija a minha boca. — E agora, está certo?

— Perfeito. Vem cá que preciso mais do beijo sabor Maria — digo a puxando e aprofundando o nosso beijo.

Maria passa suas pernas deixando uma de cada lado e monta em mim, está nua e linda. Ela não tem vergonha da sua nudez, dormimos assim, nós dois nus e abraçados, somos um casal.

Em instantes sem ao menos percebemos nossos corpos estão se fundindo, a giro na cama cobrindo o seu corpo, a amando e venerando. Mostro a ela o quanto a amo, o quanto a desejo e o quanto quero que seja minha pelo resto das nossas vidas. Assim como da vez anterior, gozamos juntos, deito ao seu lado a puxando para meus braços.

— Eu posso me acostumar com essa história de namorado, é muito bom sexo durante a manhã — diz manhosa.

— Paixão, fazer amor com você independente do horário é muito bom, além de linda é muito da gostosa.

Percebo que ela fica em silêncio, a olho e vejo confusão em seus olhos, parece perdida.

— O que foi? Estava alegre e de repente ficou triste.

— Nada — diz escondendo o rosto em meu peito.

— Paixão, diz o que aconteceu? Sou seu namorado.

— Enrico, acho que essa coisa de namorados não vai dar certo — diz se sentando na cama. — Nunca namorei e nem sei para onde vai.

— Você está indo bem, posso te garantir — digo tentando esconder meu medo. — O que aconteceu? Pode dizer, estou aqui para te ajudar. É só seguir o manual, não se esquece.

— Não sei fazer amor, só sexo — diz me olhando. — Sempre fui ao Clube atrás de sexo casual, em busca de prazer e nada mais. Amor é algo que não conheço.

— Você se assustou por que eu disse que fizemos amor?

— Não é que eu me assustei, é que esse sentimento eu não conheço. Gosto de ficar com você, me sinto bem, leve, feliz — diz dando os ombros.

— Quando nossos corpos se fundiram o que você sentiu, Paixão? Sentiu o prazer que tanto procura no Clube?

Ela fica alguns minutos pensando, puxa o ar do seu pulmão. Tento me preparar para o pé na bunda eminente.

— Além do prazer — diz me olhando. — Senti prazer, me senti desejada, cuidada. Senti tanta coisa que vai muito além do prazer. Eu nunca senti isso antes. Você sabe, já transei com muitos caras, mas com você é diferente. Não sei explicar.

— Comigo é diferente porque fizemos amor, Paixão, quando nossos corpos se fundem se tornando um só tem mais que desejo entre duas pessoas, é amor. Durante muito tempo esperei por você, sempre disse que a queria por inteira, não apenas a Escarlata, mas a Maria. Você pode me achar louco, mas eu te amo e sempre te amei.

— Enrico eu...

Coloco o dedo em sua boca a silenciando.

— Não precisa dizer nada Paixão, só quero a oportunidade de conquistar o seu coração. Estou falando que eu te amo para que saiba que estou me entregando por inteiro para você, não estou brincando de namorado. Um dia, quando você me amar, eu posso ouvir da sua boca um “eu te amo”. Por enquanto o que eu sinto é o suficiente por nós dois. Eu sou seu e quero que um dia seja apenas minha.

— Não posso te enganar, eu não sei o que é amor. Não sei o que sinto, mas posso te garantir que me sinto bem estando ao seu lado, meu sorriso sai fácil com você. O seu abraço me trás paz. A sua companhia faz os meus fantasmas desaparecerem, deixando a dor que sinto na alma pequena. Ao seu lado me sinto mais humana, me sinto feliz. Quando você está dentro de mim, me sinto plena, completa. Nunca namorei ninguém em toda a minha vida, sempre usei o sexo como uma válvula de escape para fugir dos meus problemas, da minha dor. Por isso frequento o Clube, vou atrás da única coisa que até então era capaz de amenizar a minha dor. Mas você, Enrico, foi capaz de fazer a dor que sinto ficar pequena com um simples abraço, não sei explicar, você faz meu coração acelerar. Ontem desejei que o dia passasse rapidamente, pois quando a noite chegasse eu estaria em seus braços. Você tem a capacidade de me fazer sorrir com um simples olhar, me faz ter atitudes que eu própria não reconheço. Disse que eu sou o seu sol, sua luz, mas confesso que quem é a minha luz é você.

— Eu quero ser mais que um amante, Paixão. Quero ser tudo que você precisa.

— Você é tudo que eu preciso hoje.

— É tão linda. Paixão, eu tenho dois defeitos e preciso te avisar. Sei que vai cortar um pouco esse nosso clima romântico, mas eu preciso falar.

— O quê? Pode falar.

— O primeiro é que eu sou ciumento e o segundo: não aceito dividir você com ninguém. Está no manual, quando se namora não pode existir uma terceira, nem quarta pessoa.

— Eu sou sua namorada, não terei nenhum outro homem.

— Eu sou seu, Paixão. Sempre fui.

— Só uma dúvida.

— Qual?

— E o Clube?

— Não vou proibir você de ir lá, te conheci lá dentro e também é lá que eu trabalho.

— Eu posso ir para beber e esperar o meu namorado terminar o expediente?

— Paixão! Você está aprendendo muito rápido — digo a puxando para outro abraço. — Vai ser bom sair do trabalho e ir direto para os seus abraços.

— Não se preocupe, Enrico, não vou ficar com outro homem. Você me dá a paz, calma e euforia que eu preciso.

— E você me dá à luz que necessito — digo selando as nossas bocas.

O som do toque do meu celular nos afasta, pego o celular e vejo que é o número de minha mãe.

— É a minha mãe — digo atendendo. — Oi, minha rainha, isso são horas de ligar para um trabalhador?

Maria se levanta da cama e faz sinal que vai para o banheiro. Ela passa por mim nua e linda, querendo me matar do coração.

— *Eu sei, está cedo e você chegou tarde do serviço, é que estou preocupada.*

— Aconteceu alguma coisa?

— *Seu pai disse que você o procurou ontem pedindo ajuda, ele não*

disse o motivo, mas para você pedir ajuda a ele é algo grave.

— Não é nada grave, apenas pedi um favor a ele.

— *Meu filho, eu te conheço. Você jamais iria pedir ajuda ao seu pai, você não consegue ter uma conversa coerente com ele há anos. Por não se darem bem saiu de casa e rejeita a oferta de trabalhar com ele.*

— Mãe, eu tenho os meus motivos e a senhora sabe que a saída de casa foi a melhor opção.

— *Filho, estou preocupada. Aconteceu alguma coisa?*

Olho para o banheiro e a porta está aberta, é possível ver Maria tomando banho, para ver o sorriso em seu rosto faço o que for possível.

— Eu preciso encontrar uma pessoa que está desaparecida, ele tem muitos contatos, por isso fui pedir a sua ajuda. Até me surpreendi quando ele aceitou me ajudar sem pedir nada em troca ou jogar alguma coisa na minha cara. Sei que ele mais tarde irá cobrar esse favor.

— *Quem você está procurando, meu filho? Quem sumiu?*

— O meu cunhado...



CAPÍTULO 18 — MARIA

Estar ao lado do Enrico parece que deixa tudo mais fácil, rapidamente montamos uma rotina, na qual sempre acabo dormindo em seu flat. Ele nunca dormiu no meu apartamento, no máximo vai até a portaria e fica me esperando. Percebeu que minha relação com a minha mãe é complicada e prefere não interferir ou se aproximar, disse que com o tempo as coisas se acertam. Eu não tenho essa mesma esperança. Só o que eu quero é que ela fique bem e siga a sua vida. A minha mãe continua com o tratamento, não tenho muito contato com ela, conversamos apenas o necessário, mas percebo que está debilitada, as meninas que cuidam dela dizem ser normal, que o tratamento é intenso e de forma sutil cobram o meu apoio a minha mãe, que eu seja mais presente no tratamento. Infelizmente eu não consigo, existe uma barreira entre nós duas que eu não consigo ultrapassar. Aceitar ela em casa e ajudar no seu tratamento, pode ter certeza, foi muito mais força do que possam imaginar. Uma coisa é certa, eu quero vê-la bem e curada.

Durante esses meses que passaram não voltei ao clube, os meus fantasmas ficaram adormecidos, ao lado de Enrico eles não aparecem. Conversando com Cecília ela disse que hoje vai ao clube com Eros, então resolvi acompanhar os dois, não disse a Enrico sobre a minha decisão.

Como todos os dias chego ao meu apartamento e vou à procura da minha mãe, que normalmente está no quarto. Posso não conseguir transmitir

afeto e atenção, mas eu tento. Dou leve batidas na porta antes de entrar.

— Boa noite! — digo entrando no quarto.

— Boa noite! — responde com a voz fraca.

Olho para Raquel em busca de alguma informação que justifique o estado dela.

— Minha filha, sente aqui do meu lado — pede.

— Não, estou com pressa — digo já na porta. — Vou sair e não durmo em casa hoje.

— Maria, eu estou morrendo — diz me fazendo parar na porta. Viro-me, olho para ela e depois para Raquel.

— Raquel?

— Hoje o médico disse que o corpo dela não está respondendo ao tratamento. Ele está tentando um novo, mas se o corpo não reagir não se pode fazer mais nada.

— Antes de eu ir embora dessa vida, preciso conversar com você, tem muita coisa que você não sabe e outras que me arrependo amargamente.

— Você não vai morrer — digo a fitando nos olhos. — O tratamento vai dar certo, o médico me garantiu isso. Não precisamos conversar sobre o que aconteceu no passado. Ficou tudo lá atrás, nada que disser vai mudar. O passado não pode ser mudado.

— Você precisa saber que...

— Não! — a corto. — Eu não preciso saber de nada, a minha vida agora é essa. Se preocupe apenas com o seu tratamento, o tempo para se preocupar comigo já passou — digo saindo do quarto.

Amanhã vou conversar com esse medico que fica condenado as pessoas a morte dessa forma, quem ele pensa que é. Na primeira consulta fui junto e ele deu esperança para uma cura e agora vem dizer que ela está condenada à morte. Todas as ligações que fiz a ele, me confirmou que o

tratamento estava indo de acordo com o esperado. Amanhã resolvo isso.

Vou para o meu quarto, tomo banho, visto um vestido longo com fendas laterais na cor verde petróleo, deixo os cabelos soltos, olhos marcados e batom vermelho. Estou pronta.

Fico esperando a mensagem de Cecília, hoje vou de carona com ela e na hora de ir embora vou com o Enrico. Meu celular apita e vejo que é uma mensagem de Cecília avisando que está me esperando, pego a minha bolsa, passo no quarto da minha mãe e ela já está dormindo. Como todos os dias, aviso que não vou dormir em casa e que qualquer imprevisto me ligue no celular.

O caminho até o clube é feito de forma descontraída, vamos conversando, Eros aposta sobre a cara de espanto e o ciúme que Enrico vai ter quando me ver lá. Depois que começamos a ficar juntos não voltei ao clube, isso é surpreendente, afinal eu ia sempre, fazia parte da minha vida, do meu eu. Agora o clube ficou em segundo plano.

Eros estaciona o carro, vestimos nossas máscaras e descemos do carro. Confesso estava com saudades de Escarlata.

Caminhamos até a portaria, nossa entrada como sempre é liberada. Assim que coloco meus pés no salão olho para o bar, Enrico está distraído servindo bebidas e não me vê, afinal não espera a minha presença aqui hoje.

Vou caminhando até a mesa que sempre ocupo.

— 1, 2, 3...

— Eros, o que está fazendo? — pergunto.

— 4, 5, 6...

— Ele fez uma aposta comigo. Disse que não daria dez segundos para Enrico vir até aqui assustado — Cecília diz rindo.

— 7, 8, 9...

— Paixão! — Enrico diz assustado.

— Eu disse que não daria dez segundos, Cecília, você está me devendo. Pode ter certeza que vou cobrar — Eros diz com luxúria no olhar.

— Aposta é aposta. Quando quer que eu pague?

— De preferência, agora — diz se levantando e pegando a mão da esposa. — Vamos, você me deve e quero o meu prêmio. — Cecília pega a mão do marido e juntos seguem para o labirinto.

— Que fogo desses dois, acabaram de chegar e lá se vão, sem educação nem me cumprimentaram — Enrico diz os observando entrar no labirinto. — Mas o assunto é outro. Paixão, você aqui?

— Surpresa! — digo sorrindo.

— Uma bela surpresa, iluminou a minha noite, mas também vai acabar com o meu juízo — diz inconformado.

Um homem alto se aproxima da mesa que estou.

— Boa noite. Posso fazer companhia? — indaga e eu olho para Enrico, ele abre a boca para falar e eu me adianto.

— Não. Se retire, por favor — digo seca. Ele me olha confuso, mas se retira, provavelmente sabe a fama que tenho e que odeio que venham até a minha mesa. Nunca vim aqui para conversar apenas para foder.

Hoje é a primeira vez que venho ao clube apenas para beber e curtir a noite, sem nenhum compromisso. Eu já tenho compromisso com um homem maravilhoso. Não tenho a intenção de me envolver sexualmente com outro homem, apenas com Enrico, ele me satisfaz, me faz sentir plena e feliz.

— Viu só, paixão? Vou morrer antes da noite acabar — diz fazendo cara de cachorro que caiu da mudança. — Como vou conseguir ficar tão perto e tão longe ao mesmo tempo?

— Não seja bobo, lindo, vou ficar aqui sentada te observando e depois iremos embora juntos.

— E os urubus que vão ficar cercando a minha garota?

— Dispensarei todos. Eu sou sua, apenas sua, está no manual, lembra? Não existe lugar para uma terceira pessoa — digo, o fazendo sorrir.

— Tão linda, paixão. — Deposita um beijo em meus lábios. — Aprendeu certinho com o manual. Eu disse: é só seguir que dá tudo certo.

— Tenho um professor.

— Seu professor é muito bom mesmo, além de lindo, gostoso, bom partido...

— Resumindo: ele é irresistível.

— Acertou, você tirou a sorte grande, paixão. Não é todo dia que esbarra com um cara desses.

— Acho que o destino contribuiu para que eu o encontrasse.

— Dei uma ajudinha — diz dando uma piscada. — Vou buscar uma bebida para você, infelizmente estou a trabalho.

Enrico sai e logo volta com a minha bebida. Fico sozinha, bebendo ouvindo a música e dispensando os “urubus”. Sempre quando sobra algum tempinho ele vem na minha mesa, fala algumas palavras me fazendo rir e volta a trabalhar.

— Voltamos — Cecília diz sentando-se à mesa.

— Pensei que já tinham ido embora, do tempo que saíram daqui — digo irônica.

— Você sabe a mulher que tenho — Eros diz como se isso justificasse a demora de ambos no labirinto.

— Não vai ao labirinto hoje? — Cecília pergunta.

— Tenho namorado — digo rindo. — Mas se ele quiser me acompanhar não vou achar ruim.

— Pensei que esse dia nunca ia chegar — Cecília diz rindo. — Feliz por você, Maria, ele te faz bem.

— Me faz bem, muito bem, mais do que um dia eu pude imaginar —

afirmo.

— Durante muito tempo ele te observou atrás daquele balcão, dia após dia. No início achava até graça, foi quando comecei a fazer companhia a ele. Durante dois longos anos fomos parceiros, eu observava Cecília e ele te observava, esperando a hora certa de agir. Sempre me disse que na hora certa, quando a oportunidade surgisse ele iria agir. Confesso que por um momento duvidei, disse a ele que no máximo, iria conseguir algumas horas com você no labirinto, ele sempre falava que a queria além desse Club e ele conseguiu. Enrico conquistou a mulher que ele sempre amou.

— Não sei como ele conseguiu. Ele chegou e tomou conta de tudo, quando vi estava envolvida. Fez-me sentir sensações nunca antes sentidas, me fez desejar estar ao seu lado. Gosto de estar perto, de quando me faz sorrir, quando cozinha para mim ou quando deixa todos os dias vários bilhetinhos pelo seu apartamento.

— Ela está apaixonada — Cecília diz se aninhando nos braços do marido.

— Eu apaixonada?

— Já tinha comentado com Eros, mas você falando sobre ele, tenho certeza. Seus olhos brilham, Maria.

Olho para o bar e imediatamente Enrico olha para mim, nossos olhares se encontram e ele abre um sorriso, fazendo o meu coração acelerar e eu sorrir, desejando estar em seus braços, no calor da nossa cama, fundidos como um só. Então as palavras de Cecília estão corretas.

— Eu o amo — constato.



CAPÍTULO 19 — MARIA

Eu o amo, esse sentimento que tem dentro de mim, que a cada dia aumenta mais e mais é amor. Enrico chegou na minha vida devagarzinho e tomou conta de tudo. Nunca pude imaginar que um dia seria capaz de amar uma pessoa, que seria capaz de imaginar uma vida a dois. Hoje não posso imaginar a minha vida sem ele. Na primeira vez que ele disse “eu te amo”, senti algo dentro do meu peito e cada dia que passava ao seu lado, a cada sorriso, a cada carinho, a cada bilhete, aquele sentimento que não sabia o nome foi aumentando. Hoje como um botão que liga, com luzes de neon veio o estralo na minha mente, o nome desse sentimento é amor. Eu o amo. Amo Enrico. Não sei explicar quando comecei a amá-lo, mas posso afirmar como toda a certeza que o que sinto é verdadeiro, é forte, é bom. Muito bom amar alguém e ser correspondida, pois a cada dia ele fez questão de dizer que me ama e afirmava isso também com suas atitudes.

— Pela sua carinha parece que acaba de descobrir isso? — Cecília diz pegando a minha mão, me fazendo olhar para ela. — Não tenha medo, Maria, viva esse sentimento. Não tenha medo de ser feliz. Todos nós merecemos ser felizes e você principalmente.

— Não terei — digo sorrindo.

— É, tenho que dar os parabéns para Enrico, ele conseguiu conquistar o seu coração. Quero ser o padrinho desse casamento.

— Casamento de quem? — Enrico diz chegando à mesa e puxando a cadeira para se sentar. — Sou todo seu, paixão! Acabou o expediente.

Não falo nada, apenas abro um sorriso e fico o observando, inflando meu coração, ansiando pelo seu toque, pelo seu calor.

— O seu casamento com a Maria, nada mais justo eu e Cecília sermos padrinhos desse casal. Afinal, eu assisti de perto a mágica acontecer. Está de parabéns, Enrico, você não deixou o barco afundar.

— Não poderia ser outra pessoa se não você, Eros, meu companheiro de fossa. Quantas bebidas servi enquanto você só observava de longe essa deusa ao seu lado?

— Palhaço! — Eros se levanta para dar um tapa na cabeça de Enrico.

— Aí! — reclama. — Continua violento. Cecília, faz favor de amansar essa fera direito. Não adiantou ficar quase a metade da noite naquele labirinto, continua nervosinho como sempre.

— Quantas tapas te dei por causa de suas gracinhas? — Eros vai levantando, mas é impedido por Cecília.

— Senta, Eros — Cecília pede acariciando o braço do marido.

— Isso, Cecília, segura a fera. Não esqueci que você me deu vários tapas, eu sempre era agredido, era inocente, só estava fazendo companhia. Todos os tapas que me deu ainda doem, fique sabendo.

— Dói, mas não aprende.

— Eros, você sabe que só tenho olhos para a minha Paixão.

— E eu para a minha Cecília — diz beijando a sua mulher. Eros ama Cecília assim como ela o ama. Ambos formam um casal perfeito, juntos tem uma família linda.

— Sua esposa é linda, meu amigo, uma deusa que se desabrochou aos poucos, mas fui fisgado de uma forma que nunca vou saber explicar. A partir do segundo que meus olhos encontraram a minha Paixão sabia que o meu

coração era dela, no meu mundo não existe mulher mais linda, mais deslumbrante, mais perfeita que a minha paixão. — Me olha. — Essa mulher na minha frente é a luz da minha vida. Eu a amo. Te amo minha luz, minha vida, minha paixão

— Eu te amo.

Ao ouvir as palavras saírem da minha boca, seus lábios se moldam no sorriso mais lindo que já me ofereceu, seus olhos brilham e meu sorriso se abre. Suas mãos vêm a minha face, seu polegar acaricia os meus lábios.

— Diz de novo — sussurra unindo as nossas testas.

— Eu te amo.

— De novo.

— Te amo, meu lindo.

Nossos olhos se encontram e os dele estão marejados, uma lágrima escorre por seu rosto.

— Te amo! — Beijo sua lágrima.

Enrico distribui vários beijos por meu rosto, está ofegante, é possível ouvir as batidas aceleradas do seu coração.

— Te amo, te amo, te amo — repito a cada beijo que me dá.

— Não sabe o tanto que esperei para ouvir isso da sua boca, Paixão — diz colando as nossas bocas em um beijo intenso. Suga meu lábio inferior, depois o superior, tentando mostrar com o beijo o tanto que me ama, o tanto que esperou por esse momento.

Por alguns minutos nós dois nos esquecemos de onde estamos, ficamos nos beijando, curtindo um ao outro, nos tocando. Até que a voz de Eros nos faz voltar à realidade, nos tirando da nossa bolha perfeita.

— Lindo esse amor do casal. Não queria interromper, mas estamos indo embora, caso vocês não queiram ir para o labirinto sugiro que peguem o caminho de casa também — Eros diz se levantando. — Felicidades para

vocês dois e me convidem para o casório.

— Iremos chamar — Enrico diz apertando a mão do amigo.

Casar? Será que um dia ainda vamos casar? Está perfeita a forma que estamos vivendo no momento. Mas talvez eu queira um dia me casar com ele.

Cecília vem até a mim e me envolve em um abraço acolhedor, não falamos nada, apenas nos abraçamos. Quando me liberta do seu abraço olha em meus olhos.

— Seja muito feliz.

— Vou ser.

Eles se despendem e vão embora e Enrico e eu decidimos ir embora também, precisamos ficar apenas nós dois nos amando, nos entregando, vivendo esse sentimento recém-descoberto por mim.

Quando chegamos em casa, vamos para o quarto. Enrico tira o meu vestido, beijando cada parte descoberta, até que eu fique totalmente nua à sua frente. Seus olhos percorrem o meu corpo, ele me deseja, assim como eu o desejo, o quero.

Delicadamente ele me deita na cama, retira sua camisa, sua roupa e fica nu à minha frente. Cobre o meu corpo com o seu, beija a minha boca, seus beijos vão descendo, até que se coloca entre as minhas pernas, as levanta e distribui pequenas mordidas até abocanhar e me chupar enquanto um dedo estimula o meu clitóris e sua língua entra e sai de mim. Contorço-me de prazer, me abro toda para ele e me permito sentir todas as sensações, até que uma onda de prazer vem, me fazendo gozar em sua boca. Enrico chupa cada gota do meu prazer, depois se ajoelha na cama com um sorriso no rosto e fica me observando por alguns segundos.

— Linda! — diz segurando o seu membro duro, fazendo movimentos de vai e vem, se masturbando.

Mordo meus lábios com o desejo te tê-lo em minha boca, sentindo o

seu gosto.

— Sei que você quer me chupar. — Continua a acariciar seu membro.
— Mas hoje eu quero te dar prazer. Quero te preencher e mostrar com o meu corpo o quanto a amo, o quanto a venero.

— Eu sou sua — digo olhando.

— Eu sou seu, Paixão. Sempre fui. Eu te amo.

— Eu te amo, Enrico. — Fecha os olhos ao ouvir minha confissão.

— Nunca vou me cansar de ouvir você dizer que me ama. — Pincela seu pênis na minha entrada e sem nenhum aviso me penetra em uma estocada firme, me abrindo, me preenchendo, me fazendo sua.

Enrico curva seu corpo sobre o meu e nossos corpos se movimentam, lentamente, sem pressa, nos amando.

Mantemos nossos corpos se movimentando em um ritmo perfeito, nos completando, nos preenchendo, aquecendo nossos corações. Juntos chegamos a nossa libertação, vamos diminuindo o ritmo até que ele sai de mim, me puxa para seus braços e fico ali, ouvindo as batidas ritmadas do seu coração e acabo adormecendo em seus braços.



Sinto-me sozinha, abro meus olhos, o procuro na cama, mas ele não está. Olho para a janela do quarto e vejo que ainda é noite. Sento-me na cama e percebo que a porta do banheiro está aberta.

Levanto-me e vou ao seu encontro, me encosto no batente da porta e fico o observando no chuveiro. Esse homem foi capaz de quebrar as barreiras e muros que construí em meu coração, hoje ele tem a minha admiração e possui todo o meu amor.

— Acordou? — indaga abrindo um sorriso.

— Senti a sua falta na cama.

— Precisava tomar um banho, desculpe se te acordei.

— Acho que também estou precisando. Chegamos e já fomos logo para a cama.

— Precisava estar dentro de você, Paixão.

— Eu precisava sentir você dentro de mim.

— Vem. — Estende a mão. — Deixa eu te dar banho.

Aceito sua mão e entro com ele no chuveiro e assim como na minha primeira vez em seu espaço, ele me dá banho, com mesmo cuidado, com o mesmo carinho, com a mesma atenção.

Espuma meu corpo, beija minha pele molhada, mas não conseguimos ficar apenas nas carícias, os nossos corpos se fundem novamente se tornando apenas um. Novamente nos amando, nos saciando, nos entregando um ao outro. Entregando-nos ao nosso amor.



CAPÍTULO 20 — MARIA

Essa noite quase não dormimos, ficamos perdidos em nossos corpos, nos amando, nos embriagando um com o outro. Agora que sei o nome do sentimento que sinto, tudo parece muito mais intenso.

Mesmo passando a noite quase em claro, me sinto bem, feliz, pronta para enfrentar mais um dia de trabalho.

— Hoje estou de folga, só vou ao escritório ver uns papéis e estou livre, marquei de almoçar com a minha mãe — diz Enrico.

Estamos sentados na bancada que divide a sala da cozinha tomando o nosso café da manhã. Já estou pronta para o trabalho, sempre deixo umas peças de roupa aqui no flat.

— Meu dia hoje é tranquilo também, o mais urgente que preciso é entrar em contato com o médico que está à frente do tratamento da minha mãe.

— Como ela está?

— Não sei, a última vez que falei com o médico foi quando os cabelos dela começaram a cair, ele disse que era reação do tratamento, que estava indo tudo de acordo com o previsto, mas ontem Raquel disse que o tratamento não está surtindo efeito.

— Quer que eu vá com você ao médico?

— Não precisa, vou pedir para a minha secretária marcar uma reunião

PERIGOSAS TRADUÇÕES

com ele. Preciso vê-lo pessoalmente, saber como está indo esse tratamento, se preciso conseguir outro especialista. Enfim preciso de um norte.

— Eu vou com você, marque o horário e me avise. Já disse que você não precisa fazer tudo sozinha.

— Obrigada. Vou aceitar a sua companhia.

— Almoça comigo hoje?

— Hoje é o dia que você se encontra com a sua mãe.

— É esse mesmo.

— É um dia seu e dela, lindo, não posso entrar nesse meio.

— Paixão, estamos juntos há pouco mais de três mês. Nesse tempo todo minha mãe fica perguntando o dia que eu vou tomar vergonha na cara e convidá-la para almoçar conosco.

— Então, só está me convidando por que a sua mãe insiste em me conhecer? — me faço de ofendida.

— Não, estou te convidando porque eu quero que a minha mãe conheça a mulher da minha vida.

— Hum... não sei.

— Está no manual, Paixão. Você tem que conhecer a sogra, a minha mãe. Não precisa ter medo, ela é boazinha.

— Você vai ter que conhecer a minha mãe também? — digo triste.

— Para conhecer a sua podemos esperar, quando você achar que é a hora de apresentar ela para mim eu irei conhecê-la. Tudo no seu tempo.

— Obrigada por compreender.

— Vamos almoçar juntos?

— Vamos.

— Eu te levo para o hotel, passo no escritório e na hora do almoço te busco para conhecer a mulher mais linda que colocou no mundo esse homem lindo, gostoso, sexy, irresistível e bom partido, especialmente feito para você.

— Já gosto dela, afinal trouxe ao mundo o homem que foi capaz de mudar a minha vida.

Terminamos de tomar café e Enrico me leva para o hotel, vou direto para minha sala, ligo para o meu apartamento para conversar com Talita e perguntar como a minha mãe está. Por mais que eu não queria me preocupar, não queira me envolver, me preocupo, nunca desejei a morte dela, somente a morte dele. Ele me faz tanto mal, me feriu, me marcou, nunca vou esquecer o que aconteceu. Sempre desejei que ele fosse morto, desejei tanto que acabou acontecendo. Saber da sua morte foi motivo de alegria, ele nunca mais vai ferir nenhuma criança inocente.

Peço para a minha secretária entrar em contato com o médico da minha mãe e marcar uma reunião com ele, preciso saber como está a saúde dela, farei o que estiver ao meu alcance para ela se curar.

Enfio minha cara no trabalho e a manhã passa rapidamente, quando percebo Enrico está abrindo a porta da minha sala com um sorriso, iluminando a minha sala e a minha vida e aquecendo ainda mais o meu coração.

— Pronta? — indaga selando as nossas bocas.

— Pronta — digo desligando o computador e pegando a minha bolsa.

Saímos da minha sala de mãos dadas, deixo recado com a minha secretária, já tinha ligado avisando para Cecília que iria almoçar fora.

— Vamos buscar a sua mãe? — pergunto, sabendo que ele sempre a busca e que provavelmente fez um trajeto diferente hoje. Primeiro me buscando e depois a ela.

— Não, ela está no esperando no restaurante. Está ansiosa para conhecer você, Paixão.

— Eu também — digo um pouco nervosa.

No caminho vamos conversando, planejando o nosso fim de semana,

as nossas vidas. Ao chegarmos ao restaurante ele estaciona o carro e segura minha mão me conduzindo.

— Chegamos — avisa parando em frente a uma mesa com uma mulher linda, bem vestida, elegante, que não aparenta ter mais que quarente anos. Ela não pode ser a mãe de Enrico. — Mãe, essa é a minha paixão. Paixão, essa é a minha rainha.

— Prazer, senhora Rainha. Sou a Maria — digo oferecendo a minha mão para cumprimentá-la, mas ela se nega em aceitar me puxando para um abraço.

— Encantada em te conhecer, Maria. — Segura as minhas mãos e me observa. — Realmente é muito linda, os elogios do Enrico são poucos comparados a tanta beleza — diz passando a mão em meu rosto. — No seu estado está ainda mais linda.

— Estado? — pergunto.

Ela me olha por alguns segundos, não consigo assimilar porque disse estado.

— Bobagem! Sente-se — diz não dando importância a minha pergunta.

Como bom cavalheiro, Enrico puxa a cadeira para a mãe sentar e depois a minha.

— Mãe, vou ser direto. Não minta, o que a senhora tem?

— Nada — diz disfarçando.

— Eu te conheço, dona Amália. No instante que pus meus pés nesse restaurante e os meus olhos te encontraram eu soube que tem alguma coisa acontecendo. Vai começar a esconder as coisas de mim?

— Consigo esconder as coisas de você?

— Definitivamente não.

— Vamos pedir o nosso almoço e depois voltamos nesse assunto —

ela diz tentando mudar de assunto. — Maria, o que você deseja almoçar?

Passo meus olhos no cardápio. Tento achar algo que me agrade, mas não acho nada, só consigo ver uma coxinha de frango enorme à minha frente, chega a me dar água na boca. O triste que no cardápio não tem coxinha.

— Vou pedir uma massa e um vinho para acompanhar — Enrico diz fechando o seu cardápio.

— Nada de vinho, está muito cedo para beber, meu filho. Decidiu, Maria, o que deseja?

— Vou acompanhar Enrico na massa e um copo de suco de laranja — digo ainda pensando na minha coxinha.

— Por que essa carinha de desanimo? Não encontrou o que deseja? — Amália pergunta preocupada.

— Do nada me deu uma vontade de comer coxinha de frango, sabe aquelas que você morde e a casquinha é bem crocante?

— Sei, é uma delícia — diz com um sorriso no rosto. Agora sei de quem Enrico herdou o sorriso. — Vamos almoçar primeiro. Conheço um lugar que vende uma coxinha divina, iremos lá buscar e você comerá quantas quiser — diz fazendo um sorriso surgir em minha face.

— Obrigada — agradeço.

— Você faz parte da minha família agora, Maria, meu filho te ama e você o faz feliz. Eu que tenho que te agradecer.

Acho que acabo de me apaixonar pela minha sogra.

Fazemos os nossos pedidos, conversamos assuntos aleatórios, até que Enrico refaz a pergunta que tinha feito a mãe assim que chegamos.

— Enquanto nossos pratos não chegam, pode dizer o que está acontecendo?

— De uma forma ou de outra você iria ficar sabendo. Não estou escondendo nada.

— Então diga, sou todo ouvidos.

— Pedi o divórcio ao seu pai.

— Isso é pegadinha? — Enrico pergunta desconfiado.

— Não, é a mais pura verdade. Eu entrei com o pedido de divórcio.

— Então é motivo para comemorar, enfim a senhora vai ganhar a liberdade e viver a vida — Enrico diz alegre.

— Tem mais uma coisa que você precisa saber meu filho.

— Diga, estou adorando as novidades da senhora.

— Eu conheci uma pessoa e para não fazer o mesmo que o seu pai faz comigo, pedi o divórcio. Não queria te decepcionar, meu filho, me desculpa. Eu não tive nada com ele, ainda sou casada e respeito o meu marido.

— Mãe. — Olha para ela. — Essa pessoa respeita a senhora e a faz feliz com a sua companhia?

— Sim, ele me faz bem, sem nunca sequer ter me tocado. Foi apenas um beijo, para eu cair na real e ver que a vida que levo não me satisfaz mais. Ele faz-me sentir especial.

— Então, mãe, seja feliz. A senhora só vai me decepcionar o dia em que deixar de ser feliz.

— Obrigada, meu filho.

Fico observando a cena, mas não me intrometo no assunto. É linda a ligação de mãe e filho. Enrico é especial e sua mãe também.

Nossos pratos chegam e almoçamos. Um almoço descontraído, gostoso, leve, bem diferente do que eu imaginei. Após o almoço, vamos até a padaria comprar a coxinha que tanto queria.

— Hum... — Saboreio a coxinha. — É uma delícia.

— Delícia é a cara que você está fazendo — Enrico diz me observando e dou um leve tapa em seu ombro.

— Vocês dois são um lindo casal. Meu neto vai ser lindo.

— Já sonhando com netos, mãe?

— Não, meu filho, não estou sonhando. Meu neto já está a caminho. Olhe bem para a Maria, como ela saboreia e come a coxinha, o rosto, a beleza, a luz que a cerca. Ela está grávida. Uma grávida linda e radiante.

— Paixão? — Enrico diz com um sorriso nos lábios.

Paraliso por alguns segundos, tentando raciocinar o que Amália acaba de dizer. Olho para a minha coxinha, para Amália, para o Enrico. Minha visão escurece e não vejo mais nada.

— Paixão! — escuto Enrico me chamar, abro meus olhos e encontro seus olhos nos meu. — Acordou?

— Acho que foi uma queda pressão — digo tentando justificar o meu mal-estar.

— Enrico, leve Maria para casa. Está muito quente e abafado, no estado dela não é bom.

Meu estado atual?! Fecho meus olhos, fico imaginando essa possibilidade, faço as contas e me lembro que não tomei minha injeção trimestral para poder limpar o organismo como a minha ginecologista aconselhou. Em toda relação sexual sempre usei camisinha, sempre, nunca em toda a minha vida transei sem camisinha. Exceto com uma única pessoa.

Abro meus olhos e o encaro.

— Precisamos ir à farmácia — digo em estado de choque.

— Vou indo. — Amália beija o rosto do Enrico e depois o meu. — Enrico, cuida bem deles. — Se vira e vai embora.

— Farmácia? — Enrico pergunta.

— Farmácia — concordo.



CAPÍTULO 21 — MARIA

No caminho até em casa paramos em uma farmácia e compramos três testes de gravidez de marcas diferentes. Não sei o que estou sentindo, talvez medo. Nunca me imaginei mãe, nunca me vi com a barriga crescendo, cuidando de uma criança.

O caminho até o flat é feito sem silêncio, Enrico sempre me olha, me oferece um sorriso e segura a minha mão. Como se tivesse me passando força ou que dissesse com o olhar e seus gestos: *“eu estou aqui”*.

Eu sei que ele está comigo, que não iria me abandonar, que sempre vai estar ao meu lado, me apoiando, me guiando, me amando. Cada dia que passo ao seu lado sei que o que sentimos um pelo o outro é verdadeiro, é para a vida toda. Se eu realmente estiver grávida, o meu bebê tem o melhor pai do mundo.

Não sei o que passou por minha cabeça para não me prevenir com Enrico, as coisas aconteceram tão rápido, que quando vimos já estávamos nos amando e a camisinha ficando como enfeite na cômoda.

Chegamos em seu flat sem falar nada. Pego os exames e vou direto para o banheiro, mas antes de entrar sinto Enrico me segurando.

— Vem aqui, Paixão. Antes de você entrar aí, para saber o que o destino preparou para nós dois, quero conversar com você — diz calmamente me levanto até a cama e me fazendo sentar.

— Estou com medo.

— Também estou com medo, Paixão.

— Enrico, se eu estiver grávida o que vou fazer?

— Amar.

— Como vou cuidar? Sozinha...

— Você não está sozinha, Paixão. Se você estiver grávida vai ser uma das maiores alegrias da minha vida. Saber que a mulher que eu amo carrega um pedaço de mim dentro dela, não há nada mais grandioso. Eu te amo, Paixão, vou estar ao seu lado, vou cuidar de você e desse bebê, do nosso filho.

— E se eu não estiver?

— Vou tentar convencer você a ficar, aí vamos treinando — diz sorrindo e me dando a calma e a paz que eu preciso. — Eu gosto muito de treinar para fazer bebês, é bem gostoso.

Abraço Enrico e fico ali quietinha em seu abraço, escutando seu coração bater, recebendo o seu carinho e sua força.

— Pronta? — pergunta quando saio do conforto dos seus braços. Fico o olhando por alguns segundos, não preciso ter medo.

— Pronta — afirmo soltando o ar dos meus pulmões.

Pego os testes e caminho até o banheiro.

— Quer que eu entre como você?

— Não, eu consigo.

— Vou estar aqui na porta te esperando.

— Eu sei que sim.

Entro no banheiro, leio o manual de instruções, faço xixi no potinho, coloco em cima da pia e coloco o palitinho dentro. Repito o processo três vezes e fico olhando para chão. Na caixa está escrito que o resultado sai em dois minutos, mas não tenho coragem de olhar. Os minutos se passam, fico

ali em pé olhando para tudo que é lado, menos para os exames que estão em cima da pia. Ainda me falta coragem para saber o resultado.

— Paixão, abre a porta. Podemos fazer isso juntos — fala baixinho, sereno. Ele está certo, eu não consigo fazer isso sozinha. Abro a porta e sou recebida com um abraço.

— Viu o resultado?

— Não tive coragem.

— Quer que eu olhe? — Balanço a cabeça afirmando. — Senta na cama, vou olhar e venho contar o resultado.

Sento-me na cama com os olhos vidrados na porta do banheiro, alguns minutos se passam e ele sai do banheiro. Enrico vem até a mim e me abraça. Tenho medo de saber o resultado, mas tenho medo de ficar nessa dúvida.

— Qual foi o resultado? — pergunto em um fio de voz.

— É o nosso solzinho que vem vindo para iluminar as nossas vidas — diz colocando a mão na minha barriga ainda plana. Pela segunda vez vejo Enrico chorar. — Te amo, Paixão. — Se abaixa, levanta a minha blusa e beija a minha barriga. — Te amo, solzinho.

— Grávida? — pergunto em um misto de emoções.

— Bem grávida, dois ricos fortes nos três testes — diz sorrindo orgulhoso.

— Não sei como isso pode acontecer — digo um tanto perdida em meus sentimentos.

— Eu sei, é bom fazer neném. Se você quiser, posso te lembrar como foi que a gente fez o solzinho.

— Estou com medo.

— Estou do seu lado.

— Eu mãe?

— Uma mãe linda. Que vai ter um companheiro e um pai presente.

— E se eu não saber cuidar?

— Juntos vamos aprender.

— Se eu errar?

— Tentamos de novo até acertar.

— E se... — Coloca o dedo indicador na minha boca me silenciando.

— Não se preocupe, Paixão, estou do seu lado. Ele é nosso filho e vamos aprender juntos a cuidar dele. Está tudo no manual é só seguir que não tem erro.

— Manual? — indago sorrindo entre as lágrimas.

— Você não conhece? — Balanço a cabeça negando. — O manual de pais de primeira viagem. Lá está explicando tudo o que precisamos saber para cuidar do nosso solzinho. Não se preocupe vai dar tudo certo.

— Qual é a primeira lição?

— A primeira lição conforme o manual é dar os parabéns aos novos papais. Parabéns, Paixão, agora você é mamãe, a mais linda e mais sexy que existe no mundo inteiro — diz me puxando e selando nossas bocas, me embriagando com tanto carinho.

— Parabéns, papai — digo quando ele encerra o beijo e vejo seu sorriso aumentar ainda mais.

Coloco a minha mão em meu ventre e um novo amor surge. Por mais medo que eu tenha, vou cuidar e proteger o meu filho, não vou deixar que ele passe pelas mesmas coisas que passei. Há poucos minutos que me descobri grávida e um amor sem igual já começou a crescer dentro de mim.

Enrico e eu ficamos na cama, conversando sobre o nosso *Solzinho*, o que vamos fazer das nossas vidas de agora em diante. Algumas decisões já foram tomadas, oficialmente iremos morar juntos, por enquanto vou trazer as minhas coisas para seu flat, enquanto a minha mãe está em tratamento ficará

no meu apartamento e eu irei fazer visitas diárias. Bom, se formos parar para pensar não vai mudar muita coisa, visto que essa é atual situação que vivemos hoje. Enrico decidiu sair do Clube, segundo ele, precisa estar em casa para cuidar da minha alimentação e do meu horário de sono, disse que amanhã mesmo irá pedir demissão e pegar mais casos no escritório em que trabalha. Sei que ele gosta do trabalho no Clube, tentei convencê-lo a continuar com ambos os empregos, mas ele se recusou, disse que precisa ser presente em nossas vidas, que quer acompanhar tudo de perto. Eu vou continuar trabalhando no hotel, isso eu não abro mão e ele aceitou sem questionar, disse que não esperava menos de mim. Fico imaginando a cara da Cecília e da Marta quando descobrirem que tem um bebê meu a caminho. Marta vai ficar feliz com o novo netinho e aposto que vai começar a bordar todo o enxoval. Cecília também ficará feliz, ela é como se fosse a minha irmã. Se eu fico feliz consequentemente ela também fica.

— Lindo — chamo ainda em seus braços.

— Oi.

— Como sua mãe descobriu que eu estava grávida?

— Ela tem isso, sempre sabe, não sei explicar. Ela diz que a pele, que o ar da grávida fica diferente, mais iluminada. Que se todos prestarem atenção vão saber quem está ou não grávida. Mãe diz que grávida tem uma luz só dela, então ela sempre acerta.

— Sua mãe é uma linda e muito nova. Eu gostei dela.

— Ela casou e teve filhos cedo, mas sempre se cuidou, teve uma boa alimentação, adora caminhar. Mesmo com a idade que tem é um mulherão, só meu pai que nunca percebeu isso.

— Não está preocupado com a separação dos dois?

— Posso dizer que demorou em acontecer e estou contente com a sua decisão. Ela nunca foi feliz com o meu pai e ele também não contribuiu para

que ela fosse feliz no casamento. Eu espero que agora ela seja feliz longe dele, sozinha ou acompanhada, mas que seja feliz.

— Acho que ela vai ser, hoje aparentou estar bem mesmo com o processo de separação.

— Percebi ela mais leve. Mas mudando de assunto, marcou o horário com o médico da sua mãe?

— Amanhã no final da tarde.

— Eu vou com você, também preciso ir ao Clube entregar minha carta de demissão. Sou pai, não posso passar as noites fora de casa.

— Você vai ser um ótimo pai.

— E você vai ser uma mãe maravilhosa, Paixão.

— Vou tentar! Quero dar muito carinho, atenção e principalmente cuidado. Não quero que ele passe pelo o que eu passei. Se for menina serei sua mãe, sua amiga, vou dar liberdade e confiança para ela se abrir e conversar comigo. Se for menino, o ensinarei a respeitar uma mulher, que ele não é melhor pelo simples fato de ser homem.

— Por isso eu te amo, Paixão, uma mulher maravilhosa, não tem como não ser uma mãe maravilhosa. Precisamos marcar médico para você, quero te acompanhar em todas as suas consultas.

— Amanhã ligo agendando um horário e te falo.

— Vou te cobrar. Vamos buscar suas coisas, quero você oficialmente morando comigo ainda hoje.

— Podemos fazer isso amanhã?

— Não! Faremos isso hoje.

— Hoje não, amanhã — digo manhosa.

— Amanhã sem falta. — Me aninho ao seu corpo e fico quietinha sentindo seu carinho e seu amor.

Amanhã busco as minhas coisas, preciso ter uma conversa com a

minha mãe, contratar mais pessoas para ficarem com ela. Mas amanhã resolvo, hoje quero apenas curtir essa vida que está crescendo dentro de mim ao lado do homem que eu amo.



CAPÍTULO 22 — MARIA

Acabo não voltando para o trabalho, Enrico e eu passamos o restante do dia no flat, conversando, fazendo planos de uma vida juntos.

Quando amanhece, depois do café da manhã, Enrico me convence a ir no meu apartamento para buscar pelo menos parte das minhas coisas, depois vamos resolvendo a minha “mudança.” Pela primeira vez ele vai ao meu apartamento, depois que a minha mãe está morando comigo.

Ele nunca fez questão de conhecê-la, talvez seja porque sabe o tanto que ela me feriu e que a nossa relação não é muito legal. Não brigamos, mas também não vivemos em amores. Isso acontece principalmente por minha causa, ela tenta se aproximar, cozinha coisas de quando eu era criança tentando me agradar, mas eu não consigo deixá-la entrar. Foram anos de abandono, não é tão simples como parece, não consigo passar uma borracha no passado e ficar agindo como se nada tivesse acontecido. Não sei fingir que ela não me abandonou, que não ficou do lado do monstro, que não expulsou o meu irmão de casa. São muitos pontos negativos para simplesmente passar uma borracha e começar do zero como se tudo sempre tivesse sido lindo e cheio de flores.

Chegamos ao meu apartamento e ela está na sala com Talita, quando me vê entrando acompanhada me olha confusa, afinal, eu nunca trouxe nenhuma visita desde o dia que veio morar aqui. Nem mesmo Cecília ou

Marta.

— Boa tarde, Talita, tudo bem?

— Tudo sim, Maria. Sua mãe está assistindo um pouco de TV, hoje amanheceu bem, está mais disposta.

— Posso saber quem é esse rapaz? — minha mãe pergunta olhando para Enrico.

— Meu namorado. Enrico, essa é a minha mãe — apresento.

— Prazer, senhora. — Estende a mão para ela todo educado, mas ela não aperta a sua mão. Enrico fica todo sem graça e recolhe a mão.

— Talita, por motivos pessoais, vou me mudar para o apartamento do Enrico e preciso ter alguém vinte e quatro horas por dia com a minha mãe, morando aqui com ela. Não precisa me responder agora, mas queria que estudasse essa proposta. Você teria folga duas vezes na semana em dias alternados, também irei contratar funcionários para te auxiliar em tudo o que for necessário. Você seria a companhia para que ela não ficasse sozinha e seu salário também seria outro.

— Nossa! Não preciso pensar, eu aceito, Maria. Quando eu começo?

— O mais rápido possível — respondo satisfeita por ela ter aceitado a minha proposta. Assim não ficarei muito preocupada. Talita é atenciosa e cuidadosa com a minha mãe.

— Hoje na troca de turno vou para casa arrumar as minhas coisas e amanhã de manhã já me mudo para cá.

— Obrigada, Talita. Ocupe o quarto de hóspedes ao lado do quarto da minha mãe. — Quando comprei esse apartamento com quatro quartos, sala, cozinha, área de serviço e um quartinho para empregada nunca achei que chegaria a usar os cômodos, agora vejo a serventia que está sendo um apartamento grande.

— Você vai me abandonar? — minha mãe pergunta com a voz um

pouco alterada.

— Não estou te abandonando, apenas cuidando da minha vida. Terá todo o suporte necessário.

— Por que não me joga no asilo? Assim teria menos gastos e te pouparia tempo e dinheiro — me acusa.

— Talvez devesse ter feito isso desde o início. Mas não sou você que me abandonou quando mais precisei, me deixou jogada a minha própria sorte, sem se importar o que aconteceria ter acontecido comigo.

— Está jogando na minha cara que faz por mim o que eu não fiz por você? Está me ajudando para dizer que é melhor que eu?

— Não, mãe. Estou te ajudando porque esse é a minha obrigação de filha, mesmo sabendo de tudo o que me fez no passado.

— O que você queria que eu fizesse?

— Que tivesse feito papel de mãe.

— Eu fiz, sou sua mãe. Sempre fiz meu papel de mãe.

— Não fez.

— Te dei tudo o que podia de dar. Não era nada de luxo como vive hoje, fiz o meu papel de mãe.

— Você não fez o seu papel de mãe — altero o tom da minha voz. — Não me defendeu, mesmo eu te dizendo o que acontecia, você não acreditou em mim. Disse que era coisa da minha cabeça.

— Você tinha uma mente fértil, andava com shortinhos curtos queria que eu pensasse o quê?

— EU ERA UMA CRIANÇA! — grito.

— Ele era o meu marido.

— O seu marido me molestava e tentou me estuprar. eu o esfaqueei para ele não consumir o estupro. O meu próprio pai tentou me estuprar e a minha mãe não fez nada para impedir, mesmo sendo avisada sobre as

atrocidades que ele fazia, ela não acreditou na filha inocente.

— Ele não era o seu pai — grita.

— O quê?

— Quando me casei com ele já estava grávida de você, ele te assumiu como filha, quando você nasceu te registrou como filha dele. Cuidava de você com muito zelo. A implicância com suas roupas, amizades, as brincadeiras na rua, eu achei que era ciúmes de pai, que ele te visse como filha.

— Não era vista como filha, mas como um brinquedinho naquelas mãos imundas.

— Filha...

— Ele colocou aquelas mãos podres em mim durante anos, esfregava seu pênis nas minhas partes íntimas, eu gritava para parar e ele fazia, me tocava, eu me sentia suja, imunda. Te alertei e você não fez nada. Foi falar com ele e acreditou no que ele dizia, o deixando ainda mais nervoso e ele quase me matou enforcada. Naquele dia quando saiu para fazer faxina ele enfiou o pau dele na minha boca, para nunca mais eu falar o que acontecia — digo chorando, me lembrando de tudo o que passei na mão daquele crápula. — Se esfregava em mim, tudo isso debaixo do seu teto, a minha mãe que tinha que me defender, cuidar de mim, não fez nada. NADA! — grito.

— Maria... — ela diz se aproximando tentando me tocar.

— Não rele em mim — grito, a fazendo parar. — Ele ainda não tinha enfiado aquele pênis imundo dentro de mim. Eu sabia que não ia demorar para acontecer, eu não ia deixar ele me estuprar, mesmo que morresse não ia permitir. Sabia que estava sozinha, sabia que estava próximo, então coloquei a faca embaixo do meu travesseiro. Quando a senhora saiu para fazer faxina ele forçou a porta do quarto e entrou, bateu a minha cabeça na parede, corri até a cama tentando pegar a faca, mas ele me jogou na cama e abriu as

minhas pernas, disse que tinha chegado o dia. Juntei todo o ódio que eu sentia, alcancei a faca debaixo do meu travesseiro e quando ele desafivelava o cinto, eu o esfaqueei, puxei a faca e seu corpo jorrava sangue, por mim ele morreria ali. Ele gritava pedindo ajuda e eu fiquei parada com a faca na mão esperando que ele morresse, mas os vizinhos chegaram e o socorreram. Ele não morreu e eu fui jogada em uma casa de infratores, porque quando o acusei, a minha mãe defendeu o marido dizendo que eu era uma adolescente rebelde, só sai de lá quando completei a maioridade. Durante todo esse tempo ninguém. NINGUÉM — grito — foi me visitar, ninguém estava presente no dia que sai de lá. Eu me virei sozinha durante todo esse tempo. Se hoje tenho esse apartamento e luxo como a senhora diz, foi conquistado na raça e com dignidade. Encontrei pessoas que não tem meu sangue, mas fizeram muito mais por mim que o meu próprio sangue. Então, não reclame da forma como eu estou te tratando, estou fazendo por você muito mais do que fez por mim, muito mais do que merece. Tenho motivos suficientes para desejar que a senhora morra bem longe de mim, mas diferentemente estou fazendo de tudo para que tenha um tratamento descente, para que possa viver. Então mesmo com todos os motivos que tenho, não estou te abandonando — finalizo chorando. Braços fortes me abraçam e lembro que Enrico está aqui.

— Estou aqui, Paixão — sussurra em meu ouvido.

— Ele me ameaçou. — Olho para ela e vejo que também chora. — Disse que seu não confirmasse que você era uma adolescente rebelde matava você e seu irmão.

— O quê?

— Eu errei em não acreditar em você no início, mas depois descobri o que acontecia. Naquele mesmo dia o seu irmão me disse, ele viu, estava voltando para casa quando tudo aconteceu. Ia pôr um fim naquilo, mas foi tarde demais. O pior já tinha acontecido. Ele ameaçou matar o seu irmão

degolado, por isso menti.

— Você nunca me procurou.

— Não podia, se ele descobrisse matava todos nós. Ele te encontrou há dois anos, viu que estava bem e veio te procurar, depois voltou para casa furioso porque você recusou a dar dinheiro a ele. Sei que está fazendo muito por mim, fiquei sozinha sem ninguém, perdi meus dois filhos por medo — diz chorando. — Peço o seu perdão, minha filha. — Vem até a mim e se ajoelha. — Me perdoa pelo todo mal que te fiz.

— Não sou ninguém para perdoar. Levante desse chão.

— Eu erreí muito como mãe, mas nunca deixei de amar você, sempre a carreguei no fundo do meu coração. Arrependo-me por não ter acreditado em você quando me disse.

— Agora é tarde para arrependimentos. — Sinto uma vertigem e sou aparada por Enrico não permitindo que eu caia

— Sente-se, Paixão, muita emoção para o seu estado — diz me fazendo sentar.

— Passou — falo me lembrando da gravidez.

—Traz um copo d'água para ela, por favor — Enrico pede olhando para Talita.

Ela rapidamente vai à cozinha, volta com um copo d'água me entregando, bebo toda a água lhe entregando o copo. Preciso me acalmar, essa vida que cresce dentro de mim precisa de exclusivamente de mim.

— Estou bem — falo tentando tranquilizar Enrico.

— O que ela tem? — minha mãe pergunta aparentemente preocupada.

— Maria está grávida, por isso vai se mudar definitivamente para o meu apartamento, para que eu possa cuidar da minha mulher e do meu filho — diz olhando para ela. — Ela nunca iria te abandonar, mas agora precisa que alguém cuide dela e essa pessoa sou eu.

— Eu não sabia... — diz com a voz fraca. — Grávida? Um neto.

— Um filho que vou amar e proteger, que não vou deixar ninguém ferir ou machucar. Não vou permitir que roubem a sua inocência, ele vai viver todas as fases de sua vida — digo.

— Me perdoa! Eu sei que erreí, mas eu te amo, Maria. Você sempre será a minha menina.

Não a respondo, fico em silêncio tentando me acalmar.

— Vamos para casa, Paixão. — Me ajuda a levantar. — Depois pedimos para alguém arrumar as suas coisas e entregar no nosso lar.

Não questiono Enrico, emocionalmente estou cansada e fraca, ele me leva embora. Chegando ao flat, ajuda a tirar a minha roupa e a tomar banho, deitamos na cama e ficamos aninhados.

— Enrico.

— Oi, Paixão.

— Sobre o que você ouviu....

— Xi... Tudo que eu ouvi só me faz te amar e admirar ainda mais. Dorme, Paixão, descanse, quando você acordar eu vou estar aqui. Sempre vou estar com você.

— Eu te amo.

— Também te amo, Paixão.

Sinto os meus olhos pesarem e acabo caindo em um sono profundo.



CAPÍTULO 23 — ENRICO

Sua respiração pesada vai se normalizando, vai se acalmando, até que ela acaba dormindo. Fico abraçado a Maria, tentando dar toda a força e carinho que necessita que ela sempre precisou e ninguém deu.

Quando a observava de longe, desconfiava que possuía algumas marcas, que era o tipo de pessoa que procurava o Clube como uma terapia. Depois que começamos a nos relacionar era evidente que ela carregava marcas profundas em sua alma. Uma adolescência difícil, que a impediu de viver as descobertas e as fases da adolescência. Sua postura confiante e dona de si me fazia acreditar que tinha superado. Talvez até ela mesma acreditasse nisso. Olho para ela e percebo que caiu em um sono profundo, me levanto com cuidado da cama para não acordá-la. Preciso de ar, de forças, vou até a sala, sento-me no sofá e apoio minha cabeça no encosto do sofá. Sinto ódio pelo cara que fez isso com uma criança. Raiva pela mãe que não conseguiu ver o que acontecia à sua volta, raiva de uma sociedade que ainda acha que a culpa é a roupa que a pessoa usava e esse é o motivo de ser violentada. Ódio de saber que minha Paixão é apenas mais uma vítima, que não foi a primeira e não será a última. Todos os dias uma criança passa pela mesma tortura, o mesmo abuso que ela passou e muitas das vezes a vítima acaba sendo questionada e jogando a culpa nela mesma. Como se a culpa do que aconteceu fosse dela, é um absurdo.

A vítima nunca tem culpa, é vítima pronto e acabou.

Fico imaginando a minha Paixão tão nova, com seus olhos assustados tendo que ser forte, tendo que lutar sozinha sem o apoio da família. Sempre sozinha. Imagino todas as dificuldades e propostas indecentes que recebeu até chegar onde está hoje. Ela é uma mulher guerreira, de fibra, que seguiu a vida e tentou o seu melhor. Hoje minha Paixão não está mais sozinha, tem a mim, se antes tinha o objetivo de fazê-la feliz todos os dias, agora esse é a minha meta de vida. Vou cuidar da minha paixão, amá-la todos os dias da minha existência, vou fazê-la tão feliz que não vai sobrar espaço para pensar em seu passado doloroso. Vou cuidar dela e do nosso filho, ser atento a tudo o que acontece à sua volta, ser um pai presente amoroso e protetor. Não vou permitir que nenhum dos dois sofra. Farei tudo para ser o melhor pai e o melhor marido que os dois possam ter.

Volto para o quarto, deito na cama e ela rapidamente se aninha ao meu corpo.

— Quero e vou ser o seu porto seguro hoje e sempre — sussurro em seu ouvido. — Amo você, amo nosso filho. Vou amar, proteger e cuidar sempre da nossa família. Eu te prometo, Paixão.

Fico ali, velando o seu sono, planejando a nossa vida juntos. Quando Maria acorda, está melhor, pelo menos visivelmente. Talvez ela precisasse ter desabafado, ter falado tudo o que aguentou sozinha durante todo esse tempo.



Os dias foram passando, não tocamos mais no assunto do seu passado e aos poucos as coisas delas estão ocupando todo o nosso flat.

Sua mãe segue o tratamento, todas as vezes que Maria vai ao apartamento para ver a mãe faço questão de estar por perto. A visita é formal, a mãe tenta agradar, mas existe uma barreira entre as duas. Acompanhei ela ao médico da mãe e ele disse que o tratamento realmente não estava funcionando, mas que o novo tratamento estava indo conforme o previsto, que era preciso ter paciência e fé.

Cecília, Marta e Eros receberam com festa a notícia da gravidez, ficaram eufóricos. Marta já começou a fazer os sapatinhos de lã e espera ansiosa para saber o nome para bordar as fraldas. O nome está sendo um dilema, nenhum nome Maria gosta, talvez quando descobrirmos o sexo fica mais fácil.



Todos os dias quando acorda, depois de me dar um beijo, Paixão corre e fica na frente do espelho, sempre faz a mesma pergunta “— *Lindo já está aparecendo?*”, diz estufando a barriguinha mais linda do mundo, para frente.

Minha Paixão está com doze semanas de gestação, a barriguinha quase não se mostra, mas ela trocou todo o seu guarda-roupa. Agora usa vestidos soltos que marcam apenas os seios e trocou os saltos por rasteirinhas. Agora usa roupa de grávida e exhibe com muito orgulho a barriguinha ainda quase inexistente, que naquela cabecinha já é enorme.

Como prometido pedi demissão do Clube, raramente vamos lá, Maria prefere sempre ficar em casa assistindo televisão e comendo coxinha. O único desejo dela é a coxinha e eu não aguento mais comer coxinha, ver coxinha, mas é desejo de grávida então aceito e faço todas as suas vontades.

Assumi o escritório do meu pai junto com os meus irmãos, pedi um favor para o velho e ele fez, mas em troca exigiu que eu assumisse o meu lugar. Então assumi e ele resolveu se aposentar indo embora do Brasil após o divórcio com a minha mãe, que saiu na velocidade da luz. Isso só foi possível por suas “influências”.



Ontem descobrimos que o nosso *Solzinho*, na verdade é a nossa *Solzinha*, uma menina, que tenho certeza que vai ser linda igual a mãe e que eu vou morrer de ciúmes quando for adolescente. Mas tenho um plano infalível, quando ela completar quinze anos vou dar de presente um manual de como lidar com os garotos, é só ela seguir o manual que vai dar tudo certo.

Mesmo sabendo que esperamos uma *Solzinha*, ela continua sem nome, nunca imaginei que seria tão difícil escolher um nome. Minha Paixão nunca aprova os nomes que escolho, mas eu pelo menos tento.



Hoje é um dia especial, quero fazer uma surpresa, ela pensa que vamos apenas passar o dia juntos. Estou aqui deitado na nossa cama, esperando ela ficar pronta.

— Lindo? — me chama.

— Oi.

— Você acha que cresceu? — pergunta pela milésima vez hoje, parada na frente do espelho, usando um vestido rosa solto e uma sapatilha nos pés.

Levanto da cama, caminho até ela, a abraço pelas costas, beijo seu ombro e coloco a mão na sua barriguinha.

— Nossa *Solzinha* está crescendo, está maior que hoje de manhã — digo a deixando orgulhosa.

— Eu também acho que cresceu — diz orgulhosa. — Precisamos de um nome, Marta está brava que não sabe o nome para bordar nas fraldas.

— Marlene?

— Não.

— Josefina?

— Nossa! Não! Esquece, você é péssimo em nomes — diz saindo dos meus braços.

— O que acha de Mercedes?

— Sem nomes começados com “M”.

— Marta vai ter que esperar mais um pouco para poder bordar. Esse negócio de nome está complicado. Não se preocupe, Paixão, segundo o manual na hora certa o nome aparece. Vamos?

— Claro, é só seguir o manual que no final dá tudo certo.

— Paixão esperta — digo lhe dando um beijo.

Sáímos do flat, essa é a nossa casa de forma provisória, estou tentando comprar um apartamento no mesmo prédio que da minha Paixão, logo nossa *Solzinha* nasce e precisamos de espaço.

— Posso saber aonde estamos indo? — pergunta quando dirijo rumo a surpresa.

— Daqui a pouco chegamos. — Olho para ela e a vejo um pouco preocupada. — Aconteceu alguma coisa, Paixão?

— Talita ligou essa manhã, disse que minha mãe teve uma noite agitada, amanheceu com um pouco de febre.

— Quer ir vê-la? Podemos ir lá e deixar para outro dia o que eu tinha programado hoje.

— Não, vamos fazer o que você planejou. Você ficou todo animado com esse passeio.

— Tem certeza, Paixão? Podemos remarcar.

— Vamos fazer assim, fazemos o que foi planejando e antes de irmos embora para casa quero dar uma passada lá. Talita disse que se não passasse a febre iria leva-la ao médico e me ligava informando. Acho que é algo mais sério e Talita não quer me preocupar.

— Nós vamos lá ver como ela está, se você quiser levamos ela no hospital. Talita é muito prestativa e não vai esperar o pior para poder agir, confie nela, Paixão, não fique preocupada. Sua mãe está sendo bem cuidada.

— Está certo, lindo, talvez seja coisa da minha cabeça de grávida.

— Uma grávida muito linda por sinal, na verdade acho que a grávida mais linda de todo o mundo. — Pego sua mão e a beijo, depois faço um carinho em sua barriga. — Menina linda do papai.

Estaciono o carro e ajudo Paixão descer, não posso transparecer, mas estou tenso, espero que corra tudo bem.

— Vamos entrar? — Ela me olha desconfiada, mas me acompanha

sem reclamar.

Quando entramos, a recepcionista me olha, ela sabe quem sou e o que vim fazer, então nos acompanha até uma sala reservada. Depois sai, nos deixando a sós. Maria me olha intrigada.

— Então me trouxe no salão? Um dia de beleza?

— Trouxe para você para conhecer uma pessoa.

— Aqui?

Antes que eu possa responder a porta se abre e a pessoa que eu queria apresentar a Paixão entra na sala, ela está acanhada, tensa, chorando.

— Oi — diz dando um tchau com a mão, sem saber ao certo como se comportar. Paixão me olha intrigada.

— Paixão, essa pessoa aqui na sua frente é muito importante na sua vida, infelizmente o destino foi muito cruel separando vocês duas. — Seus olhos vão de mim a pessoa parada alguns metros de nós.

— Ai meu Deus. — Paixão leva as duas mãos a boca e lágrimas começam a escorrer pelo seu rosto. — Marcos?

— Isso, agora Marcela — responde receosa. Quem vê Marcela não consegue imaginar que um dia foi homem, ela é uma mulher tão linda quanto a irmã.

Maria vai até a irmã e a abraça, as duas choram e ficam abraçadas, sentindo uma a outra, tentando minimizar a dor da saudade que ambas sentem.

Olhando essa cena, valeu a pena ter pedido a ajuda do meu pai para achar Marcos, como ela é um transexual mudou de nome, dificultando para encontrá-la, mas meu pai ajudou, sem ele eu não teria conseguido. Seu nome abre portas e possibilidades, assim sendo possível encontrar Marcos, que agora se chama Marcela.

— Meu irmão — diz segurando suas mãos e a olhando de cima a

baixo. — Não, você é uma mulher linda. Minha irmã. — Olha para mim e dou um sorriso para ela, Maria solta a mão da irmã e vem até a mim. — Obrigada, Enrico. — Me abraça. — Obrigada por tê-la encontrado, obrigada por me fazer tão feliz.

— Fazer você feliz todos os dias é o meu objetivo de vida, Paixão!



CAPÍTULO 24 — MARIA

— Eu te amo, Enrico — digo chorando, sem acreditar que ele proporcionou o encontro entre a minha irmã e eu.

— Eu te amo muito mais, não pode imaginar o quanto. Mas agora tem uma pessoa ali. — Aponto para Marcela. — Que quer esse abraço e tem muita coisa para contar para você.

Saio do abraço de Enrico, vou até a minha irmã e acabo a abraçando de novo. Fico sentindo o calor do seu abraço. Minha irmã. Saudade, carinho e alegria são os sentimentos que resumem o que estou sentindo nesse momento.

— Nem acredito que você está aqui na minha frente — digo.

— Pensei que nunca iria te encontrar de novo, nunca te esqueci. Tentei te procurar e não te achei.

— Eu nunca te procurei — confesso. — Pensei que tinha me abandonado como os outros, que tivesse acreditado nas mentiras que contaram.

— Nunca acreditei, talvez esse seja o motivo por ele ter me expulsado de casa, as nossas brigas eram constantes, sempre jogava na cara dele a verdade. Tentou uma vez comigo e não conseguiu. Peguei um pedaço de pau e dei na cabeça dele. — Dá um sorriso tímido. — Sou uma moça, mas na hora fui bem macho e ele nunca mais tentou mais nada.

— Uma moça muito linda. — Respiro fundo.

— Vem aqui, Maria, sente-se um pouco. Vou pedir uma água. Você não pode se emocionar muito — diz me fazendo sentar. Marcela sai da sala e rapidamente volta com o copo d'água me entregando.

— Obrigada — digo aceitando o copo.

— Já sabe o que é? — pergunta olhando para a minha barriga.

— Uma menina.

— Qual o nome?

— Ainda não escolhemos — digo revirando meus olhos.

— Paixão, é muito exigente, nenhum nome que escolho ela aceita. Não sei mais o que fazer, estou ficando sem opção de nomes. Talvez você possa ajudar a escolher o nome da sobrinha. Enquanto isso vai ser *Solzinha*.

— Todos os nomes que ele escolhe são ridículos, não sei de onde acha esses nomes — digo.

— Você vai ser uma mãe maravilhosa, seus olhos brilham quando fala da sua neném, não pode imaginar a alegria que estou sentindo por seu marido ter me encontrado. Eu estava com medo de não me aceitar do jeito que sou, mas você tem tanto amor que transborda. Abraçou-me, não me questionou em nenhum momento, me aceitou da forma que sou.

— Você é linda, é minha irmã, não tenho motivos para não aceitar você.

— Nossa mãe estava tentando aceitar, mas saiu de casa antes que as coisas piorassem ainda mais. Sai e nunca mais voltei, não sei como ela está hoje, se ainda vive com aquele monstro. Tentei fazer ela largar ele, mas não teve jeito, tinha medo e preferia viver daquela maneira.

— Ele morreu — aviso.

— Que o inferno faça bom proveito dele. Tem notícias da nossa mãe?

— Tenho. — Abro um pequeno sorriso. Marcela tem um coração

puro. — Estou cuidando dela, ela mora no meu apartamento.

— Você perdoou a nossa mãe? — indaga com um sorriso de esperança.

— Não tenho que perdoar, estou apenas ajudando. Ela está doente, me encontrou e pediu ajuda, estou ajudando.

— Eles te feriram muito. A mãe te ama, Maria, sempre te amou. Ela sofreu quando tudo aconteceu, se culpou dia após dia, eu estava presente e sei o que a mãe passou durante todos esses anos.

— É mais forte que eu — digo. — Queria não sentir o que sinto, mas fui profundamente magoada.

— Eu sei, só quero que saiba que ela sempre te amou, se lembrava de você dia após dia, nunca te esqueceu. Não estava presente em sua vida, te guiando, te apoiando, mas você estava presente na vida dela, nas orações diárias. Mãe rezava, pedia para que Deus te protegesse, que guiasse o seu caminho, que encontrasse pessoas boas para te ajudar.

Fico olhando minha irmã falar, ela diz o nome da nossa mãe com tanto carinho, com tanto amor, não tem magoas em seu coração, apenas amor. Meu celular toca.

— Pronto — digo atendendo o meu celular.

— *Maria, sou eu Talita.*

— Aconteceu alguma coisa? — pergunto preocupada, já me levantando.

— *Sua mãe piorou e eu a trouxe para o hospital* — diz nervosa. — *Acho que seria bom a senhora dar um pulinho aqui. Estamos no hospital daqui do centro.*

— Estou indo — digo encerrando a chamada, olho para Enrico. — Minha mãe está no hospital.

— Vamos — Enrico chama.

— A nossa mãe? O que ela tem? Posso ir com vocês? — Balanço a cabeça afirmando todas as suas perguntas e que ela pode nos acompanhar.

No caminho até o hospital acabo falando de forma resumida a doença da nossa mãe, Marcela ouve apreensiva. Se sente culpada por não tê-la procurado durante todo esse tempo.

Chegando ao hospital, vamos à procura do médico responsável, mas não o encontramos, mas conseguimos ir até o quarto para vê-la. Quando entramos no quarto, a vejo imóvel em cima da cama, ela está pálida e por um minuto penso que o pior aconteceu, que não está mais nesse mundo, meu coração dói. Eu a perdi, ela se foi.

Corro até a cama e depois de anos abraço a minha mãe. Ela está tão fria, lágrimas começam a escorrer pelo meu rosto, meu coração enfim se abre para ela, apesar de tudo é minha mãe.

— Eu te perdoo, te perdoo — digo entre lágrimas. — Por favor, mãe, não me abandone novamente — peço.

— Calma, Paixão — diz ao meu lado, segurando meus ombros. — Ela vai ficar bem, foi só um susto você vai ver.

— Está tão pálida, fria, eu vou perdê-la — digo chorando.

— Ela vai ficar bem — Marcela diz do outro lado da cama também segurando a sua mão. — Agora que estamos juntas novamente. Está ouvindo, mãe? Estamos aqui, a nossa família quebrada cheia de marcas, agora juntas podemos superar tudo, mas para isso você tem que acordar.

— Acorda, por favor — imploro.

Sinto um aperto na minha mão, olho para o seu rosto e seus olhos se abrem, meu coração quase salta para fora do meu peito.

— Mãe! — digo.

— Minhas filhas — diz unindo as nossas mãos. — Pensei que Deus nunca mais iria me dar oportunidade de rever vocês juntas de novo. Minha

filha Maria, meu filho Marcos.

— Marcela, mãe. Marcela! Esse Marcos não existe mais nem na minha identidade.

— Marcela, não acredito que você está aqui — nossa mãe diz.

— Estou aqui, mãe, linda e loira, o meu cunhado me achou. Que susto em, dona Marines, em um segundo a minha família se encontra e no seguinte um susto desses? A senhora não pode nos assustar assim.

— Foi só uma febre. Disse para Talita não assustar você, minha filha, não pode passar por esses sustos, tem que pensar na minha neta. Eu estou bem, é só uma febre, uma das reações do tratamento.

— A senhora vai ser curar — digo beijando a sua testa.

— Vou, tenho motivos para desejar a minha cura. Preciso viver para juntas tentarmos resgatar a confiança e amor que foi perdido no meio do caminho.

— Nos três podemos reaprender a trilhar o mesmo caminho — Marcela diz.

— Estou com o meu coração aberto — digo.

— Juntas vamos superar — confirma nossa mãe.

Ficamos ali, conversando, tentando nos entender, tentando resgatar um tempo perdido, planejando um almoço em família. Nós três fomos machucadas, cada uma de nós sentiu a sua dor, sofreu, mas agora talvez o destino esteja nos dando uma segunda chance.



Minha mãe ficou internada no hospital por quatro dias, no seu estado de saúde delicado, a febre não é vista como algo simples. Marcela fez questão de ficar no hospital fazendo companhia. O salão a qual Enrico me levou para encontrá-la é dela, fruto do seu esforço e dedicação. Marcela é uma talentosa cabeleira e maquiadora. Quem vê o seu sorriso no rosto não pode imaginar os preconceitos que enfrenta diariamente.

Durante os dias de internação, fui todos os dias visitar a minha mãe, vendo ela e Marcela conversando de forma natural não consigo entender muitas coisas, como por que aceitar que ela fosse expulsa de casa?

Conversando com Enrico decidi deixar essas perguntas e muitas outras enterradas no passado, nada vai adiantar ficar remoendo, só machucar ainda mais. Perdoei minha mãe e estou tentando ter uma relação de mãe e filha, estamos caminhando juntas, a nossa relação já melhorou muito em comparação a alguns dias atrás.

Enrico conseguiu comprar o apartamento no mesmo prédio que o meu, já ia começar a mobiliar e preparar para a nossa mudança, mas fiquei com dó de desfazer do meu apartamento, ele foi mobiliado e planejado com muito carinho por mim. Então, Enrico, percebendo o que eu sentia teve a ideia de passar o apartamento para minha mãe e nós dois continuarmos no meu. De início não aceitei, mas no fim concordei, pois estava no manual e eu não poderia ir contra. Não vamos desfazer do flat, ele vai ser o nosso lugar particular, um lugar só nosso.

Marcela acabou assumindo toda a responsabilidade e cuidados com a nossa mãe, mudou-se para o apartamento novo para fazer companhia a ela. As duas parecem que nunca se separam, algumas vezes até me sinto deslocada quando estou perto, mas Marcela sempre me faz lembrar que eu

faço parte do todo.

Marta e Cecília ficaram felizes em saber que comecei a me aproximar da minha mãe, mas sempre deixando claro que nos três sempre fomos uma família torta e eu as amo muito. Enquanto tudo isso acontece, minha “Solzinha” cresce, me deixando cada dia mais ansiosa pela sua chegada e amando ainda mais o seu pai. Um homem maravilhoso que entrou na minha vida e me fez mudar completamente. Enrico me fez ver uma vida “Além do Prazer”, é em seus braços que quero adormecer todas as noites e acordar todas as manhãs. Hoje é o homem que amo e quero passar toda a minha vida ao seu lado. Afinal, está no manual. *“Quando você encontra o amor verdadeiro é para vida toda”*, não podemos ir contra o manual é só seguir que dá tudo certo.



CAPÍTULO 25 — MARIA

Depois de me matar de comer, enfim estou satisfeita. Passo a mão por meu ventre, já é notável que não ando mais sozinha, uma bela barriga de grávida de trinta semanas de gestação me acompanha. No início foi um susto, mas em questão de minutos, o susto foi transformado em amor.

Estava com desejo de comer a comida da Marta, então Cecília convidou Enrico e eu para jantarmos na sua casa hoje.

— Está satisfeita, *Solzinho* do papai? — Enrico diz beijando minha barriga.

— Acho que sim — falo olhando. — Estava com uma vontade de comer a comidinha da Marta. — Pego uma coxinha e coloco na boca. — Ela ainda fez coxinha.

— Coxinha você sempre tem vontade — Enrico diz desanimado — Não aguento mais ver coxinha na minha frente.

— Maria, nem acredito que daqui a pouco vou ter outro netinho para mimar — Marta diz orgulhosa.

— Nem eu acredito que estou grávida. Não sei como isso pode acontecer.

— Eu já disse como Paixão...

— Enrico nos poupe dos detalhes — Eros diz o cortando. — Convidamos você dois para jantar aqui em casa porque eu e Cecília temos um

PERIGOSAS TRADUÇÕES

convite para fazer.

— Eu tenho Maria como irmã e Marta como minha mãe, vocês sabem que eu e Eros casamos no cartório sem nenhuma festa. Foi uma coisa rápida, precisávamos do documento para a adoção do Davi, ele estava na UTI. Foram dias difíceis, não queríamos comemorar nada, apenas queríamos trazer o nosso filho para casa com vida. Graças a deus Davi está aqui, crescendo e com saúde. Então Eros e eu decidimos fazer o nosso casamento e queríamos convidar vocês dois para serem os nossos padrinhos.

— Eu? — indago com lágrimas nos olhos, não sei se é por causa da gestação, mas estou muito emotiva.

— Claro, você. — Cecília se levanta, vem até mim e segura as minhas mãos. — Nada me faria mais feliz. Será uma cerimônia simples, para poucos convidados.

— Claro que eu aceito — digo limpando as minhas lágrimas. — Já escolheram a data.

— Daqui a sessenta dias — Eros diz sorridente.

— sessenta dias?

— Isso. Sei que está em cima da hora, mas não consigo mais esperar, também quero casar antes dessa menininha nascer. — Cecília passa a mão por minha barriga.

— Eu vou estar com trinta e oito semanas — digo assustada.

— Falando nisso, escolheram o nome? — Marta pergunta.

— Não, Paixão não gostou de nenhum nome que eu escolhi, então por enquanto é solzinho mesmo — Enrico se justifica.

— Todos os nomes que você escolheu eram exóticos para não dizer ridículos — explico. — Mas até a hora dela nascer escolheremos um nome.

— Sem pressa, já desisti de bordar o nome dela — Marta diz desanimada, afinal fez todo o enxoval, ficou faltando apenas o nome.

— Então vocês dois aceitam ser os nossos padrinhos de casamento?
— Eros pergunta.

— Lógico que sim — Enrico fala. — Eu e minha Paixão seremos o casal mais lindo desse casamento.

— Enrico, o casamento é meu — Eros diz sério.

— Eu sei. Não precisa ficar com ciúmes Eros — responde Enrico.

— Agora vamos começar os preparativos, está em cima da hora e é muito trabalho para fazer. Tenho certeza que com a sua ajuda e da Marta será uma festa linda — Cecília fala animada.

— Vai ser o casamento mais lindo de todos os tempos — Enrico diz eufórico.

— Vai ser lindo. Cecília e Eros merecem — concordo.

— Maria, amanhã precisamos ver os modelos dos vestidos de noiva e madrinha — Cecília fala toda animada, deve ser uma emoção enorme, é possível ver como está feliz. — Pode chamar a sua mãe para nos ajudar. E falando nela, como ela está?

— Minha mãe está bem, está morando no mesmo prédio que eu, um andar abaixo. Ela e Marcela se dão muito bem, a doença se foi, mas precisa fazer o acompanhamento para não voltar. Estamos caminhando para uma cura, mas a certeza só vem daqui um tempo.

— Vocês estão se dando bem? — Marta pergunta.

— Podemos dizer que sim — respondo. — Desde que me descobri grávida e reencontrei minha irmã resolvi enterrar de vez o meu passado. Sei que não muda nada o passado, mas achei melhor seguir sem magoas, ela está sendo uma boa mãe e boa avó.

— Isso Maria, você tem uma vida melhor agora, tem a sua família e fará de tudo para essa menina — Marta fala.

— E eu vou cuidar das minhas duas garotas. Sou um homem de sorte,

as duas são perfeitinhas para mim.

—Você é cara de pau — Eros o acusa.

— Cara de pau, não. Mas lindo e irresistível isso eu sou. Já disse, Eros, se conforme, sou mais lindo que você. Diz para ele Paixão que eu sou irresistível.

— Vou fingir que não estou vendo vocês discutirem por isso — digo.

— Tive uma ideia. Poderíamos contratar a sua irmã para nos arrumar.

O que acha, Maria? — Cecília pergunta.

— Marcela vai adorar — digo sorrindo.

Ficamos conversando, falando sobre o casamento da minha amiga, me sinto cansada e pesada. Resolvemos irmos para casa.

A mãe do Enrico resolveu se separar e viver a vida de forma diferente, enfim ela se apaixonou e descobriu que nunca amou o marido, talvez por não saber o que era o amor, acabou sendo o motivo dela viver tantos anos aceitando traições. Hoje ela está feliz.



Os dias que se passam é pura agitação, tenho que me preparar para a chegada do meu solzinho que ainda não tenho nome e ajudar a preparar o casamento de Cecília o que deixa pouco tempo para pensar em um nome.

Tudo referente ao casamento, Cecília pede a minha ajuda, até mesmo nos mínimos detalhes tem a minha opinião. Estou adorando a ajudar a organizar tudo, está ficando um sonho.



Quando menos imaginamos chegou o grande dia, o casamento da Cecília. Estou com trinta e oito semanas de gestação, Enrico me deixou no hotel esta manhã para que eu possa me arrumar. Irei vê-lo apenas na hora do casamento, segundo ele no manual está escrito que dá azar nos vermos antes do casamento. Pelo sim ou pelo não é melhor evitar.

— Está linda — Marcela diz finalizando o meu cabelo.

— Sou tão grata por ter você aqui comigo hoje — digo a olhando. — Pensei que nunca mais iria te ver, que não quisesse me ver, que tinha me abandonado assim como os outros.

— Você é a minha irmã, nunca iria te esquecer ou abandonar. — Pega a minha mão e se abaixa para ficar na minha altura. — Quando tudo aconteceu eu tinha apenas onze anos, ele disse que você tinha ido embora de casa, eu sabia que era mentira. E eu você, sabemos, começou a ser evidente que nunca iria me encaixar naquela casa, nasci menino, mas o meu corpo e alma sempre foram de menina. Fui embora de casa antes de ser expulsa, não dei espaço para que lado a nossa mãe ia ficar, ela já tinha sofrido o suficiente. Sempre nutri o desejo de encontrar a minha irmã. Quando Enrico me encontrou aceitei no mesmo instante te ver, ele foi todo cuidadoso explicando sobre a sua gestação. Você encontrou um homem maravilhoso.

— Você é a minha irmã e a amo muito, a respeito e admiro. A diferença que de Marquinhos virou Marcela, um mulherão lindo.

— Obrigada por me aceitar do jeito que sou, até mamãe está conformada. Estamos nos dando bem.

— Depois de tanta dor, estamos aos poucos reconquistando a confiança e a nossa família.

— Nunca é tarde para recomeçar.

— Verdade — digo com os olhos ardendo.

— Não chore, vai estragar toda a minha obra de arte. Levante. — Me puxa pela mão. — Como está?

— Bem pesada. Aí. — Respiro fundo e coloco a mão no meu ventre.

— Está se sentindo bem?

— Hoje acordei com umas dorzinhas chatas.

— Quer ir para o hospital?

— Não precisa, daqui a pouco passa, é normal sentir essas dorzinhas.

— Vou avisar para todos que você está pronta, sente-se mais um pouco.

Fico sentada enquanto Marcela sai do quarto, poderia falar para ela que não tinha necessidade, que na verdade tínhamos que saber se a Cecília está pronta.

A porta do quarto se abre e entram Cecília, Marta com Davi, Marcela e minha mãe.

— Cecília, ainda de roupão? Você vai se atrasar, vai pôr o seu vestido. Daqui a pouco Eros vai pensar que você desistiu do casamento.

— Deixa ele esperar um pouquinho, não faz mal um pouco mais de emoção. Rapidinho eu me visto. Vim ver como ficou — diz pegando a minha mão e me fazendo levantar. — Está linda, Maria. — Esse vestido ficou lindo em você, uma princesa. Se fosse Enrico ao te ver, iria dizer que parece um raio de sol de tão linda.

— Cecília, eu vou ser a única madrinha a usar cor clara em um casamento. Só você mesmo para me fazer usar esse vestido.

O meu vestido é longo, na cor champanhe, de alças finas com detalhes de guipir. Por causa da minha Solzinha ele é marcado embaixo ao seio, deixando a minha barriga bem evidenciada entre o tecido de renda e o

tule. O vestido é simples, delicado e elegante.

— Nem acredito que o dia de hoje está acontecendo. — Marta coloca Davi em cima da cama e me abraça.

— Calma, Marta, a noiva aqui é a Cecília.

— A emoção é a mesma — justifica.

— Está muito linda, Maria. Fico feliz em fazer parte desse momento da sua vida. Posso te dar um abraço?

Abro meus braços e minha mãe me abraça por longos segundos, estamos caminhando juntas em nossa relação. Um dia de cada vez.

— Não chore — peço secando suas lágrimas.

— Essas lágrimas depois de muito tempo são de alegria. Tenho minhas filhas de volta e minha neta está a caminho. — Marcela vem nos abraçar e ficamos uns segundos curtindo a nossa família.

— Bom, vamos parar com o chororô que tem um casamento para acontecer — Marcela diz firme.

— Cecília, vai se vestir logo, Eros vai ficar louco com o seu atraso — aviso.

— Antes de ir, preciso te entregar uma coisa. — Cecília abre a porta do quarto e em segundos está de volta com um buquê feito de girassol. — Enrico pediu para te entregar e tem um cartão.

Pego o buque e sinto o seu cheiro. Adoro ser surpreendida por ele.

— Ele adora me dar girassol, isso nunca muda — digo com o sorriso no rosto. — Deixa eu ler. Ele também adora bilhetes.

Paixão,

Durante muito tempo a amei de longe em segredo, sonhando com o dia que surgisse a oportunidade de conquistar o seu coração. Quando esse dia chegou dei o meu melhor, tentei ser tudo o que você precisava e com

isso conquistei o seu coração. Meu coração sempre foi seu.

Eu te amo e sei que você também me ama, como fruto do nosso amor vem vindo a nossa menina, que juntos iremos cuidar e amar. A nossa girassol, nossa solzinho, nossa luz.

Vocês duas são a luz da minha vida. Quando penso em vocês é como renovar meus sonhos e tenho a certeza de um futuro juntos. Então preciso fazer uma pergunta.

Você quer se casar comigo?

Antes de você responder, quero que saiba que não precisa ter medo, é só seguir o manual que está tudo certo.

Te amo

Ass: Seu lindo.

Limpo uma lágrima que escorre em meu rosto, em meu coração já sou casada com Enrico, juntos já estamos construindo a nossa família.

— E aí? O que diz no cartão? — Cecília pergunta.

— Ele pediu para se casar comigo — digo sorrindo.

— Você vai aceitar? — pergunta tensa, olho para ela e para as outras e todas estão tensas me observando.

— Claro que aceito, Cecília, Enrico é o homem de minha vida. Lógico que aceito me casar com ele.

— Graças a Deus — todas falam juntas.

— Nunca mais eu aceito fazer parte de uma loucura do Enrico — Cecília fala retirando o roupão, pegando o sapato e colocando no pé. Ela já está vestida. Pronta.

— Quase me mata do coração — Marta reclama.

— Cecília que roupa é essa? Não é o vestido que escolhemos. Alguém pode me explicar o que está acontecendo aqui? — indago.

— Esse vestido é um vestido de madrinha. Vamos, Maria, seu noivo está suando frio te esperando no altar — Cecília fala.

— Como é que é?

— É o seu casamento, Maria.



CAPÍTULO 26 — MARIA

Fico paralisada; olho para todas confusa, acabo de ser pedida em casamento.

— Hoje é o seu casamento, Cecília e não o meu. Isso tudo foi organizado porque era um desejo seu — explico.

— Nunca desejei fazer festa de casamento, Maria. — Se aproxima, me faz sentar e segura a minha mão. — Eros sempre soube, quando casamos foi um momento único, sem festa, sem comemoração, mas dentro de nós estávamos em festa. Tudo isso foi organizado para você.

— Não é possível.

— Você conhece o Enrico e no mundo dele tudo é possível, até mesmo preparar um casamento com ajuda da noiva e ela não desconfiar que estava organizando o seu próprio casamento. Ele te ama, Maria, disse que queria fazer algo que você nunca iria esquecer — Cecília explica. — Nós abraçamos a ideia e ajudamos a preparar tudo.

— Todas vocês sabiam? — pergunto e elas afirmam.

— Quando ele surgiu com a ideia não queríamos aceitar, falamos para ele conversar com você, mas você conhece o Enrico. Ele foi convencendo todo mundo, então resolvemos entrar nessa. Por isso tudo o que foi decidido em relação a esse casamento foi escolha sua, por isso insistia tanto para você opinar.

— Ficou tudo lindo e até o meu vestido de madrinha — digo.

— Que na verdade é de noiva, foi a segunda coisa mais difícil de ser realizada.

— Qual foi a coisa mais difícil?

— Tentar levar você para seu casamento, está sendo a parte mais difícil.

— E se eu não aceitar?

— Já aceitou — Marcela lembra.

— Minha filha, meu coração é fraco.

— Maria, olhe bem o que vai fazer — avisa Marta.

— Maria, você já aceitou o pedido de casamento dele, agora é só casar. Enrico disse que caso você falasse isso era para dizer “*Está tudo no manual, é só seguir que não tem erro*”.

— Manual — digo rindo e me levantando. — Então vamos, preciso ir ali casar, meu noivo deve estar doido achando que eu desisti do casamento. É só seguir o manual que está tudo certo.

— Estava com meu coração na mão — Marta diz ajeitando o meu vestido. — Jovens e suas loucuras, não tenho mais idade para isso. Só para cuidar dos meus netos.

— Está linda, minha filha — minha mãe fala emocionada.

— Obrigada — digo a abraçando, é bom a ter sempre por perto.

— Todas vocês, vão na frente que eu levo minha irmã.

Todas saem do quarto, ficando apenas Marcela e eu, ela rapidamente entra no banheiro e troca de roupa.

— Agora sim, estou pronta para levar a minha irmã até o seu amado.

— Você vai entrar comigo?

— Só se você não quiser, caso contrário serei eu a te levar.

— É muito importante entrar comigo. Vou me sentir honrada.

— Então vamos, mana. Já estamos bem atrasadas.

Sáímos do quarto, pegamos o elevador e vamos direto para o salão de festa do hotel. Alguns funcionários me cumprimentam e parabenizam pelo casamento. Pelo visto fui a última a ficar sabendo do meu próprio casamento.

— Pronta? — pergunta Marcela antes de abrir a porta do salão de festas.

— Estou — respondo com um sorriso no rosto.

As portas se abrem, uma melodia tocada no violoncelo toma conta do ambiente, segurando firme a mão de Marcela caminhamos lentamente pelo tapete branco, em suas laterais pequenos arranjos de girassol. Estava tudo na minha frente o tempo todo, foi eu a escolher tudo, eu que não quis enxergar.

Faço o pequeno percurso com os olhos fixos nos de Enrico, ele está lindo vestido com um smoking preto e gravata amarela, o seu sorriso dispensa qualquer comentário.

Marcela me abraça e me deseja toda a felicidade do mundo, seus olhos estão inundados de lágrimas, assim como os meus.

— Estão lindas, Paixão — Enrico fala me recebendo com um beijo na testa e ficando de joelhos. — Se comporte, Solzinho, papai e mamãe vão casar agora. — Beija a minha barriga.

A cerimônia começa e não sei se é por causa da emoção, mas aquela dorzinha que estava sentindo começa a ficar mais forte. Tento focar nas palavras do juiz.

— Está tudo bem, Paixão? — Enrico sussurra em meu ouvido.

Balanço a cabeça que sim, fecho meus olhos para controlar a dor que vem cada vez mais forte, o juiz continua a falar e a dor vai aumentando, aperto a mão de Enrico com força.

— Seu Juiz você poderia acelerar aí e ir logo para a parte do sim. A minha Paixão não está muito bem.

— Enrico Castellani você aceita...

— Aceito — Enrico diz cortando o Juiz.

— Maria...

— Aceito! AH! — grito sem esperar a pergunta do juiz, em meio a uma dor insuportável.

— Seu Juiz pula para a parte que nos declara marido e mulher logo, que a minha *Solzinha* está com pressa, outra hora a gente troca as alianças.

— Eu os declaro marido e mulher. Pode beijar a noiva.

Enrico me beija, mas nosso beijo é encerrado com um grito meu.

— Ah! — grito me curvando e sendo amparada por Enrico.

— Paixão, não se assuste. Mas a nossa *Solzinha* quer fazer parte da festa. Menina festeira.

— Não está na hora, é daqui duas semanas em um parto cessaria sem dor — digo tentando controlar a dor, que na verdade são contrações, que pelo visto estão presentes desde ontem e eu achando que era apenas um desconforto.

— Vai nascer. — Escuto Marta gritar.

— Minha neta.

— Ah! — Uma dor vem me rasgando e sinto o meu vestido molhar.
— Minha bolsa estourou.

Sinto Enrico me erguer nos braços.

— Calma, *Solzinha*, já estamos indo para o hospital. Viu só Paixão que casamento mais emocionante — Enrico diz com um sorriso no rosto e eu quero matar ele. — Queridos convidados, aproveitem a festa, quando nascer mando mensagem avisando aí comemorem o nascimento por nós.

— Vamos Enrico, eu dirijo. — Escuto Eros falando.

— Eu vou buscar as malas delas — Marcela se prontifica.

Enrico sai comigo nos braços, me coloca no banco traseiro do carro e

segura a minha mão.

— Respira Paixão, daqui a pouco ela vai estar nos nossos braços.

Fecho os meus olhos tentando controlar a dor, mas parece que a cada contração ela vem mais forte.

— Estou aqui, Maria, vai dar tudo certo. — Abro os meus olhos e vejo a minha mãe do meu lado segurando a minha mão. Isso faz o meu coração parar por alguns segundos. Ela está aqui.

Minha mãe está presente em um dos momentos mais importantes da minha vida.

— Eu também, Maria. — Cecília está no banco da frente. — Marta foi com Marcela buscar as malas e nos encontramos na maternidade. Vai dar tudo certo.

— Está tudo no manual, Paixão, não tem com o que se preocupar — Enrico diz depositando um beijo na minha testa. — Calma *Solzinha*, estamos chegando, não judia da mamãe.

Sinto-me protegida com todos ao meu lado. Minha filha está nascendo, daqui a pouco ela estará em meus braços. Outra contração vem, aperto a mão de Enrico e tento controlar a minha respiração. A dor passa.

Eros estaciona em frente à maternidade, saio do carro com ajuda de Enrico, Cecília vai na recepção fazer a minha ficha e eu sou encaminhada para o quarto.

— Pensei que ia tirar esse seu vestido de outra forma. — Enrico diz me ajudado a tirar o vestido de noiva e pôr a camisola da maternidade. — Nossa *Solzinha* puxou o pai, quer toda a atenção para ela.

— Senhor, se quiser assistir ao parto precisa me acompanhar para trocar de roupa — a enfermeira explica.

— Não me deixa sozinha — peço apertando a sua mão.

— Não vou, Paixão, só preciso trocar de roupa. — Coloca a mão na

minha barriga. — Solzinha, espera só mais um pouquinho, papai já volta. — Deposita um beijo na minha testa e sai.

A médica entra na sala, me examina, constata que já estou com nove dedos de dilatação, o parto será normal. Imediatamente ela me encaminha para a sala de parto.

— Não. — Me recuso a ir. — Meu marido, ele vai assistir o parto.

— Vamos senhora, encaminhamos seu marido para a sala, sua bebê está quase nascendo.

Aceito ser levada, pois as dores estão aumentando. Já na sala me colocam sentada na cadeira com as pernas abertas.

— Pensei que era deitada — digo com medo.

— Estudos comprovam essa posição facilita o parto normal — a médica fica entre as minhas pernas. — Você está com dez dedos de dilatação, quando a contração vier, faz força e empurra.

A contração vem e faço força, olho para porta e ela não abre. Quero Enrico do meu lado. Uma nova contração.

— Senhora força, falta pouco — a médica pede.

— Meu marido — digo no meio de outra contração. — Ele tem que estar aqui, eu não consigo sozinha.

A porta se abre e a luz da minha vida entra com os olhos brilhantes, vem até a mim e beija a minha testa.

— Vamos trazer a nossa *Solzinha* para esse mundo, Paixão. — Se posiciona nas minhas costas, apoia a minha cabeça em seu peito e segura as minhas mãos. — Estou aqui *Solzinha* pode nascer agora.

A contração vem, aperto as mãos de Enrico e busco a força que eu preciso.

— Já está coroando. Mais um pouco — a médica incentiva.

— Ah! — grito e o som do seu choro faz o meu mundo parar.

— Nasceu! — Enrico diz beijando o meu rosto. — A nossa *Solzinha* nasceu, Paixão.

A médica a enrola em uma manta e me entrega, a seguro sem jeito, seu choro para e seus olhos brilham...

— Seja bem-vinda, minha filha — digo em meio as lágrimas.

— Papai está aqui para cuidar das duas. — Enrico nos abraça.

Ficamos alguns segundos curtindo a nossa família, o nosso amor.

— Nossa Iris — Enrico diz beijando minha testa. — Obrigado, Paixão, por me dar esse presente, por me amar e me fazer o homem mais feliz do mundo. Iris nossa filha.

— Iris?

— É a nossa mensageira, nosso arco-íris nos dias de chuva. Ela é a extensão do nosso amor.

Minha filha, meu marido, minha família, que amo mais que tudo. Nunca pensei em viver um momento como esse. Uma nova fase na minha vida, em nossas vidas, o que não falta será amor.

Hoje, olhando nos olhos da minha filha Iris, vejo o meu coração batendo fora do meu peito. A minha vida agora tem um novo significado.

FIM



EPÍLOGO

Quinze anos depois.

— Iris, meu arco-íris. Presente de Deus, minha mensageira. Hoje você faz quinze anos e papai tem um presente para lhe dar. Guardei durante anos, esperando o dia de hoje para te presentear.

— Adoro presente, papai?

Enrico pega o embrulho e entrega para a nossa filha, hoje é seu aniversário, ela está linda vestida com seu vestido rosa, pronta para a sua festa. Daqui a pouco o príncipe Davi chega para descer para a festa no salão do hotel. Há exatos quinze anos eu estava nesse mesmo quarto, pronta para casar com Enrico, hoje estou aqui vendo a minha filha.

Iris abre o embrulho, dentro tem um pequeno livro de capa dura, ela passa suas mãos pela capa do livro e olha para Enrico intrigada.

— O que é papai? — pergunta curiosa.

— Um manual — Enrico diz orgulhoso.

— Manual! Sobre o quê? — pergunta alegre.

— Um manual de como lidar com os garotos.

— Obrigada, papai. Amei — diz abraçando o pai.

— Tudo o que você precisa saber está nesse manual, minha filha, é só seguir o manual que vai dar tudo certo — Enrico diz fitando nossa filha, que

PERIGOSAS TRADUÇÕES

está com um sorriso no rosto.

Iris cresceu ouvindo sobre os milhares de manuais que o pai diz que segue, por isso sua alegria por enfim ganhar um de presente.

Acontece que eu nunca vi nenhum manual, Enrico sempre disse que estava guardado em um lugar secreto, pois o manual era uma das portas da nossa felicidade e poderia ser roubado. Em quinze anos de casados uma coisa é certa, Enrico morre de amores e ciúme de Iris.

Sento-me ao lado dos dois na cama.

— Posse ver esse manual? — peço a Iris.

— Pode, mãe. — Me entrega o manual.

— Paixão, é melhor você não ler. Já passou dessa idade, já conquistou o meu coração e não precisa ler. Esse manual é exclusivamente para a nossa filha, você tem que entender isso.

— Eu sou mãe, Enrico, você sabe, a mãe cuida dos filhos. Quando é filha, igual no nosso caso, tenho que mediar o ciúme do pai, que muitas vezes extrapola. Está no manual, você sabe disso.

Abro e começo a ler mentalmente o que está escrito.

Nunca beije nenhum garoto;

Não aceite convite para encontros, eles sempre são furadas;

Não passe seu número de telefone;

Todos os garotos são idiotas;

Reviro meus olhos, não leio o restante. Fecho o manual e olho para minha filha que está ansiosa para saber o que está escrito.

— Filha, acho que o seu lindo pai, pegou o manual errado, aqui dentro estão as dicas de como manter um garoto chato a distância. Então é melhor eu ficar com ele.

— SÉRIO, mãe?

— SÉRIO. A idade está chegando e seu pai não está batendo muito bem da cabeça — digo olhando para Enrico. — Acabou pegando o manual errado.

— Meu pai está lindo, cada vez mais charmoso...

— Posso até concordar que com isso Iris, mas o manual está errado. Acho que ele se confundiu com a capa.

Uma batida na porta nos faz prestar atenção em quem entra.

Davi, hoje com dezessete anos, ficou um adolescente lindo, mesmo não sendo filho de sangue de Eros se parece muito com o pai. É educado, dedicado, além de ser muito bonito.

— Eu vim buscar a minha princesa — diz com um sorriso no rosto. Ele está vestido de príncipe e será ele a conduzir a minha Iris em sua festa de quinze anos.

— Estou aqui — Iris diz se levantando e caminhando até Davi. — O que achou? — indaga dando uma volta para que Davi possa ver.

— Está linda. Parecendo um raio de sol — diz a Iris, a puxando para um abraço.

— Acho que estou tendo um infarto — Enrico diz com uma mão no coração.

Iris se solta de Davi e vem preocupada até o pai.

— O que foi pai? Quer ir para o hospital?

— Vamos Enrico, pare de drama — digo pegando seu braço e o fazendo levantar. — Vamos indo na frente. Daqui dez minutos vocês descem.

— Pode deixar, madrinha. Eu cuido da Iris — Davi fala.

— Estou de olho em você — Enrico fala quando passamos ao lado do Davi. — Eu sei muito bem como tudo acontece, está no manual — acusa. — Traidor.

— O que eu fiz? — Davi pergunta.

— Não ligue, é a idade que está chegando. Vamos Enrico. — Saímos do quarto e dou um tapa em seu ombro. — Palhaço!

— Estava protegendo a nossa arco-íris. Não poderia imaginar que o perigo estava bem ao lado, Eros planejou tudo pelas nossas contas, Paixão.

— Meu Lindo, deixe Iris viver. Ela agora é uma adolescente, tem sonhos para viver, milhares de sentimentos para descobrir. Não corte suas asas, a deixe voar.

— E se ela chorar?

— Iremos limpar as suas lágrimas.

— E se ele quebrar o coração dela?

— Iremos juntar todos os pedacinhos e colar um por um.

— Paixão, onde aprendeu tudo isso?

— Está no manual, é só seguir que está tudo bem.

— Eu não tenho esse manual, Paixão.

— Eu te ensino.

— Ela é nossa filha — diz com os olhos marejados.

— Ela cresceu, a nossa filha não é mais nenhuma menina.

— É linda igual a mãe. Estou fazendo papel de bobo.

— Não, você é um pai preocupado, um marido dedicado e o amo por isso.

— Eu te amo, Paixão e quando pensei que não seria mais feliz a vida nos presenteia com mais esse presente. — Coloca a mão em meu ventre.

Nunca planejamos ter outro filho, Iris sempre foi o nosso raio de sol, por isso nunca achamos a necessidade de ter outros filhos. Diferente de Cecília que sempre desejou uma família grande.

— Ele veio para mostrar que ainda temos muito o que viver. — Depois de quinze anos me descobri grávida, está bem próximo do nascimento do nosso menino. Uma gravidez tardia depois dos quarenta.

— Vamos para o salão. Daqui a pouco ela desce com o príncipe.

— Te amo minha luz, você a nossa família.

— Eu que te amo, você, os seus manuais e principalmente a família que construímos...

Descemos até o salão que anos atrás nos casamos e ficamos esperando a nossa filha para a sua festa.

Tenho uma família linda e um marido maravilhoso que me mostrou uma vida completamente diferente, lutou pelo nosso amor e o fruto de tudo isso é a nossa felicidade.



Agradecimentos

Nunca vou me cansar de agradecer as pessoas que sempre estão do meu lado, me incentivando. Vocês são extremamente especiais na minha vida.

Obrigada a Deus por me conceder esse dom e por colocar pessoas maravilhosas em minha vida. Exemplo disso minha amiga Carol Cappia e Dany. Além das minhas leitoras que hoje considero amigas, não vou citar os nomes, pois são muitas e não quero deixar ninguém de fora.

Meninas, muito obrigada, sem vocês eu não existo.

Agradecimento especial ao meu amor maior, meu filho Bruno Gabriel!

Obrigada especialmente a vocês, minhas leitoras!